



EDITORA



UnB

SOCIOLOGIA DO CORPO

**Donald Pierson e a
sociologia da itinerância**

Dulce Maria Filgueira de Almeida



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Rozana Reigota Naves
Márcio Muniz de Farias

EDITORA



UnB

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

Sociologia do corpo

Donald Pierson e a
sociologia da itinerância

Dulce Maria Filgueira de Almeida



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

	Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais
Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Lislayne de Oliveira Gonçalves
Foto de capa	Dulce Maria Filgueira de Almeida
	© 2023 Editora Universidade de Brasília
	Direitos exclusivos para esta edição:
	Editora Universidade de Brasília
	Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
	Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
	CEP: 70910-900
	Site: www.editora.unb.br
	E-mail: contatoeditora@unb.br
	Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

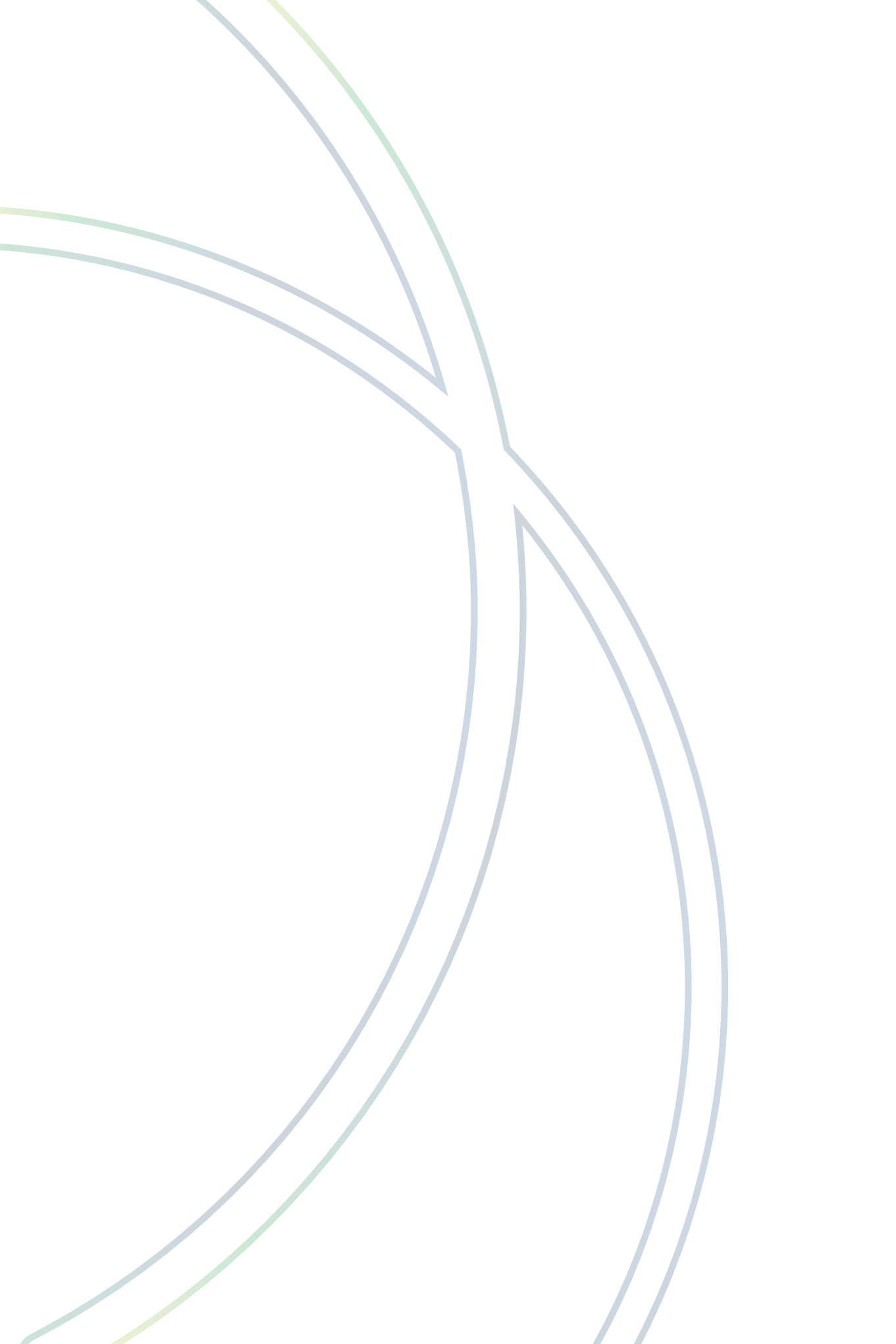
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A447s Almeida, Dulce Maria Filgueira de.
 Sociologia do corpo [recurso eletrônico] :
 Donald Pierson e a sociologia da itinerância /
 Dulce Maria Filgueira de Almeida - Brasília :
 Editora Universidade de Brasília, 2025.
 91 p. - (Série Pesquisa, Inovação &
 Ousadia).
 Formato PDF.
 Inclui bibliografia.
 ISBN 978-65-5846-249-1.

1. Pierson, Donald, 1900-1995. 2.
Sociologia. 3. Etnologia. I. Título. II. Série.

CDU 316

*À memória de minha mãe, dona Angelina.
E à memória de Donald e Helen Pierson.*



Agradecimentos



À Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), que, por meio do Edital de Demanda Espontânea, edição de 2018, possibilitou a continuidade da pesquisa iniciada entre 2014 e 2016.

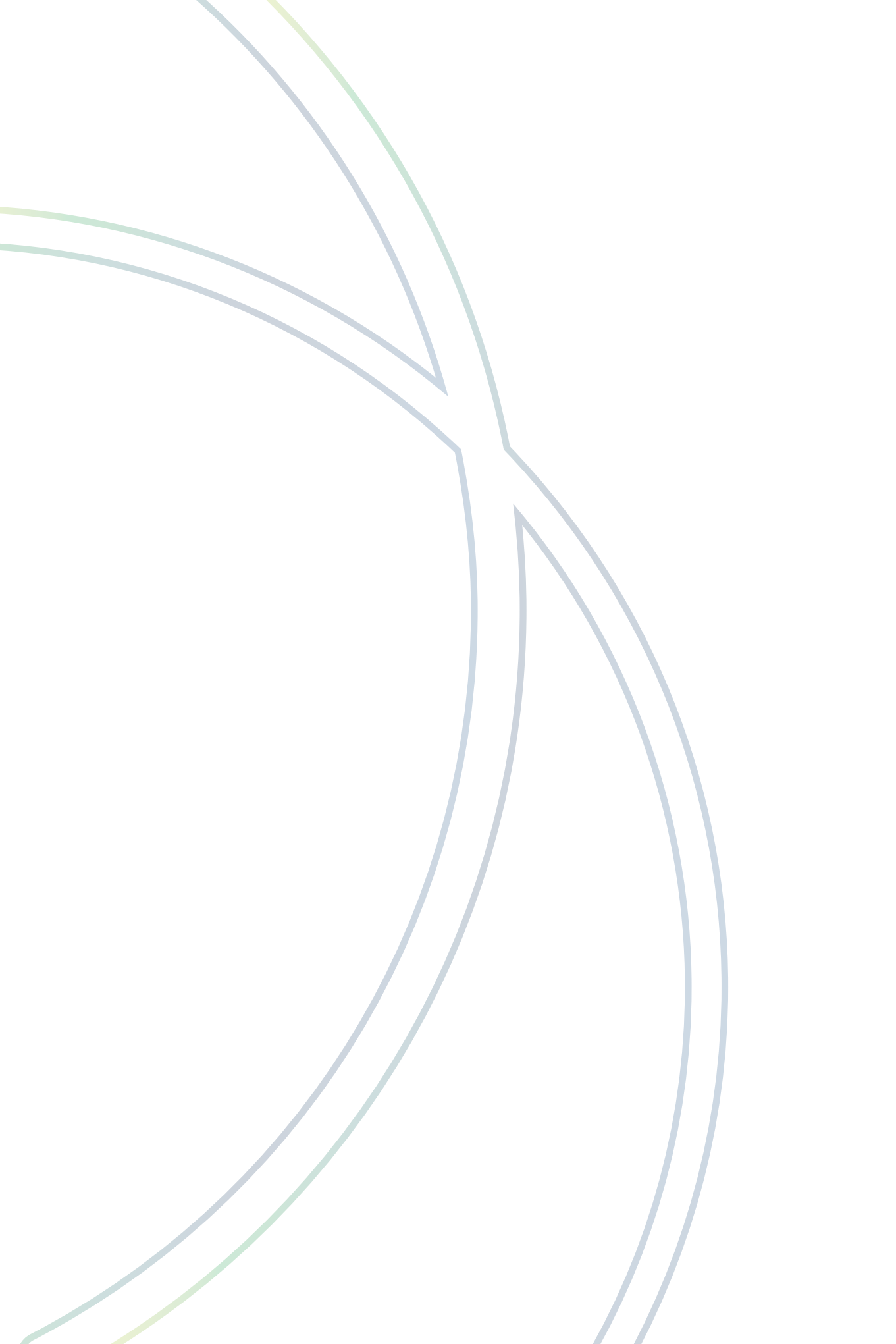
Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de pós-doutorado, que oportunizou a realização da presente pesquisa.

À Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-UnB), que permitiu meu afastamento para realizar a presente investigação.

Aos membros do grupo de pesquisa que coordeno, Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (Necon-UnB), pelas diversas colaborações e diálogos construídos.

Aos bolsistas de iniciação científica, financiados pela FAPDF, que participaram da pesquisa no Brasil: Gabriela Lima Pereira, Victor Hugo Celestino, Pedro Isaac Barretos Pereira e Gabriel Vieira.

A dois especiais interlocutores, Ingrid Wiggers e Fábio Assis, que, pela proximidade temática, acabaram me oportunizando uma ampliação de visão com seus comentários.





Sumário

Prefácio 11

Introdução 19

Capítulo 1

Rotas de uma sociologia da itinerância 23

Capítulo 2

Donald Pierson – O elo entre Chicago e Brasil, registros biográficos 29

Capítulo 3

“Peça da África”, “negro da Costa”, ou simplesmente “preto” ou “negro” (“Preto”) 37

Um homem branco, estrangeiro, pesquisando sobre negros em Salvador, Bahia, Brasil 39

A presença de Donald Pierson na produção científica brasileira da segunda metade do século XX 50

Capítulo 4

Algumas notas de um pesquisador itinerante 55

Capítulo 5

Na itinerância, o encontro com o inusitado 59

**Chegando ao fim, em primeira
pessoa do singular 75**

Referências 79

Apêndice 83

Entrevista sobre Donald Pierson 83



Prefácio

José Machado Pais¹

Se me é permitida uma imagem metaforizada, o livro que o leitor ou a leitora tem em mãos assenta num curioso tripó – palavra cuja etimologia deriva do grego *trípous*, que significa três pés. Era nesses tripós, também designados tripodes ou tripés, que se sentavam as pitonisas da Antiga Grécia, a mais conhecida das quais era a sacerdotisa de Apolo que, no templo de Delfos, anunciava as suas inspiradas profecias. O livro assemelha-se imagetica-mente a um tripó porque assenta em três pilares que se refletem em seu título: a sociologia da itinerância; a trajetória académica de Donald Pierson; e a sociologia do corpo no Brasil. Como adiante veremos, estes três pilares encastram-se em distintas temporalidades, como se os pés do tripó dançassem ao compasso da dialética do tempo

Assim, a *sociologia da itinerância* reivindica um andamento metodológico cujos achados de pesquisa pressupõem uma longa caminhada, um tempo laborioso de questionamentos, de busca de indícios, de levantamento de hipóteses, de esboços interpretativos que, no conjunto, podem levar à descoberta, por vezes imprevista, de realidades obscuras, exóticas, distantes. Por casualidade ou não, ao caracterizar a sociologia da itinerância, Dulce Almeida parece inspirar-se no legado que nos deixou Amiano Marcelino em suas itinerâncias historiográficas. Historiador romano do século IV, nascido em Antioquia, antiga província romana da Síria, Amiano Marcelino notabilizou-se por nessas itinerâncias historiográficas incorporar digressões de natureza etnográfica e geográfica, principalmente em sua mais destacada obra, *Rerum gestarum libri XXXI*. Por seu lado, em suas itinerâncias sociológicas, Dulce Almeida cruzou os terrenos da historiografia e da etnografia, deambulando por arquivos e desenvolvendo um inédito trabalho de campo sobre aspetos menos conhecidos do *modus vivendi* de Donald Pierson (1900-1995).

Outro pé do tripé convida-nos precisamente a ir na pegada académica de *Donald Pierson*, ele próprio um sociólogo itinerante que, na boa tradição da Escola de Chicago, onde se formou, suscitou estimulantes trânsitos disciplinares entre a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a História, bem como pontes metodológicas entre o indivíduo e a sociedade, nas suas vertentes micro e macro sociais. Estimulado por seu orientador Robert Park, Donald Pierson aportou a Salvador da Bahia para realizar trabalho de campo no âmbito da sua tese de doutorado – *A Study of Racial and Cultural Adjustmemnt in Bahia, Brasil* – defendida na Universidade de Chicago em 1939. Dulce Almeida dá

¹ Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais

a esta obra uma atenção especial, destacando a relevância das pesquisas etnográficas desenvolvidas por Pierson para quem a itinerância pressupõe trabalho de campo, trânsitos entre o familiar e o desconhecido, relatos de viagem, diários de bordo, anotações minuciosas das descobertas de terreno.

Finalmente, no terceiro pilar do tripó assenta a *sociologia do corpo no Brasil*, que Dulce Almeida associa a uma perspectiva metodológica reconhecedora da corporeidade humana como objeto de estudo. Para o efeito, surge um incitamento à captação dos sentidos e significados que os corpos exprimem em suas interações cotidianas inscritas em socializações geradas na tecelagem do tempo em sua própria itinerância. Aliás, o que no livro dado à estampa se procura na obra de Donald Pierson é, sobretudo, a sua influência, manifesta ou latente, na fundação de uma sociologia do corpo no Brasil, muito particularmente do corpo negro, cuja representação social aparece frequentemente associada a preconceitos raciais. Porém, a focagem na sociologia do corpo, não deixa de o expor a diferentes intersecções disciplinares, suscitadas pela variedade de dimensões simbólicas, antropológicas e históricas que se entrecruzam quando o corpo se toma como um “fenômeno social total”, na linha de pensamento de Marcel Mauss.

Iniciada em 2014, a pesquisa que desembocou neste livro, ao propor-se identificar a produção científica de Donald Pierson como uma sociologia da itinerância, pode ser visto como um bom exemplo das artes de produção dessa sociologia. Embora carregada de forma independente, a pesquisa conduzida por Dulce Almeida não deixou de calcorrear rastros trilhados por outros pesquisadores, entre os quais David Le Breton, Lúcia Lippi, Isabela da Silva, Sebastião Vila Nova, Carlos B. Martins, Edgar Mendoza, Ingrid Wiggers, David Andrews ou Shannon Jette. O seu projeto de investigação avançou no entrecruzamento de trânsitos dialógicos, experiências de um saber partilhado que Dulce Almeida estendeu a alguns dos seus estudantes de iniciação científica e pós-graduação, ao convidá-los a participar em tão estimulante expedição. Aliás, esse era um lema de Donald Pierson, ao convidar os seus alunos a acompanharem-no em suas companhas etnográficas. Estudantes da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo beneficiaram dessas experiências, como aconteceu na pesquisa (*Cruz das Almas*), desenvolvida no Estado de São Paulo, nas incursões pelo Vale de São Francisco e em muitos outros estudos de comunidade que contaram com o apoio da Fundação Rockefeller e da Smithsonian Institution.

Em suas itinerâncias de pesquisa Dulce Almeida enveredou, como atrás se referiu, por percursos da etnografia historiográfica. Primeiramente, realizando pesquisas bibliográficas e documentais, principalmente nas Universidades de Chicago e da Flórida (Gainesville) e no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade da Campinas (Unicamp); cumulativamente, explorando um tesouro olvidado, ao descobrir uma residência de idosos, sita em Leesburg, na Flórida, onde Donald Pierson passou os seus últimos anos de vida, em companhia de sua

mulher, Helen Pierson. Uma tão preciosa descoberta possibilitou-lhe a realização de entrevistas pessoais à diretora e a outras funcionárias do Charlotte Mayfield Retirement Center, assim se designava a residência que acolheu Donald Pierson e sua mulher, cujo falecimento o deixou numa profunda solidão, de acordo com testemunhos orais das funcionárias da residência. Recorrendo à etnografia historiográfica, Dulce Almeida foi capaz de gerar pontes interpretativas entre os materiais documentais recolhidos e os registos orais reunidos.

Quanto à produção académica de Donald Pierson, ao analisar a tese de doutoramento de Donald Pierson atrás referenciada, obra que viria a ser publicada no Brasil em 1945 (*Branços e Pretos na Bahia*), Dulce Almeida destaca o empenho do sociólogo estadunidense na exploração dos contrastes sociais de discriminação racial entre Salvador da Bahia e os Estados Unidos, acabando por enfatizar os processos de mobilidade social que encontra em Salvador da Bahia suscitados pela mistura de raças, por casamentos mistos e por uma relativa ascensão dos mestiços. Veremos que ao atribuir a estes processos de miscigenação o esbatimento das clivagens de cor, Donald Pierson acaba por desvalorizar a questão racial, designadamente os preconceitos de raça, embarcando na retórica oficial da “cultura da mestiçagem”, à época em voga, entre outros subscrita por Gilberto Freire. Desta matriz ideológica emergiu o ideário da “democracia racial”, expressão cunhada por Arthur Ramos, de quem Donald Pierson era amigo. No entanto, mesmo quando Donald Pierson invoca os processos de mobilidade social entre os afrodescendentes, ainda que faça alusão indireta às “socializações por antecipação” – conceito que Robert Merton usou para sinalizar a incorporação de hábitos culturais do grupo de referência que se pretende integrar – não deixou de assumir uma “visão racial sobre o corpo negro”, como bem assinala Dulce Almeida ao mostrar a adesão de Donald Pierson à narrativa do “mito da potência sexual dos híbridos” ou à negritude das batucadas e aos cordões do carnaval baiano.

As pesquisas desenvolvidas no âmbito da corporeidade pela escola de Chicago, serviram de fonte inspiradora do presente livro, com particular relevo para os contributos de Donald Pierson, cujas longas estadias no Brasil lhe permitiram refletir no alcance conceptual do corpo negro. A abordagem de Dulce Almeida à produção científica de Pierson comprova o impacto que as suas obras tiveram no Brasil, cujas problemáticas e hipóteses de investigação continuaram a ser questionadas, podendo a respeito ser lembradas, entre outras, as obras de Thales de Azevedo sobre as elites de cor; os estudos de Florestan Fernandes sobre a integração do negro na sociedade de classes; as reflexões sobre a hierarquia das raças de Jeferson Bacelar; ou as pesquisas de Carlos Haenbalg sobre descriminação, desigualdades e mobilidade social.

Os comentários ao livro até agora coligidos resultam de uma leitura flutuante e transversal a todos os capítulos do livro. Avançaria agora para uma brevíssima apresentação de cada um. No capítulo 1 (“Rotas para uma sociologia da itinerância”), enunciam-se os fundamentos metodológicos de uma sociologia da itinerância, cujos itinerários incluem

pontes entre o passado e o presente num permanente diálogo entre a sociologia e a história convergente numa etnografia historiográfica onde a relevância dos arquivos não impede o apelo à sensibilidade antropológica nas incursões sociológicas de pendor etnográfico. Nas rotas da sociologia da itinerância sobressai o mútuo atravessamento dos arquivos pelo trabalho de campo, bem como o cotejo dialógico entre provas documentais e vivências pessoais. Aliás, o trânsito de métodos, objetos e teorias entre a sociologia, a antropologia e a história corresponde a cumplicidades virtuosas que as itinerâncias de pesquisa favorecem quando se abrem a hermenêuticas colaborativas. A própria dualidade problemática entre subjetividade e objetividade ganha novas configurações problemáticas ao contemplarem-se as trajetividades, incluindo as que se reportam às temporalidades de curta ou longa duração.

No capítulo 2 (“Donald Pierson. O elo entre Chicago e Brasil, registros biográficos”), faz-se um bosquejo da trajetória biográfica de Pierson, quer na vertente das socializações de âmbito familiar, quer no que respeita à sua trajetória acadêmica, onde efetivamente ressalta uma forte influência do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, protagonizada por mestres como Herbert Blumer, Louis Wirth, George H. Mead, Robert Redfield e, sobretudo, Robert Park, seu orientador de doutorado. Como se verá, após a obtenção desta titulação, Donald Pierson regressa ao Brasil, permanecendo até 1959 na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, aí se cruzando com outros importantes vultos internacionais da Sociologia e da Antropologia, também eles cientistas itinerantes, como Emilio Willems, Roger Bastide, Fernand Braudel, Jacques Lambert, Claude Lévi-Strauss e Herbert Baladus. É nesse ambiente, certamente estimulante, que Donald Pierson, para além da docência, dá continuidade às suas pesquisas que, aliás, integram a primeira leva de etnografias urbanas realizadas na cidade de São Paulo, de algumas delas se dando conta neste livro, quer no que respeita às suas problemáticas de pesquisa, quer no que concerne aos respetivos protocolos teórico-metodológicos.

O capítulo 3 (“‘Peça da África’, ‘negro da Costa’, ou simplesmente ‘preto’ ou ‘negro’ [‘preto’]”), revela-nos a pujança semiótica do corpo, de um corpo transmissor de identidades, mas também capaz de atear preconceitos e discriminações sociais, expressões de um racismo estrutural, ainda que sutilmente afirmado. Porém, quando Donald Pierson contrasta a desigualdade educacional entre *negros*, *menos negros* e *brancos*, acaba por admitir uma mobilidade social ascendente entre os *menos negros* por efeito da mobilidade escolar. *Negros in Brasil: a study of race contact at Bahia* é a trave-mestra deste capítulo, obra que leva Dulce Almeida a questionar o interesse de Donald Pierson pelos negros de Salvador da Bahia; o significado das críticas que, posteriormente, lhe foram dirigidas e, finalmente, a projeção de Donald Pierson na produção científica brasileira da segunda metade do século passado.

No capítulo 4 (“Algumas notas de um pesquisador itinerante”), veremos como notas soltas, em grande parte escritas à mão por Donald Pierson, perdidas na aparente insignificância da sua dispersão, podem adquirir relevância interpretativa quando o seu conteúdo permite traçar o perfil sociológico de quem as escreveu. É o caso das notas que Pierson escreveu sobre os contextos sociais e os constrangimentos epistemológicos da produção científica,

notas redigidas à época em que foi professor responsável pela disciplina de metodologia científica, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Apontamentos de aula, como bem nos mostra Dulce Almeida, permitem constatar que Donald Pierson trouxe na sua bagagem de viajante itinerante o *pragmatismo* que caracterizava grande parte das pesquisas da Escola de Chicago, bem como o apelo ao trabalho de campo, às pesquisas empíricas, ao estudo das comunidades. À imagem de Chicago, São Paulo deveria transformar-se num laboratório de pesquisa. E assim aconteceu, em certa medida tendo o próprio Pierson dado importantes contributos para se atingir esse objetivo, de que é exemplo a pesquisa que desenvolveu e culminou na publicação de *Cruz das Almas: a Brazilian Village* (1949).

No capítulo 5 (“Na itinerância, o encontro com o inusitado”), Dulce Almeida dá conta dos seus itinerários de pesquisa na busca de dados biográficos da trajetória pessoal e profissional de Donald Pierson, lavrados no desconhecido. Com esse objetivo em mira, Dulce Almeida deambulou por bibliotecas brasileiras e estadunidenses, mas também recorreu a buscas mediadas pela Internet, na peugada do inusitado. Até que, por atalhos e travessas que os leitores deste livro desvendarão, acabou por descobrir que Leesburg, pequena cidade do estado de Flórida, havia sido o último pouso de Donald Pearson e de sua esposa, Helen Pierson. E mais. Na Universidade da Flórida, na cidade de Gainesville – mais precisamente na George Armisted Smathers Library – encontraria um dos principais acervos de informação sobre a produção acadêmica do sociólogo estadunidense. Finalizadas as pesquisas nesta biblioteca, Dulce Almeida acaba por descobrir que o endereço que havia sido identificado por meio do obituário de Helen Pierson correspondia, afinal, a um residencial de idosos, onde Donald Pierson vivera a derradeira fase da sua vida e onde viria a fenecer, em 1995, cerca de um ano depois do falecimento de sua companheira. Tendo por guia Dulce Almeida, somos transportados ao Charlotte Mayfield Retirement Center e aos aposentos de Donald Pierce, por onde, graças aos registos fotográficos reunidos, facilmente o nosso olhar se expande, levando-nos a imaginar o mestre no seu espaço de intimidade: ora consultando o seu arquivo; ora redigindo notas soltas na sua escrivaninha; ora lendo um livro na sua cadeira de rodas; ora vendo algum programa de televisão; espreitando a natureza pela janela do seu quarto; arejando ideias numa cadeira baloiçante de uma pequena varanda... Em sua habitação antevemos também memórias vivas de arqueologias da vida, peças não apenas decorativas mas sobretudo evocativas de um passado tornado presente em suas lembranças, como as pedras de diferentes lugares do mundo que Pierson colecionava ou um pequeno vaso grego com registos iconográficos e gravuras corporais que Dulce Almeida recebeu como presente das mãos da diretora do Retirement Center.

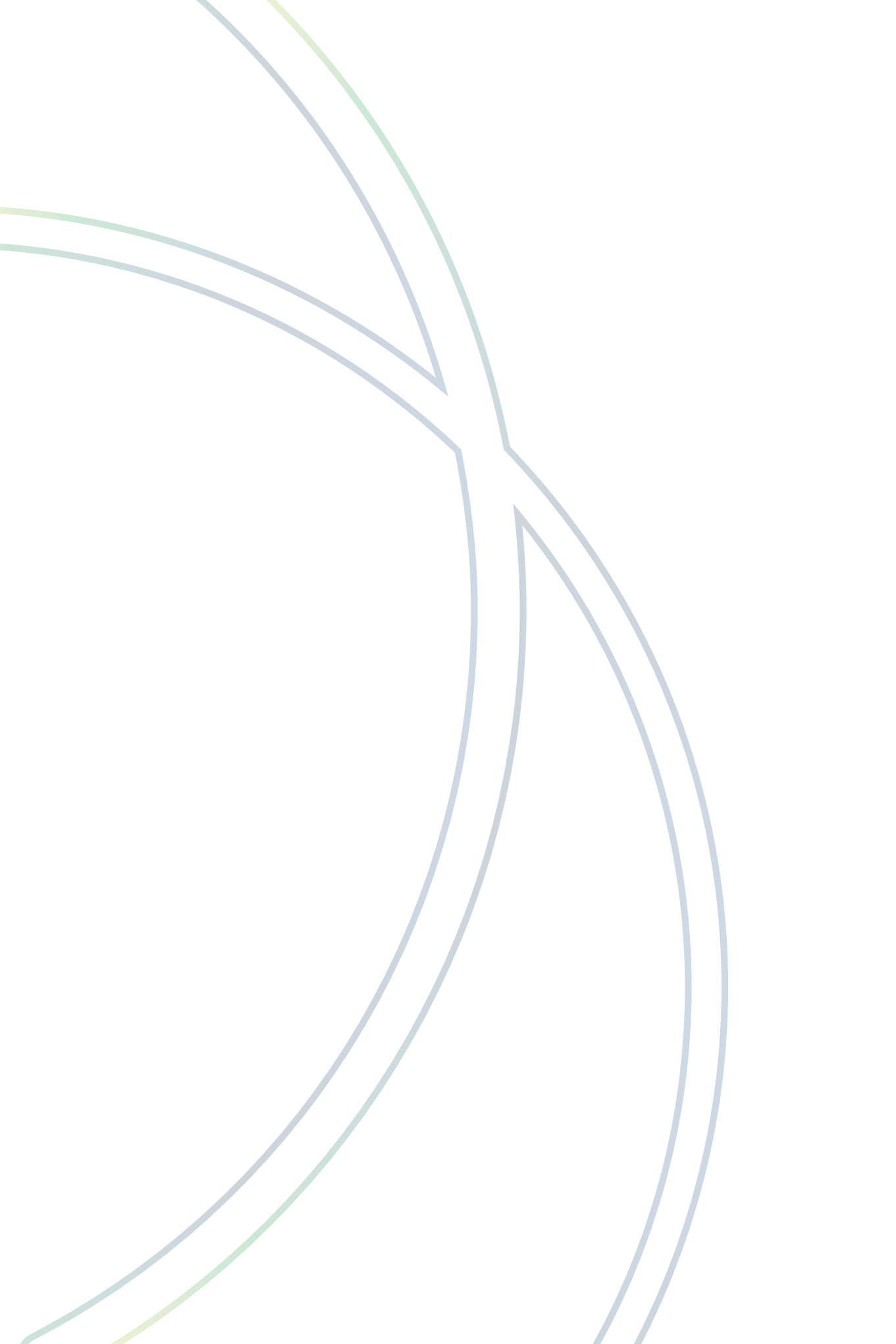
Finalmente, no capítulo 6 (“Chegando ao fim, em primeira pessoa do singular”), ao projetar um balanço do percurso da pesquisa realizada, Dulce Almeida coloca em evidência como nos meandros labirínticos desse percurso, próprio de uma sociologia da itinerância, não se pode menosprezar o contributo notável de Donald Pierson para o desenvolvimento de uma sociologia do corpo, desde logo, no seu livro *Negroes in Brazil*, independentemente de outros consideráveis contributos dados por Pierson para o desenvolvimento da Sociologia

no Brasil, quer como professor, quer como pesquisador, ao explorar com os seus alunos temáticas tão diversas como as migrações, os estudos urbanos ou as relações raciais. Neste capítulo derradeiro, Dulce Almeida conclui que, se para Donald Pierson a itinerância se constituiu como um “projeto de vida”, para ela “a paixão pelo pesquisar, pela descoberta e pelo encontro do ‘acaso’ é a sua grande motivação”. É caso para dizer que a paixão de Pierson conjuga-se bem com a motivação de Dulce Almeida. No fundo, a itinerância nos processos de pesquisa orienta-se por buscas incessantes ao encontro do inesperado ou de indícios conducentes a descobertas com validade científica. Essa é justamente a invocada motivação que mobiliza Dulce Almeida no ofício de socióloga.

Comecei este prefácio aludindo aos tripós em que se sentavam as sacerdotisas da Antiga Grécia, cujas profecias indagavam realidades ocultas ou desconhecidas, apenas vislumbradas mediante recursos que provinham mais de interpretações astutas dos signos da natureza do que de procedimentos que mumificam os protocolos de produção do conhecimento científico. Para além de designar um banco de três pés, na Grécia Antiga *trípode* também designava um vaso consagrado aos deuses. Curiosamente, quando Dulce Almeida tomou a iniciativa de visitar a residência de idosos onde Donald Pierson viveu os seus últimos dias, teve a inesperada surpresa, como vimos, de ser presenteada com um vaso grego que o consagrado mestre trouxera para o seu derradeiro aposento. Essa dádiva, tão surpreendente e inesperada, transformou-se numa relíquia para a autora deste livro. Uma relíquia que é símbolo das itinerâncias que o percorrem e que se projetam nas inscrições iconográficas que dão vida imagética ao vaso. Se o observarmos bem, somos levados a imaginar os trânsitos plásticos que pautaram a evolução da arte cerâmica na Grécia Antiga. Na parte cimeira do vaso encontram-se formas geométricas básicas que em seu sopé dão lugar a figurações humanas onde o corpo adquire uma pujança presencial.

Se essa relíquia pudesse falar da sua trajetória de vida muito teria para nos contar a propósito das suas itinerâncias. Dir-nos-ia que das mãos de um qualquer ceramista – e provavelmente depois de ter passado por vários pousos – tinha ido parar às mãos de Donald Pierson e, de mão em mão, às da diretora do Retirement Center, antes de chegar às mãos de Dulce Almeida. Uma relíquia da qual a autora deste livro abriu mão por um desejo de partilha. Com efeito, o vaso que lhe foi ofertado acabou por ser doado ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), antes de imagneticamente chegar às mãos dos leitores deste livro. Nesta representação virtual, o vaso surge como uma imagem dupla do que potencialmente representa; não apenas a representação de um objeto que adquiriu o estatuto de relíquia, mas também uma metáfora das itinerâncias que percorrem este livro, quer as tipificadas pelas explorações sociológicas de Donald Pierson, quer as que resultam da emergência do corpo em suas múltiplas facetas, como um reconhecido objeto de pesquisa multidisciplinar.

De um corpo que sofre, de um corpo que luta, de um corpo sensível, de um corpo emocional, de um corpo apático, de um corpo prazenteiro, de um corpo que comunica; de um corpo performativo que brinca, que joga, que se traveste; de um corpo intervencionado através de tatuagens e cirurgias estéticas; de um corpo que reivindica a sua sexualidade; de um corpo que reclama o direito à vida ou à eutanásia; de um corpo que é expressão de subjetividades e identidades individuais e coletivas; de um corpo viajante que se afirma em suas itinerâncias. Enfim, neste universo temático muitas problemáticas de investigação se podem construir. A presente publicação, na medida em que enfatiza os marcadores corporais das concessões racistas, perfila-se como mais um contributo oportuno para a desconstrução da retórica discursiva do ideário da democracia racial. Mas vai mais longe. Ao suscitar reflexões metodológicas sobre o reconhecimento da corporeidade humana como objeto de estudo, abre novos horizontes de reflexão sobre a relevância do corpo para o entendimento dos mundos sociais contemporâneos.



Introdução

Figura 1: Vaso que pertenceu a Donald Pierson



A itinerância é parte do processo de construção das ciências sociais. A disciplina sociológica e, sobretudo, a antropológica foram constituídas pelas situações itinerantes. Assim se deram os relatos dos navegadores que foram responsáveis pelas primeiras impressões de terras além-mar, desconhecidas dos povos europeus. Em seu livro *Aprender antropologia*, François Laplatine (1989) demarca o campo da antropologia por meio dessas viagens e afirma que o olhar dos viajantes sobre os habitantes das terras desconhecidas foi determinante para o entendimento metodológico de como serão “abordados” pela disciplina aqueles/as que aqui já existiam. Povos exóticos, andavam despidos, banhavam-se a todo tempo, possuíam peles avermelhadas, enfim, toda sorte de “primeiras impressões” era construída sobre os “nativos”. Apesar do sentido etnocêntrico dos relatos dos navegantes, vale destacar a necessidade de maior conhecimento dos seres humanos presentes nas terras que serão pelos brancos ocupadas.

Concordamos com Le Breton (2006; 2017), para quem a sociologia do corpo é a própria sociologia: a contribuição de Donald Pierson (1900-1995), um sociólogo itinerante, dá-se não só para a formação da sociologia brasileira, como já bem enunciou Vila Nova (1998) em seu livro *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia Brasileira*:

entre humanistas e messiânicos, mas também para a sociologia do corpo no Brasil. A sociologia do corpo pode ser concebida como uma sociologia que estuda os corpos de homens e mulheres em suas diversidades ou pluralidades, atentando para a adoção de uma perspectiva metodológica que reconhece a corporeidade humana como objeto de estudo. Nesse escopo, as investigações são norteadas por um olhar atento a gestos, práticas, sensações (emoções), falas etc. Falamos, portanto, dos corpos e dos sentidos e significados que exprimem, e essa é a abordagem teórico-metodológica que ensaiaremos neste livro.

Trata-se, por assim dizer, de um esforço de compreensão de parte da obra de Donald Pierson e sua influência para a constituição da sociologia do corpo no Brasil. Fruto de um projeto de pesquisa que se inicia nos idos de 2014,¹ buscamos aqui apresentar alguns elementos que ainda não foram considerados em obras de outros pesquisadores brasileiros, como Oliveira (1987), Silva (2012) e o próprio Vila Nova (1998), anteriormente citado. O objetivo do projeto de pesquisa foi analisar as contribuições da escola sociológica estadunidense, notadamente a escola de Chicago, aqui representada pela obra de Donald Pierson, na produção científica brasileira e seus impactos para a constituição de uma possível sociologia do corpo no Brasil.

Especificamente, buscamos identificar os registros históricos de Donald Pierson e, conseqüentemente, verificar em seus escritos quais eram as mediações sentido/significado de corpo negro. Para tanto, temos como premissa que os estudos acerca do corpo negro são considerados precursores para a origem e institucionalização da sociologia do corpo no Brasil, tendo como um dos seus iniciadores o sociólogo Donald Pierson, e que tais estudos são fortemente revestidos pela noção de preconceito racial, parte que conforma o racismo estrutural presente na sociedade brasileira (Almeida, 2022).

Apoiando-se em David Le Breton, para quem a escola de Chicago está atenta à corporeidade por meio dos estudos de terreno, orientação metodológica para o trabalho de campo, que preconiza direta relação empírica, em que as relações físicas dos atores considerados com o mundo não são evitadas, mas, ao contrário, possibilitam anotações minuciosas (Le Breton, 2006). Com efeito, trabalhos como o de Wirth, *The Ghetto*, datado de 1928, e o de Efron (1972) foram salutares para a sedimentação da escola de Chicago e repercutiram nas investigações desenvolvidas sobre o corpo como objeto de estudo. Nessa direção, em referência ao trabalho de Efron (1972), evidencia-se que “os movimentos do corpo contribuem para a transmissão social do sentido” (Le Breton, 2006, p. 20).

Similar compreensão é apresentada por Martins (2013), quando, ao apresentar o legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) para a constituição do interacionismo simbólico, enfatiza que as principais repercussões dos pesquisadores de Chicago compreendem o esforço intelectual em solidificar o campo da pesquisa sociológica, por meio do desenvolvimento de estudos empíricos, que alicerçam a relação indivíduo-sociedade, com base em análises micro e macro da vida social, por assim dizer.

¹ Projeto financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), edital de Demanda Espontânea (2018-2022).

É preciso considerar, ainda, a triangulação construída pelos pesquisadores de Chicago no tocante à mediação indivíduo-sociedade-ambiente. O estudo de Robert Ezra Park sobre o comportamento humano na cidade e o meio ambiente, publicado em forma de artigo em 1915, que trata do processo urbano e da vida social no ambiente, ajudou a alinhar as investigações subsequentes daquela escola, engendrando uma perspectiva de compreensão da ecologia humana.

Entendendo o espaço urbano como pano de fundo para o estabelecimento de processos de interação social entre os indivíduos em seu ambiente natural (Martins, 2013), o trabalho de Park (1915), à semelhança dos estudos antropológicos, advogava a aproximação do/a pesquisador/a com os sujeitos investigados, privilegiando o campo e problematizando o espaço como fazem os etnógrafos (Becker, 1996). O fundamento que aqui se pretende creditar diz respeito à noção de que o espaço é a continuação das pessoas, o espaço pode emprestar ao indivíduo qualidades essenciais e, assim, reciprocamente, o indivíduo pode dotar o espaço de suas características.

Vale ressaltar alguns limites significativos do estudo/pesquisa e da perspectiva empreendida. O primeiro deles é que enveredamos pelo campo da pesquisa historiográfica como uma estudante incipiente, o que seguramente repercute nas escolhas metodológicas aqui adotadas e nos percursos de construção do desenho da pesquisa, que compreende uma etnografia historiográfica, edificada no contexto de uma sociologia da itinerância.

O segundo aspecto é que o encontro com o inusitado – o acaso – transforma a construção textual em um emaranhado de sentimentos e, simultaneamente, de significados que reconhecem e respeitam a trajetória acadêmico-profissional de Donald Pierson. Tais aspectos, juntos, ajudam a justificar a essência deste trabalho, do qual participam de maneira direta e indireta distintos interlocutores, desde estudantes de iniciação científica, estudantes de pós-graduação (mestrandos e doutorandos), minha colega de trabalho da Universidade de Brasília e pesquisadora de temas da história, Ingrid Wiggers, meus supervisores de pós-doutoramento, David Andrews e Shannon Jette da Universidade de Maryland, Estados Unidos, nos anos de 2014 a 2016,² David Le Breton, na França, que me recebeu na Universidade de Estrasburgo no ano de 2018, com quem mantenho um diálogo há alguns anos e segue como minha principal referência nos estudos do corpo, e José Machado Pais, da Universidade de Lisboa, que, pelo atravessamento, igualmente me escutou de forma atenta sobre esta pesquisa.

Consoante esses esclarecimentos iniciais, considerando a conjuntura brasileira, pensamos ser o momento histórico da escrita deste livro oportuno. Dizemos isso por uma razão muito específica: ainda temos no Brasil um negacionismo (real e discursivo, poderíamos dizer até retórico) que invisibiliza corpos de homens e mulheres pretos e pretas (corpos negros). A negação e invisibilização passa, inclusive, por eloquências que

² Contou-se com bolsa de pós-doutorado sênior do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

se colocam como questionamentos das políticas de cotas raciais nas universidades,³ por exemplo. Mas ela – a negação – tem outros meandros que, ao serem ocultados, colaboram para a manutenção do *status quo*. Muito utilizada por juristas, essa expressão do latim apenas ajuda a reforçar a mentalidade de que o racismo no Brasil não existe. Porém, para contraditar o modelo que preconizava a “ladainha” da democracia racial no Brasil, como acentua Schwarcz (2019), ou essa retórica discursiva, como preferimos chamar, podemos pensar – hipoteticamente – em algumas situações. Se dois jovens, ambos pobres, um branco e outro preto, descem o morro (comunidade onde muitos residem no nosso país) e são interpelados pela polícia, será que o tratamento dispendido pelos policiais será o mesmo? Podemos imaginar outros contextos também, como o acesso desses mesmos jovens ao mercado de trabalho. Será que a igualdade de oportunidades é um marcador imparcial em relação à raça? Pois bem, para entender como os corpos de homens e mulheres pretos e pretas ainda hoje no Brasil são discriminados pela cor de sua pele, traços faciais, tipo de cabelo, enfim toda a sorte de marcadores corporais, é necessário construir uma reinterpretação histórica.

Reinterpretar a história significa, no nosso entender, revisitar autores/as e suas obras, que, como Donald Pierson, se debruçaram sobre o assunto a fim de compreender a questão racial no Brasil no início do século XX e perceber como essas obras podem nos ajudar na reelaboração de outros sentidos e significados para os corpos pretos e quase pretos do/no Brasil. Este livro apresenta os resultados da pesquisa “As repercussões da escola sociológica norte-americana na constituição da sociologia do corpo no Brasil”, desenvolvida junto com o Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília. O banco de dados que a compõe apresenta cópias de documentos, cartas, livros e registros imagéticos, que serão utilizados para possibilitar a ampliação das sensações entre o/a leitor/a e o texto, numa perspectiva intertextual.

³ O primeiro projeto de cotas raciais nas universidades públicas federais no Brasil foi elaborado e aprovado pela Universidade de Brasília em 2003. À época, apenas 4,3% dos estudantes se autodeclaravam pretos, pardos ou indígenas. Dados de 2019 demonstram que esse percentual subiu para 48% do universo de estudantes da UnB que se autodeclararam pretos, pardos ou indígenas (Pol, 2022).

Rotas de uma sociologia da itinerância

O passado molda o futuro.
Doc, personagem de *Virgin River*.
Netflix (2022, tradução nossa)¹

A pesquisa social apresenta contornos por vezes inimagináveis. De tempos em tempos, sobretudo quando ela se constitui por um delineamento metodológico histórico ou historiográfico, melhor dizendo, em que a tarefa do/a pesquisador/a é juntar pistas em busca de achados sociológicos e históricos, o desfecho pode ser surpreendente. Conforme a historiografia, o papel do/a pesquisador/a atende a uma dimensão subjetiva, que se interpõe entre ele/a e seus personagens, podendo fazer ressurgir atores ou autores/as que estariam fadados/as ao esquecimento, mas que pode, por meio da escrita histórica, com fundamento no exercício de “decifração do passado”, revelar esquemas intelectuais de uma determinada realidade social, que tem contornos (*shapes*) próprios. O papel do/a pesquisador/a, nesse âmbito, é construir pontes entre o passado e o presente, assumindo essa tarefa de modo dialógico, no nosso caso, por meio da relação constituída entre a disciplina sociológica e a história.

A hipótese, em si mesma, é uma espécie de pressuposição. Surge da íntima familiaridade com certo fenômeno natural e da observação a respeito. [...] Pode ter valor, ou não; somente a investigação o dirá. É uma pressuposição em que 1) se formula uma pergunta e 2) se sugere o modelo de respondê-la. É uma generalização que parece tornar inteligíveis certos dados e, ao mesmo tempo, sugere a direção de novas investigações que poderão levar-nos a aceitar ou a abandonar esta generalização (Pierson, 1977 [1965], p. 49).

Ora, essa definição de hipótese no campo das ciências sociais contraria os postulados científicos tradicionais, verdadeiros marcos/cânone das ciências ditas duras ou naturais. Toda pesquisa encerra a busca por vestígios, achados que ainda não foram evidenciados ou demonstrados de forma clara por outras investigações. No caso da pesquisa aqui executada,

¹ “*The past shapes the future*”.

que definimos como etnografia historiográfica, sua singularidade reside no fato de que essa forma de pesquisar pressupõe buscar indícios de rastros já trilhados por outros pesquisadores em suas produções, seja em forma de livros, artigos, resenhas ou outra forma de socialização do conhecimento, mas que podem ter outros contornos quando alinhavados com outras linhas ou ligações, implicando-se na e com a pesquisa, ao passo que somos motivados por um conjunto de sensações presentes nos achados documentais e em seus desdobramentos.

Silva (2012) utiliza, em sua tese, o termo “etnografia de arquivos” como algo equivalente ao que estamos, ousadamente, chamando de etnografia historiográfica. Conquanto, os detalhes do registro da autora correspondem à exata sensação que temos quando estamos realizando esse tipo de pesquisa. Ensina-nos Silva:

as experiências de buscar pistas sobre os percursos de Pierson em seu país de origem forneceram um significado mais amplo para a noção que eu tinha de “etnografia de arquivos”, inicialmente voltada para aquela situação que envolve o estar em um ambiente de baixa umidade, de temperatura controlada, onde o uso do flash é proibido e manuseamos documentos amarelados que se esfream entre os dedos em contato com as luvas (Silva, 2012, p. 25 e 26).

Complementarmente, diríamos que essa prática que foi descrita pela autora, do ponto de vista físico/material, alimenta, em nós pesquisadores/as, um conjunto de sensações que se projetam para o âmbito emocional, ao passo que o contato com aqueles papéis amarelados nos colocam em contato com o autor e seu tempo. Cada página, desenho ou estilo da letra, notas datilografadas e suas correções, os interlocutores das cartas (destinatários), todos esses elementos produzem um deslocamento espaço-temporal da pesquisadora deste trabalho por meio dos registros. Para quem está em campo, realizando a pesquisa, é como se tratasse-se de uma história viva. Depreende-se que trazer os arquivos como lugar de investigação promove o deslocamento da pesquisa antropológica (etnográfica) para espaços não convencionais. Desse modo, as evidências da pesquisa chegam por meio daquilo que é transmitido por escritos de outros pesquisadores, escritos estes que foram realizados em um tempo histórico diferente, com relações espaço-temporais não necessariamente visitadas pela transeunte pesquisadora. Com efeito, para o desenvolvimento da investigação, que compreendeu a triangulação de métodos e técnicas, teve-se o cruzamento da etnografia com a pesquisa histórica, consoante um conjunto de fontes documentais, com a mediação da pesquisa bibliográfica e combinada com a realização de uma entrevista pessoal.

Seguindo as pistas de Silva (2012), que considerou como “arquivos etnográficos” a reunião dos documentos pertencentes a Donald Pierson, “sob a guarda de diferentes instituições, organizados e reunidos em diferentes períodos, segundo critérios e propósitos diversos e, materialmente localizados em dois países”, perscrutamos nessa direção, visitando três locais, sendo que, desses, dois eram os principais arquivos de Donald Pierson.

As pesquisas bibliográfica e documental foram realizadas por meio de visitas técnicas a locais específicos que guardavam relação com o objeto do presente estudo, a saber: a

biblioteca central da Universidade de Chicago, denominada Joseph Regenstein Library, e a biblioteca George Armistead Smathers Library da Universidade da Flórida, que será aqui referida como GASL, seguida do ano de 2016, quando foi realizada a visita. A GASL está localizada no *campus* de Gainesville, Flórida. Ambas as bibliotecas se encontram nos Estados Unidos. Além dessas, visitamos o Arquivo Edgard Leuenroth, identificado como AEL, cujo ano correspondente à consulta documental é 2022, situado na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Brasil. Todos esses deslocamentos espaço-temporais, contribuem para conformar uma sociologia de corpos em itinerância, parafraseando o título do presente livro.

Figura 2: Prédio principal da George Armistead Library, Universidade da Flórida



Figura 3: Prédio do Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp



A entrevista pessoal foi realizada em Leesburg, na Flórida com a diretora do Charlotte Mayfield Retirement Center, casa para idosos onde Donald Gray Pierson e Helen Joy Batchelor Pierson (1906-1994) viveram seus últimos dias de vida.

Entre idas e vindas, as consultas aos acervos e seus registros em papel ou arquivo JPG, após termos fotografado, sem flash, mais de 1.300 páginas, aproximadamente 800 páginas na GASL, da Universidade da Flórida, e 450 registros no AEL, da Unicamp, conseguimos compreender um pouco mais da história de Donald Pierson. Desse modo, compartilhamos do que enuncia Silva:

em parte, seguir o “arquivo etnográfico” de Pierson no exterior me obrigou a visitar cidades e instituições em que ele atuou afetando a minha sensibilidade em relação à imagem que eu havia construído a respeito deste meu “informante”. E, neste sentido, poucas experiências foram tão marcantes quanto as minhas viagens pelo “deep South” e o período em que passei em Fisk. Ali, ouvi falar pela primeira vez em *white trash* e entendi que nascer e crescer no interior do Kansas não é apenas um dado biográfico de nota de rodapé (Silva, 2012, p. 26, grifo nosso).

Ao referendarmos Pierson como um sociólogo em itinerância, temos que compreender que sua trajetória foi marcada por contínuas viagens. Dessa forma, para estudarmos o que representou a vida e a obra desse autor, é imprescindível igualmente viajar ou estar em estado de itinerância. José Machado Pais, sociólogo português, que pode ser considerado um pesquisador do cotidiano, diz-nos em sua trajetória em busca da compreensão da “lufa-lufa cotidiana”, que a cotidianidade do presente é entrelaçada por múltiplas temporalidades (Pais, 2010). Fazendo-se aqui uma analogia, diríamos que o passado se encontra no presente das múltiplas temporalidades, sobretudo, nas marcas das deambulações de registros de viagens de uma trajetória singular como a de Donald Pierson.

Afinal, o que dizer desse método construído por deambulações, marcadas aqui por seguir pistas de uma rota, de certa forma percorrida por outra pesquisadora (Silva, 2012)? Concordamos com Pais, para quem:

da mesma forma que o pulsar urbano pode ser registrado através de observações ao balcão de uma varanda, também os tempos exteriores podem olhar-se ao espelho dos tempos interiores, os da subjetividade, e vice-versa. A um outro nível, os tempos do presente recuperam os do passado, projectando-os no futuro (Pais, 2010, p. 16).

Assim percebemos a imersão, um verdadeiro mergulho, nos registros documentais e no transcurso percorrido em nossa trajetória até o encontro da casa onde viveram os últimos dias o senhor e a senhora Pierson. É como se o olhar construído “de fora” (do exterior) sob o tempo “de dentro” (do interior) dessa vida ao que se apresenta nas (entre)linhas, muitas delas, escritas à mão (de próprio punho), repletas de cuidado e delicadeza em sua construção. Dessa forma, não é à toa que Silva (2012) reforça, em sua abordagem etnográfica, as sensações pelas quais passou ao “mergulhar” nos caminhos percorridos por Pierson, tendo em consideração sua história pessoal, sua caracterização como *white trash* e o necessário percurso por ele construído em sua vida como pesquisador itinerante. Sensações similares foram as nossas.

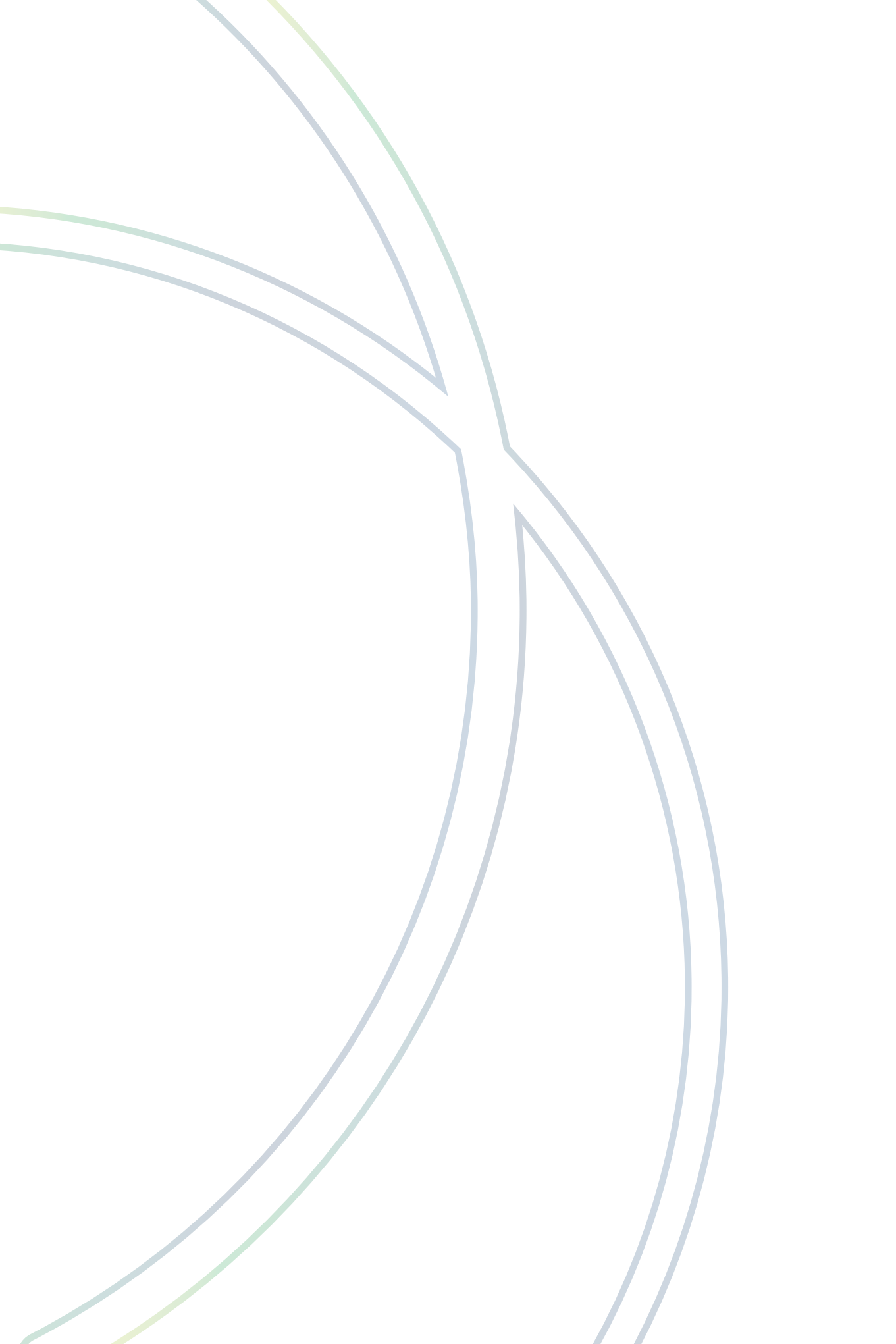
No livro *Antropologia dos Sentidos*, Le Breton (2016) apresenta uma interpretação que nos parece fundamental para compreendermos as sensações, sentimentos e emoções a que estamos suscetíveis como antropólogos ou sociólogos da itinerância, diz ele:

O antropólogo desconstrói a evidência social e seus próprios sentidos e se abre a outras culturas sensoriais, a outras maneiras de sentir o mundo. A experiência do etnólogo ou do viajante é geralmente a do despovoamento de seus sentidos, ele é confrontado com sabores inesperados, com odores, músicas, ritmos, sons, contatos e usos do olhar que sacodem suas antigas rotinas e lhe ensinam a sentir outramente sua relação com o mundo e com os outros (Le Breton, 2016, p. 18).

É exatamente isso que se sucede. Sentimo-nos “outramente” nas viagens que passamos a descobrir ao nos depararmos com o percurso de Donald Pierson. Assim, naquele momento, reconhecemos que grande parte das informações de campo foram de grande relevância para forjar um conjunto de conhecimentos acerca da influência da Escola de Chicago no Brasil, nomeadamente, identificando-se a presença de Donald Pierson como elo entre Brasil e Chicago, EUA.

Portanto, a opção pela pesquisa qualitativa identifica-se com a natureza do problema a ser investigado, notadamente por se buscar a imersão em conceitos fundantes que estão calcados na repercussão de Donald Pierson no Brasil. Nesse particular, destacamos a noção de corpo negro, empreendida pelo autor em sua principal obra *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*. Vale ainda mencionar que, no desenrolar da pesquisa qualitativa, tem-se como uma de suas contribuições mais significativas o fato de que essa abordagem envereda pelo exercício da compreensão do fenômeno a ser investigado. Com esse prisma, a pesquisa qualitativa desemboca na relação entre sentido e significado, tendo por base os conceitos sensitivos (*sensitive*), que passam a substituir categorizações ancoradas em medidas ou parâmetros mensuráveis.

O reconhecimento da importância de Donald Pierson já havia sido registrado por Silva (2012) em sua tese, para além de artigos e livros publicados no Brasil. No entanto, nos Estados Unidos, conseguimos aprofundar as pesquisas bibliográfica e documental a ponto de não apenas realizar o mapeamento da produção científica do autor e acerca dele, mas também realizar uma espécie de escavação nesses documentos, a fim de saber quais eram as condições objetivas, subjetivas e, quiçá, intersubjetivas da produção da obra de Donald Pierson. Atentando-se, para além disso, ao porquê do seu pouco reconhecimento, ou pequena distinção, na área das ciências sociais no Brasil e no mundo. Por fim, se havia motivação para defendermos a importância desse autor para os estudos do corpo no Brasil, forjando aquilo que temos denominado de sociologia do corpo neste país. O percurso transcorrido, construído seguindo pistas, como uma espécie de mosaico em que as peças foram se ajustando, demonstrava que sim.



Donald Pierson – O elo entre Chicago e Brasil, registros biográficos

O que de ordinário chamamos de preconceito parece ser, pois, mais ou menos, uma disposição espontânea para manter as distâncias sociais.
Pierson (1970, p. 442)

Silva (2012) traz em sua tese, intitulada *De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das ciências sociais (1930-1950)*, uma abordagem ampla e profunda sobre a trajetória intelectual de Donald Pierson, principalmente em seus itinerários constituídos entre o Brasil e os Estados Unidos. Afirma a autora:

este trabalho toma Donald Pierson como fio condutor, buscando tratá-lo em perspectiva, pensando-o como “homem-ponte” entre dois mundos formados pelo ambiente intelectual no Brasil e nos Estados Unidos, e atuando em diferentes tempos e contextos (Silva, 2012, p. 17).

Valendo-nos dessas contribuições, para além de importantes estudos empreendidos sobre nosso autor, que conta com uma série de adjetivações como, por exemplo, homem-ponte; o estrangeiro; e, para nós, o sociólogo itinerante, voltaremos nossa atenção às contribuições de Donald Pierson acerca dos estudos do corpo no Brasil. Nesse ímpeto, o conceito de corpo negro ganha destaque nas nossas deambulações, construídas como uma etnografia historiográfica.

Donald Pierson¹ (*pier son*, filho da pêra), como ele menciona em correspondência a um amigo, nasceu em 8 de setembro de 1900, em Indianápolis, Indiana, Estados Unidos

¹ Gostaria de ressaltar que a tese de que Donald Pierson se constitui como elo entre a sociologia estadunidense e a sociologia brasileira não é nova, nem de minha propriedade. Silva (2012) demonstra, em sua tese de doutorado, que Donald Pierson é um “homem-ponte” entre dois mundos formados pelo ambiente intelectual no Brasil e nos Estados Unidos.

(AEL, 2022). Oriundo de família humilde, era o filho mais velho de um total de três crianças. As condições objetivas não possibilitaram a Pierson acesso à educação formal desde a infância, tendo sido alfabetizado por sua mãe Ada May (Brown) Pierson, além de não ter disponibilidade para leitura de livros em razão do local onde morava.

O gosto pela leitura, no entanto, iniciou-se desde a infância, culminando com a leitura da bíblia e sua inserção na vida religiosa protestante, seguindo os passos de seus pais William Gilbert e Ada. As tradições familiares relacionadas ao protestantismo se desdobravam desde o movimento protestante procedente dos países britânicos, denominado de Quaker,² até a igreja Discípulos de Cristo, passando pela Congregacional e Presbiteriana, como registra em suas cartas ao sociólogo brasileiro Vila Nova nos idos de 1989. Notadamente, o envolvimento com a religião permitiu a Pierson ativa participação como secretário na Sunday School, seguindo sua trajetória ocupando cargos importantes como o de presidente da Christian Endeavor Society e da Young Men's Christian Association (YMCA)³ (Vila Nova, 1998).

Em Geneva, no Kansas, Pierson cursou a escola elementar, concluindo o ciclo, que costumava durar nove anos, em sete anos e contando com a mais alta menção de seu *county* (subdivisão do Estado), e lá mesmo ingressou na *high school*, concluindo com 16 anos de idade. Porém, Pierson não poderia sair de Geneva até que seus irmãos pudessem ajudar a seus pais, por isso, só com 22 anos de idade segue para Emporia para fazer o último ano da *high school*, quando também obteve a mais alta menção da turma, o que lhe proporcionou uma bolsa de estudos (*tuition*) para o College of Emporia⁴ (Vila Nova, 1998).

Vale a pena mencionar que, à época em que Pierson estava realizando seus estudos secundários, a sociedade estadunidense a apresentava e, ainda hoje apresenta – basta vermos os episódios recentes, como, por exemplo, o que culminou com a morte de George Floyd –, uma clara distinção/divisão entre brancos e negros/pretos, que era e ainda é fundamentada pela segregação racial. Notadamente, esse sistema participa das entranhas da constituição da sociedade estadunidense. Contudo, para além dele, há uma subdivisão entre brancos e brancos de origem pobre, sobretudo, aqueles cuja origem vem da zona rural, a qual pertence Donald Pierson. Segundo Silva (2012), esse grupo constituinte de pessoas brancas é considerado cidadão de segunda classe, sendo vistos como diferentes, inclusive, em termos legais.

Durante o *college*, Pierson conhece a literatura inglesa, interessando-se pela arte e pela psicologia por meio dos estudos do comportamento humano, que mais tarde resultarão em seus esforços para a compreensão do comportamento social, sobretudo, com fundamento na

² Compreende vários grupos religiosos, cuja origem é o movimento protestante britânico do século XVII. Preconizam o pacifismo e a simplicidade, rejeitando a hierarquização tradicional da demais igrejas cristãs. Além de importante diferença ritualística durante o culto, a prática do ritual do batismo também é diferenciada nessa religião. Personalidades famosas como Johns Hopkins (filantropo estadunidense, fundador do Johns Hopkins Hospital e do Johns Hopkins University) era um praticante Quaker (Grubb, 1925).

³ YMCA, no Brasil conhecida como Associação Cristã de Moços, chegou neste país em 1893.

⁴ Em suas correspondências a Vila Nova, Pierson observa que, para assegurar sua manutenção em Emporia, trabalhou 5 horas por dia em uma pequena companhia de preparação de remédios, recebendo 35 centavos por hora de trabalho (Vila Nova, 1998).

psicologia social. Em Emporia, Pierson conheceu aquela que se tornaria sua companheira de jornada, Helen Joy Batchelor (Vila Nova, 1998). Após a conclusão do *college*, Pierson inicia seus estudos graduados na Universidade de Chicago, tendo sido aluno de Robert Park, Herbert Blumer, Louis Wirth, George H. Mead, Robert Redfield e tantos outros importantes intelectuais do departamento de sociologia de Chicago, que já era, à época, uma instituição de grande prestígio internacional.

De acordo com o antropólogo e sociólogo francês David Le Breton, que considera os pesquisadores da Escola de Chicago parte daquilo que podemos chamar de matriz da sociologia do corpo, por ofertarem seus estudos de terreno e suas concepções de ecologia humana, o encontro com Donald Pierson parecia mais do que um pressuposto. Seria o fio condutor de uma pesquisa que, objetivamente, iniciou-se por meio da busca de fontes históricas acerca da relação entre a sociologia estadunidense e a brasileira no que concerne aos estudos do corpo.

As investidas na rede mundial de computadores – a internet – e a visita ao departamento de sociologia de Chicago nos possibilitaram a construção de um pequeno acervo sobre Donald Pierson, em que algumas obras merecem destaque: *On social control and collective behavior*, edição de 1967; *The city: suggestions for investigation of human behavior in the urban environment*, edição de 1992, ambos de Robert Ezra Park; *Robert E. Park: biography of a sociologist*, escrito por Raushenbush, com epílogo de Everett Hughes, edição de 1979; e um trabalho de Suzie Guth, que apresenta um título bastante sugestivo, a saber: *Robert E. Park: itinéraire sociologique de Red Wing à Chicago*, edição de 2012. De autoria de Donald Pierson, obteve-se a edição de 1967 de *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*; *Cruz das almas: a brazilian village*, edição de 1949, publicado em Washington, D.C. em 1951, no qual se verifica de antemão o financiamento recebido pelo Instituto Smithsonian dos Estados Unidos. Por fim, um exemplar do Tomo I de *O homem no vale do São Francisco*, que pertenceu ao próprio Pierson, edição do Ministério do Interior do Brasil e da Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), Rio de Janeiro, 1972.

A produção bibliográfica do Departamento de Sociologia de Chicago é representativa da formação geral em sociologia, ao passo que é responsável por uma reorientação metodológica para a disciplina, como se nota a seguir:

Graduados e docentes de Chicago têm moldado subcampos da sociologia, desde a estratificação e a demografia até estudos sobre o desvio em contextos urbanos. Originaram metodologias que vão da análise de trajetórias e modelagem log-linear até a etnografia urbana. Diversos em interesses, metodologias, teorias e políticas, docentes e discentes em Chicago estão unidos pela intensidade de seu compromisso intelectual, pela tentativa de combinar uma investigação rigorosa com o respeito intelectual mútuo, e pela

aspiração de continuamente reinvenção da sociologia como um referencial para a investigação social.⁵

Robert E. Park, ao lado de Albion W. Small (1854-1926); Ernest W. Burgess (1886-1966); Roderick D. McKenzie (1885-1940) e William Thomas (1863-1947) compõem a primeira geração da escola sociológica de Chicago. Segundo Becker (1996), Thomas e Park são seguramente os mais importantes e influentes professores de Chicago daquela época, sendo responsáveis pela formação de uma “escola de atividade”. Para Becker (1996), citando o trabalho de pesquisa de um estudante da Universidade de Northwestern, uma escola de atividade se constitui de um grupo de pessoas que se reúnem para realizar a mesma atividade, todavia não fazem uso dos mesmos referenciais teóricos e não conformam uma escola de pensamento. Sendo assim, Chicago pode ser entendida para Becker (1996) como uma escola de atividade, que se dedicou a formar pesquisadores sob o guarda-chuva das pesquisas sobre o urbano. Esses pesquisadores, por seu turno, desenvolveram pesquisas e teorias, percorrendo caminhos diversos.

A primeira obra publicada no Departamento de Sociologia de Chicago foi *The City: Suggestion for the Investigation of Human Behavior in the City Environment*, em 1915, e é de autoria de Robert Park. Tido como um dos principais representantes da Escola Sociológica de Chicago, Park foi o primeiro estudioso autodidata das relações raciais nos Estados Unidos (Raushenbush, 1979). Entre 1914 e 1932, ele foi o mais importante expoente de Chicago. Suas pesquisas são consideradas precursoras em razão do reconhecimento e da ênfase dada por ele nos estudos de terreno ou trabalho de campo, calcado na história de vida das pessoas e pelo conceito de ecologia humana, que serviria para consolidar os estudos de sociologia urbana.

A segunda geração de sociólogos foi formada por Frederic Thrasher (1892-1970), Louis Wirth (1897-1952) e Everett Hughes (1897-1983) e praticamente seguem a mesma linha de investigação que os sociólogos da primeira geração, isto é, apresentam preocupação com os problemas urbanos, uso da etnografia como método de investigação e realização de observação como técnica, além de outros aspectos. Sobressaem do trabalho desses autores temáticas como raça, imigração, mídia, delinquência e crime, lei, suicídio, conflitos nas relações maritais; entretenimento, prostituição, culturas de gangues, vida em guetos, apenas para citar alguns temas (Hart, 2010). É válido ressaltar que essa segunda geração de Chicago era composta por ex-alunos de Park, alguns deles, inclusive, tendo sido seus orientandos de doutorado no próprio departamento.

⁵ "Chicago graduates and faculty have shaped sociological subfields from stratification and demography to deviance and urban studies. They have originated methodologies from path analysis and log-linear modeling to urban ethnography. Diverse in interests, methodologies, theories, and politics, faculty and students at Chicago are unified in their intensity of intellectual commitment, in their attempt to combine rigorous inquiry with mutual intellectual respect, and in their aspiration to continuously reimagine sociology as a framework for social inquiry" (About, [2016]).

Park⁶ também foi professor e orientador de Donald Pierson⁷ entre 1940 e 1957. Inicialmente, Pierson realizou trabalho de campo na Bahia, onde permaneceu por 22 meses, tendo voltado para os Estados Unidos a fim de defender sua tese de doutorado sobre as relações raciais na Bahia (Donald [...], 1938-1965). Após defender sua tese de doutorado, Pierson voltou ao Brasil para lecionar. No Brasil, trabalhou ao lado de intelectuais como Emilio Willems, Roger Bastide, Jacques Lambert, Claude Lévi-Strauss, apenas para citar alguns. Esses intelectuais, aos quais se inclui Donald Pierson, tinham como imperativo formar novas gerações de sociólogos que passassem a ocupar papel de destaque na economia, política e na gestão, ao tempo em que também promoveria o estreitamento de relações entre o Brasil, o norte das Américas e o continente europeu. Tratava-se, com efeito, de um grupo de especialistas estrangeiros, como afirma Oliveira (1987, p. 36): “levando a Sociologia a se encaminhar na direção dos padrões e ideais do trabalho científico”.

Mas a ascendência de Park sobre Pierson não é evidenciada apenas por meio da visão de ciência empreendida por ambos. Há também similaridade entre as concepções de ciência social, pois as compreensões dos autores partem do pressuposto de que a interação social – e, conseqüentemente, a socialização, como se depreende de George Simmel – é resultado da forma como os seres humanos interagem entre si e com o habitat no qual estão ecologicamente inseridos (Park *apud* Pierson, 1972).

Tomando São Paulo como laboratório, Pierson inaugura no Brasil um tipo de sociologia muito próxima à do departamento de Chicago. A esse respeito, Silva (2009) faz uma consideração interessante sobre a atuação intelectual de Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). Entre outras coisas, a autora chega à conclusão de que os estudos de Pierson, que tomavam São Paulo como laboratório e que estão na primeira fase de suas pesquisas como professor-convidado, são cruciais para se ter uma melhor compreensão da cidade de São Paulo, conformando o início de uma agenda de pesquisa para a primeira geração de sociólogos no Brasil.

Conforme Oliveira (1987) e Oliveira e Maio (2012), é desse período o empreendimento de Pierson sobre a constituição de uma agenda de pesquisa para a cidade de São Paulo. Tal qual Park e Williams, que desenvolveram estudos sobre Chicago, Pierson tenta elaborar um programa de pesquisa que dê conta da cidade de São Paulo nos anos 40 e 50 do século XX. Desse programa de pesquisa, resultaram oito trabalhos em forma de artigos publicados em periódicos científicos, sendo o lócus de estudo constituído por bairros da cidade de Chicago e de outras cidades próximas. De acordo com Mendonza (2005), apesar

⁶ Em 1937, Robert Park, orientador de doutorado de Donald Pierson, vem visitar seu aluno em Salvador, Bahia (Valladares, 2010).

⁷ No primeiro período em que esteve no Brasil, além de desenvolver sua tese de doutorado, Pierson elaborou estudo de cunho metodológico, no qual passa a definir hipótese de trabalho como algo que pode ser contrariado, revogável, e não como uma afirmação peremptória acerca do que o cientista social pretende estudar. Essa concepção está apresentada no livro *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, cuja primeira edição é de 1945 (1977).

de serem poucos e descontínuos, esses trabalhos representaram as primeiras etnografias urbanas sobre a cidade de São Paulo.

No escopo desses trabalhos, um merece destaque. Trata-se de um texto de Oscar Araújo, denominado *Enquistamentos étnicos*, publicado em 1940 na revista do arquivo municipal, em que o autor apresenta uma pesquisa detalhada sobre as características físicas e biológicas dos imigrantes de São Paulo. O estudo de Araújo (1940) foi realizado em três bairros da cidade de São Paulo, definindo, com isso, três grupos étnicos: (a) grupo sírio; (b) grupo japonês; (c) grupo judeu. Na sua análise, Araújo faz uso de categorias como aclimação, habitat e zona ecológica, em que fica evidente a utilização dos conceitos de Park, além de apropriar-se do tipo de metodologia utilizada pelos autores da Escola de Chicago, posto que Araújo (1940) explica que o tipo de metodologia adotado consiste na observação *in lócus* da distribuição ecológica dos enquistamentos, à maneira de guetos. “A propósito, os conceitos de *base map* e *melting pot*, bem como as chamadas zonas concêntricas de Burgess, também foram utilizados por Araújo (1940)” (Mendonza, 2005, p. 230). Desse modo, essa pesquisa aparece como importante para a compreensão do corpo, do ponto de vista físico, por meio do estudo de grupos étnicos, constituídos por imigrantes no Brasil.

A tese apresentada em *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia* (1939), de autoria de Donald Pierson, além de problematizar a questão racial no Brasil, enfatizando diferenças substanciais entre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos, constrói uma leitura das relações raciais em Salvador, Bahia, muito próxima àquela apresentada por Park sobre o homem marginal em Chicago, na qual o homem é produto de conflitos interculturais (Becker, 1996; Valladares, 2010).

Donald Pierson constituiu a primeira geração de intelectuais estrangeiros que foi convidada a contribuir na formação do corpo docente e de pesquisadores da Escola Livre de Sociologia e Política. No Brasil, Pierson ministrou aulas e orientou o primeiro grupo de sociólogos da ELSP, criado em 1935. Já em 1941, Pierson organizou a divisão de estudos pós-graduados, incluindo no programa a instância dos seus alunos por determinado período no exterior, como foi o caso de Mário Wagner Vieira da Cunha, Oracy Nogueira, Juarez Brandão Lopes e Levy Cruz (Oliveira, 1987; Oliveira; Maio, 2012).

Consoante Silva (2012), interpretar o sentido da formação intelectual de Pierson é contar com algumas ambivalências e não aceitações. Adicionalmente, é possível extrair da tese de Silva (2012) uma linha do tempo da trajetória intelectual de Donald Pierson.

De modo complementar, os arquivos de pesquisa identificados na Universidade da Flórida (GASL, 2016) contribuem para a construção dessa linha do tempo, ao passo que temos, ainda, sua participação como pesquisador associado na Universidade de Fisk, entre 1937 e 1939. Mais tarde, nos anos de 1960 e 1961, após retornar aos Estados Unidos, Pierson foi professor visitante na Escola Nacional de Antropologia, em um programa vinculado à Organização dos Estados Americanos. Entre 1963 e 1964, recebeu uma bolsa de pesquisa, *Guggenheim fellow*, para realizar uma pesquisa em Portugal e na Espanha. Por fim, foi professor (*lecturer*) em Portugal no ano de 1966, contando com apoio financeiro da Fulbright.

Figura 4: Linha do Tempo de Donald Pierson no Brasil

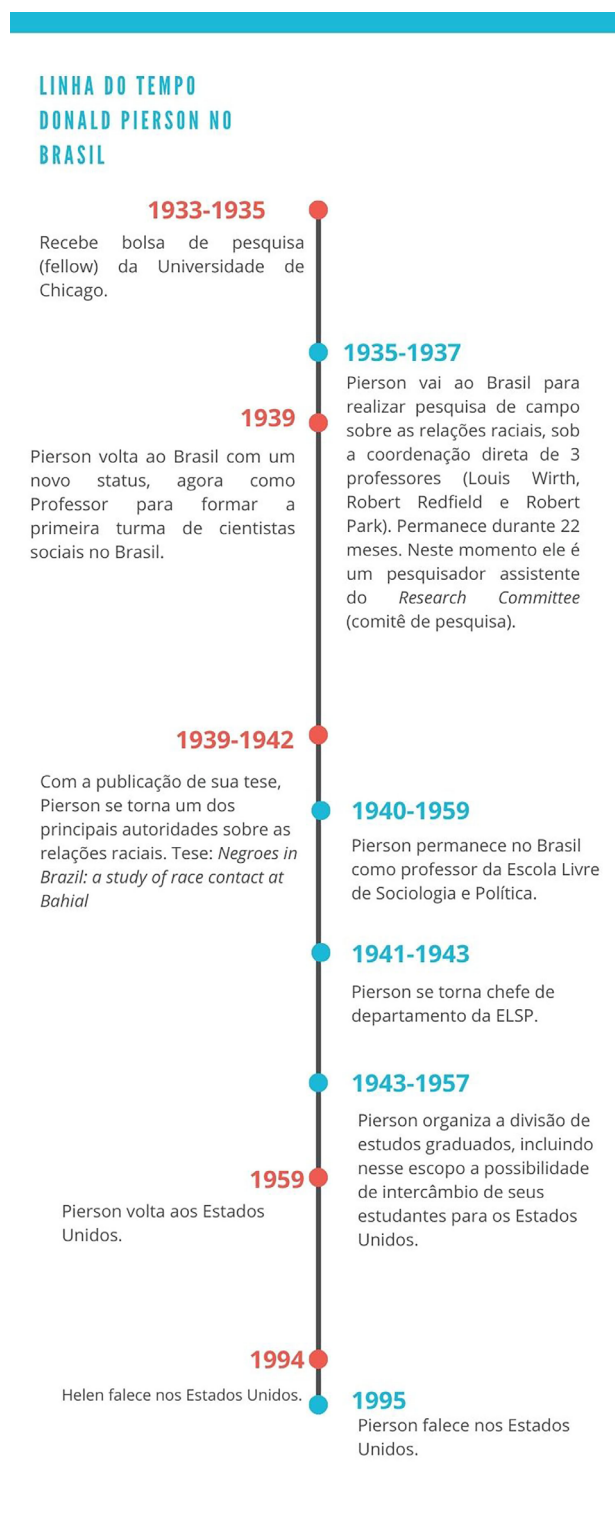
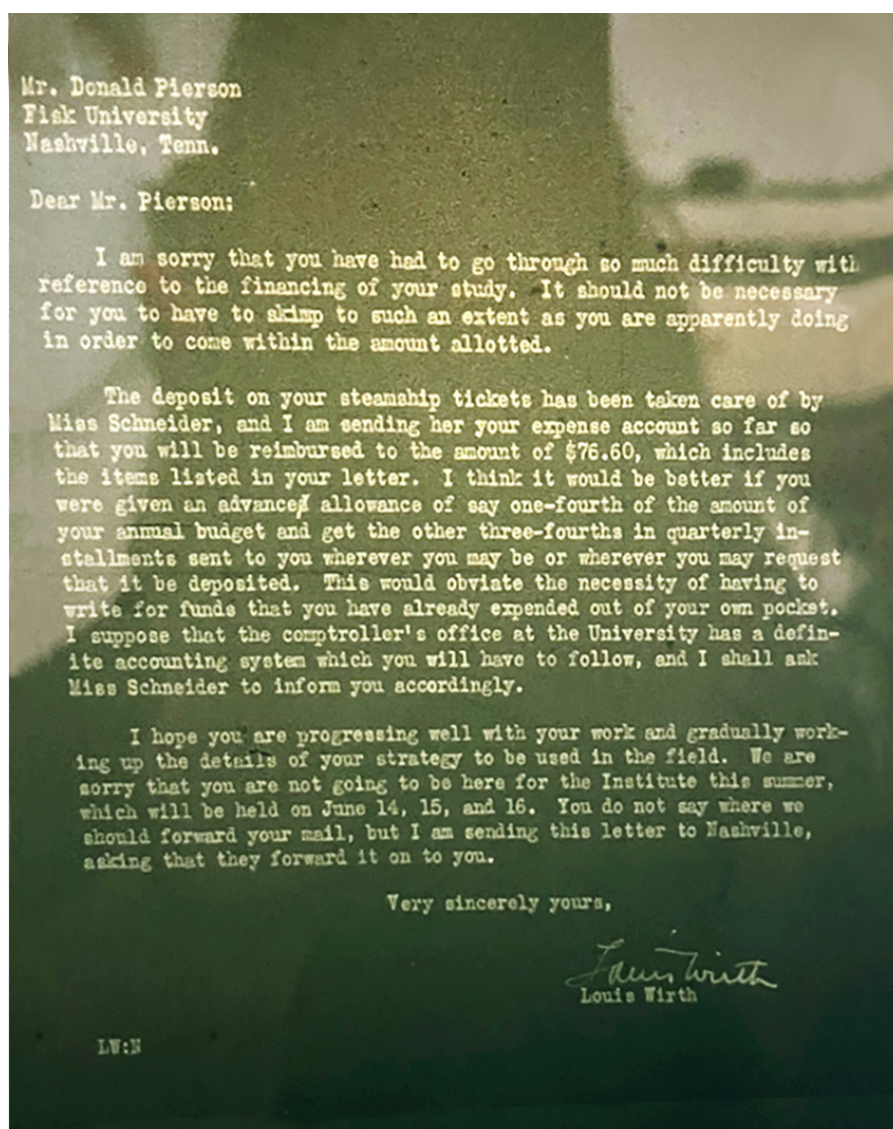


Figura 5: Carta de Louis Wirth para Donald Pierson



Conforme observado, Donald Pierson viveu grande parte de sua vida sem vínculo em termos de relações de trabalho. Como pesquisador, as bolsas de pesquisa eram regras diante de algumas exceções, como o tempo como professor na Escola Livre de Sociologia e Política e, posteriormente, coordenador nessa mesma instituição. Silva (2012) fez o registro das dificuldades financeiras sofridas por Pierson, incluindo-se, nesse processo, as contínuas mudanças de país e a sobrevivência na maior parte de sua vida por meio de bolsa de pesquisa. No entanto, essas informações, apesar de serem fundamentais, ainda eram insuficientes para quem pretendia entender a lógica da formação sociológica de Pierson e os desdobramentos de seus estudos sobre corpo negro no Brasil.

“Peça da África”, “negro da Costa”, ou simplesmente “preto” ou “negro” (“Preto”)

*E, sendo assim, a escravidão foi bem mais
que um sistema econômico: ela moldou
condutas, definiu desigualdades sociais, fez
da raça e cor marcadores de diferenças
fundamentais, ordenou etiquetas de mando
e obediência, e criou uma sociedade
condicionada pelo paternalismo e por uma
hierarquia muito estrita.
Shwarcz (2019, p. 28).*

Estamos no século XXI, todavia questões relacionadas ao preconceito racial ainda parecem inspirar práticas sociais de homens e mulheres em diferentes contextos sociais e culturais (Almeida; Cook, 2020). Tais práticas sociais, caracterizadas em diversos países como crime de racismo, classicamente denominado de injúria racial, correspondem a marcas em corpos de homens e de mulheres negras, pretas. Isto é, reconhece-se que o corpo é o elemento revelador das identidades e, ao mesmo tempo, constitui-se como uma base material de existência humana. É no e pelo corpo que se revelam as expressões de preconceito e discriminação, notadamente, àquelas relacionadas ao racismo estrutural, que está demarcado para além dos racismos individual e institucional que o compõem.

Há pouco mais de um par de anos, erigiu-se um movimento mundial denominado black lives matter, que em português significa “vidas negras importam”, após a ocorrência do homicídio de George Floyd nos Estados Unidos em 20 de maio de 2020, um homem negro assassinado por asfixia por um policial branco. Conquanto, apesar de o mundo observar estarrecido o desdobramento do crime racial cometido, outras práticas sociais

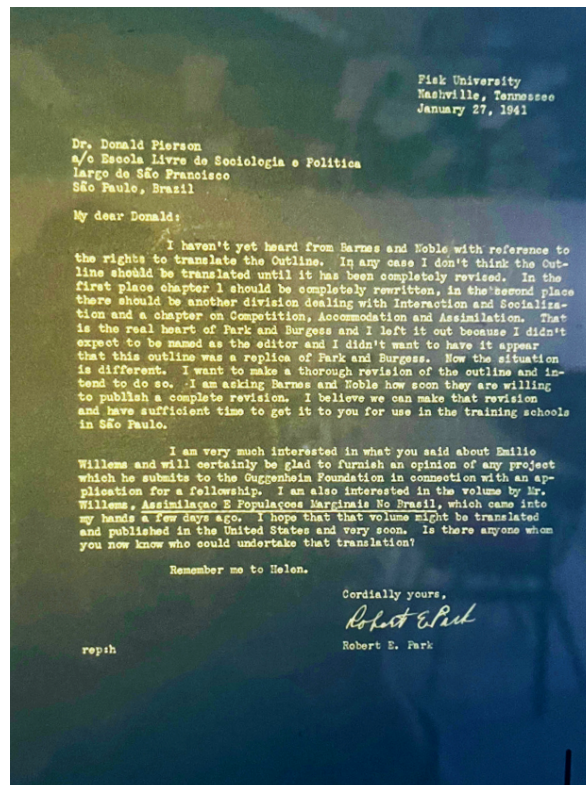
criminosas e pautadas no preconceito racial continuam evidenciadas ao redor do mundo, inclusive no Brasil. No dia 20 de julho de 2021, praticamente um ano após o assassinato de Floyd, no Distrito Federal, Brasil, uma mulher branca cometeu crime de injúria racial ao gritar termos pejorativos para um senhor negro e seus filhos que caminhavam próximo a um centro comercial.

Tais fatos do presente representam, nos termos de Almeida (2022), o racismo estrutural, que se manifesta como práticas sociais que ocorrem em função da própria estrutura social e que se encontram matizadas, de forma sistêmica, nas esferas política, econômica e social, isso quer dizer, nas palavras do autor, que “a sociedade cria condições para que grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2022, p. 51). Nesse escopo, é necessário, diante do processo civilizatório e conforme bases democráticas, entender o lugar ocupado pelos corpos negros e a questão racial no Brasil e, seguramente, no mundo. Apoiando-se em Hobsbawm (1993) para se perscrutar o presente, precisa-se buscar nas fontes históricas os elementos indispensáveis a sua compreensão. A esse respeito também evidencia Shwarcz:

história não é bula de remédio e nem produz efeitos rápidos de curta ou longa duração. Ajuda, porém, a tirar o véu do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre o nosso passado, nosso presente e nosso futuro (Shwarcz, 2019, p. 26).

Com um olhar no passado, mas com o objetivo de vislumbrar o presente e, de algum modo, prospectar o futuro, pretende-se, neste capítulo, discutir alguns elementos que se manifestam no livro *Negroes in Brazil: a Study of Race Contact at Bahia*, resultado da tese de doutorado de mesmo título apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, de autoria de Donald Pierson, sob a orientação de Robert Park. Notadamente, mesmo após a defesa da tese, que ocorreu em 1939, Robert Park e Donald Pierson continuaram se correspondendo, mesmo depois que Pierson se mudou para o Brasil. A pauta de discussão contida na carta, ao que parece, é a publicação da tese de Pierson em forma de livro. Além disso, Park registra o recebimento do manuscrito de Emilio Williams, *Assimilação e populações marginais no Brasil*, com a esperança da publicação em breve, como podemos perceber no documento a seguir:

Figura 6: Carta de Robert Park para Donald Pierson, datada de 27 de janeiro de 1941



Acreditamos que uma das primeiras perguntas que poderia ser feita é: por que um homem, estadunidense, branco, faria uma tese sobre a situação do negro em Salvador, Bahia, Brasil, nos idos dos anos 1930? O que estava por trás desse projeto de investigação? Esses elementos serão aqui abordados com foco na tese/livro do autor. Qual é a tese central presente nos achados de pesquisa de Donald Pierson que o levou a sofrer críticas e algumas retaliações no Brasil, como menciona Silva (2012)?

Um homem branco, estrangeiro, pesquisando sobre negros em Salvador, Bahia, Brasil

A condição de estrangeiro em um país como o Brasil, no início do século XX, década de 1930, dá a Donald Pierson uma condição distintiva. Como afirma Silva (2012), apoiando-se em Simmel (1983), o estrangeiro é alguém que se distingue do viajante. O viajante é aquele que parte, o estrangeiro se fixa no local. Contudo, além de ser estrangeiro, Pierson era um homem, branco, casado, religioso e de origem estadunidense. Todos esses adjetivos o colocariam em uma posição de prestígio social, tanto no Brasil dos anos 1930, quanto no Brasil de 2023. Era um “branco” no meio dos “pretos”. O homem “sério” no meio da “malandragem”.

Os anos de 1933 a 1934 foram responsáveis pela inauguração da trajetória da moderna sociologia brasileira. Segundo Oliveira (1987), até os anos 1930, intelectuais como Silvio Romero, Manuel Bonfim, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre representavam uma tradição de pensamento social encravada em nossa história, conquanto não estavam atentos a uma perspectiva metodológica mais evidente.

Corrêa (1988) registra que as décadas de 30 e 40 no Brasil foram marcadas pela chegada da modernidade na língua inglesa, com correspondências trocadas entre brasileiros e americanos, mas também pela presença entre nós de estrangeiros fixados pela câmara brasileira, como Ruth Landes, Charles Wagley (Wagley, 1977) e Donald Pierson. Todos esses pesquisadores, parte deles instalados no Rio de Janeiro e preocupados com estudos de sociedades indígenas e outros, como Pierson, que após elaborar seu trabalho de campo em Salvador, Bahia, foi para Chicago defender sua tese, posteriormente voltando para o Brasil e fixando residência em São Paulo, morando lá por cerca de duas décadas. Esses pesquisadores contribuíram, a seu modo, para uma reorientação metodológica e teórica no Brasil (Almeida; Cook, 2020, p. 270, tradução nossa).¹

A presença de estrangeiros no Brasil na primeira metade do século promove uma espécie de reorientação teórica e metodológica nos estudos aqui empreendidos e serviu para solidificar o campo da disciplina sociológica. Acredita-se que a trilha seguida pela sociologia do corpo estava muito próxima da tradição sociológica em formação no Brasil desde os anos 1930.

É nesse contexto que Donald Pierson escreve sua tese de doutorado *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*. Essa tese resultou de extensa pesquisa realizada entre 1937 e 1939, por cerca de 22 meses, sobre as relações raciais e sociais da população negra da cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Foi defendida nos Estados Unidos, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago em 1939. Trata-se de trabalho clássico do autor sobre a questão racial no Brasil, no qual apresenta sua tese mais controversa sobre a caracterização da discriminação em terras brasileiras e sua diferenciação do tipo de preconceito racial nos Estados Unidos,² situando-se como um dos esforços para pensar questões raciais e sociais e a identidade nacional no país, tendo sido originalmente publicada em formato de livro, nos

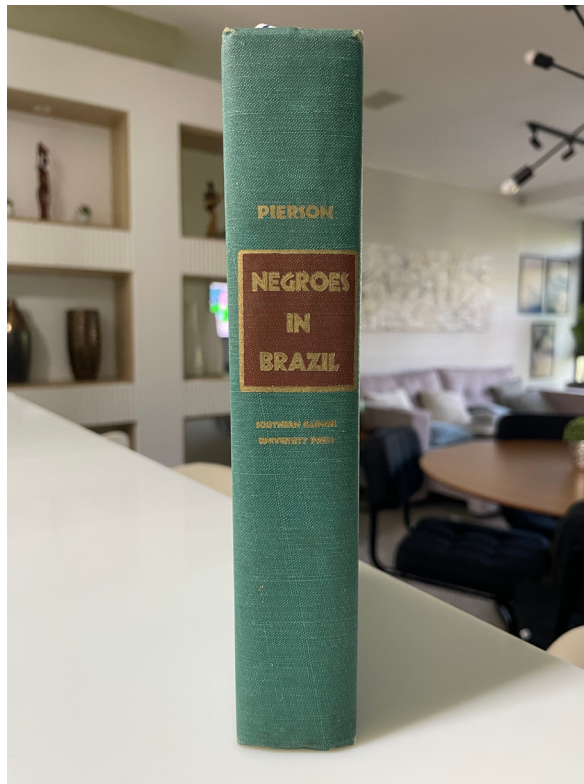
¹ "Corrêa (1988) records that in the 30s and 40s in Brazil were marked by the arrival of modernity in the English language, with letters that were exchanged between Brazilians and Americans, but also by the presence among us of foreigners fixed by the Brazilian chamber, as Ruth Landes, Charles Wagley (Wagley, 1977), and Donald Pierson. All of these researchers, with part of them installed in Rio de Janeiro and concerned with studies of indigenous societies and others, such as Pierson, who after elaborating his fieldwork in Salvador / Bahia, went to Chicago in order to defend his thesis and later, returning to Brazil and settling in São Paulo, living there for about two decades. These researchers contributed in their own way, to a methodological and theoretical reorientation in Brazil" (Almeida; Cook, 2020, p. 270).

² Um artigo intitulado "Uma história brasileira", de autoria de Maria Ângela Moretzsohn, publicado na *Revista de Psicanálise* em 2013, que conta a trajetória intelectual de Virgínia Bicudo, apresenta uma interessante passagem em que fica evidente a estreita relação de amizade entre Virgínia Bicudo e Donald Pierson. Em uma carta do arquivo da Fundação Virgínia Bicudo, Donald Pierson pede que Virgínia emita sincera

Estados Unidos, pela Southern Illinois University Press, em 1942. No Brasil, em 1943, sob o título *Branços e pretos na Bahia: estudo de contacto racial*, tem-se a edição do livro em português pela prestigiosa série Brasileira, vol. 241, da Companhia Editora Nacional.

Contamos em nosso material de consulta com uma edição, em inglês, publicada com revisões e algumas modificações, em 1967. Esse livro, pela sua importância histórica, foi considerado um documento historiográfico na análise aqui empreendida, que já foi objeto de apreciação de parte de seu conteúdo, notadamente a discussão sobre o corpo negro, em publicação intitulada “The Black Body in Donald Pierson’s Thesis *Negroes in Brazil*” na revista *Brasiliانا: Journal of Brazilian Studies* (Almeida; Cook, 2020).

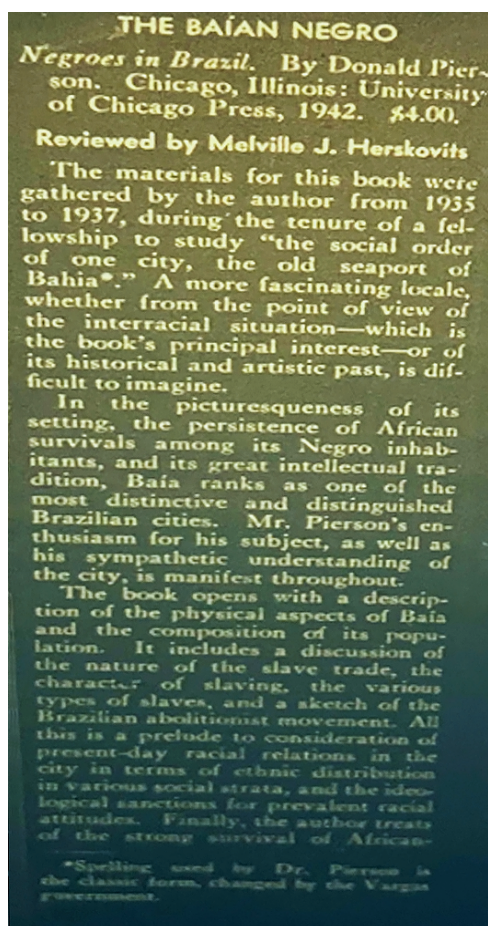
Figura 7: Capa do livro *Negroes in Brazil*, edição de 1967



A versão que utilizamos, datada de 1967, tem capa dura verde escura, com a identificação do autor e o título do livro na lombada, com um pequeno símbolo na capa principal do livro. Foi impresso em papel *offset* nos Estados Unidos e, obviamente, devido à época, apresenta páginas bastante amareladas, mas nenhuma delas contava com marcas de realce ou rabiscos antes da aquisição.

opinião sobre o livro *Negroes in Brazil*, encontrando-se ele preocupado com a repercussão negativa que a obra estava tendo no Brasil.

Figura 8: Arquivos de jornais à época da publicação da primeira edição da obra *Negroes in Brazil*.



Percebemos considerável repercussão nos meios de comunicação de massa em relação à publicação da obra *Negroes in Brazil*, jornais de grande circulação, como o *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, editoriais em inglês e em espanhol igualmente foram publicados. Em linhas gerais, Donald Pierson traz uma abordagem comparativa acerca das relações raciais no Brasil e colônias britânicas, Índia e Estados Unidos. Posteriormente, evidencia uma análise histórica da formação da Bahia e da importância da capital, Salvador, durante o primeiro período da colonização portuguesa no país. Salvador foi a capital do Brasil até 1763, quando houve a transferência para a cidade do Rio de Janeiro.

O livro compreende seis partes que são distribuídas em 11 capítulos. Elementos pré-textuais e pós-textuais, como prefácio, assinado por Herman R. Lantz; prefácio da edição de 1967, escrito por Donald Pierson; e um prefácio da primeira edição, escrita em 1939, também por Donald Pierson. Em seguida, a obra apresenta um sumário, uma introdução para a edição de 1967, feita por Donald Pierson, os capítulos e, posteriormente, apêndice, glossário, obras citadas, bibliografia, índice por nomes e índice por temas.

“Peça da África”, “negro da Costa”, ou simplesmente “preto” ou “negro” (“Preto”)

Figura 9: Elementos pré-textuais do livro *Negroes in Brazil*

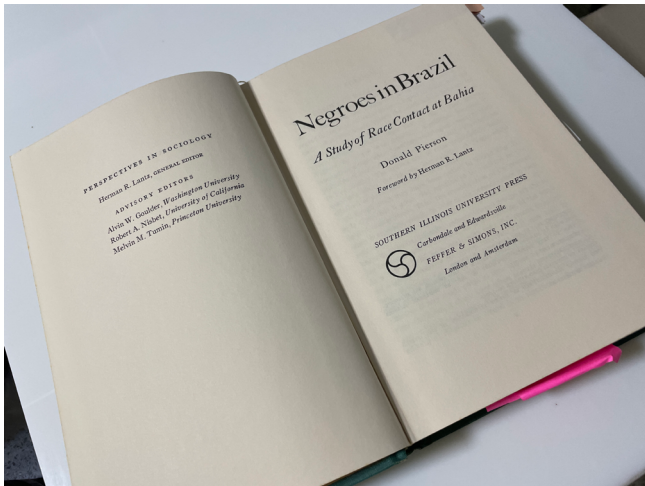


Figura 10: Elementos pré-textuais do livro *Negroes in Brazil*

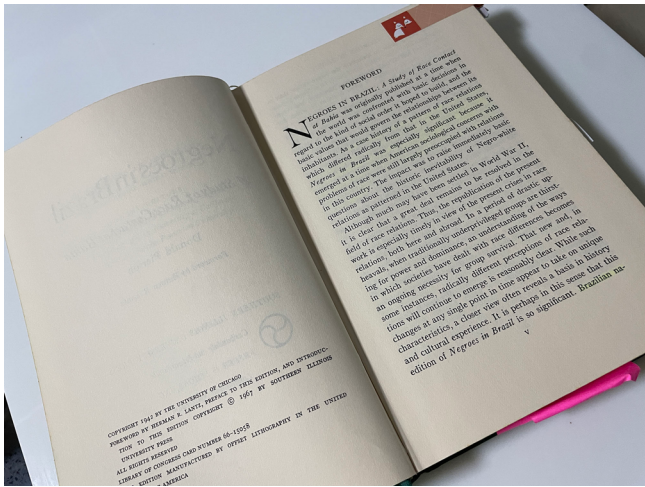
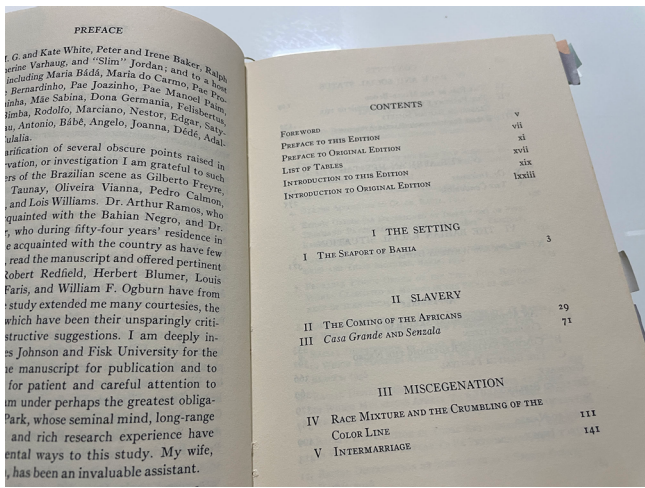


Figura 11: Elementos pré-textuais do livro *Negroes in Brazil*



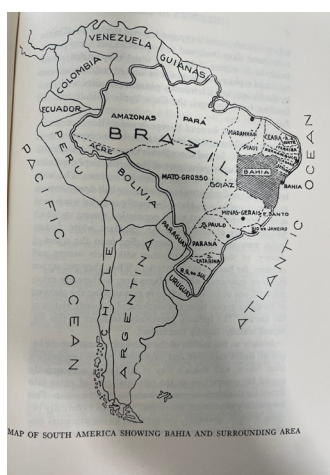
O conteúdo principal, disposto em capítulos e separado em partes, inclui: parte 1 – “O cenário”, com o capítulo “I – O Porto da Bahia”; parte 2 – “Escravidão”, que contém dois capítulos: “II – A vinda dos africanos” e “III – Casa Grande e Senzala”; parte 3 – “A miscigenação”, com os capítulos “IV – A mistura de raças e o esfacelamento da linha de cor” e “V – Os casamentos mistos”; parte 4 – “Raça e condição social”, cujos capítulos são “VI – A ascensão dos mestiços”, “VII – A composição étnica atual das classes na sociedade baiana”, “VIII – Ideologia racial e atitudes raciais”; parte 5 – “A herança africana”, dividida em “IX – Os africanos” e “X – O Candomblé”; e, por fim, a parte 6 – “A situação racial baiana”, composta pelo capítulo único “XI – Preto e branco na Bahia” (Almeida; Cook, 2020).

Por meio dessa estrutura básica, nos atentamos às partes 3 e 4. Na parte 3, denominada de “A miscigenação”, nosso interesse ateu-se aos capítulos “A miscigenação e diluição da linha de cor” e “Casamento inter-racial”. Na parte 4 – “Raça e ‘status’ social”, escolhemos os capítulos “A ascensão social do mulato” e “Composição racial das classes na atual sociedade baiana”. A escolha desses capítulos ocorreu após a leitura da obra em sua íntegra, quando se verificou que tais capítulos estavam mais relacionados com o sentido-significado de corpo negro e racismo no Brasil de forma mais direta.

Notadamente, vale o registro de que a interpretação construída por Donald Pierson sobre a questão racial no Brasil se ancora na defesa de que a forma de classificação no país se dá em relação à classe social. Pierson (1967 [1942]) afirma que, ainda que exista uma “situação racial” complicada no Brasil, não há uma “questão racial” por si. A análise do autor traz a eliminação do preconceito de raça através da miscigenação, colocando em seu lugar o preconceito de classe. O negro, ao passar pela ascensão social, é mesmo tido como “branco”; o autor chega a citar um ditado recorrente na Bahia da época: “negro rico é branco e branco pobre é negro” (Pierson, 1967 [1942], p. 214). Evidencia-se, portanto, um paradigma mais relacionado a divisões de classe, que não se assemelha em igual proporção às divisões (tênuas) raciais.

Podemos destacar a ilustração, por ele chamada de mapa da América do Sul, em que se enfatizam o Brasil e a Bahia, local de sua pesquisa empírica.

Figura 12: Mapa da América do Sul



Gostaríamos de frisar alguns aspectos em relação ao “mapa” de Pierson (1967 [1942]). Trata-se, na verdade, de um desenho ou representação visual bidimensional de um espaço tridimensional, em que se percebem alguns detalhes como: a escrita à mão do nome dos estados brasileiros, o destaque do estado da Bahia com riscos para evidenciá-lo. Ao mesmo tempo, o mapa constitui importante elemento para os “estudos de terreno”, do ponto de vista sociológico. Identificar e descrever o campo de pesquisa é uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento dos trabalhos empíricos, sobretudo aqueles de natureza etnográfica. Destarte, o mapa é mais do que uma ilustração editorial: ajuda na construção da representação do espaço social da Bahia em relação ao Brasil, situando com maior precisão o lócus da investigação da pesquisa do ponto de vista geográfico.

Nos anos 1930, exatamente o momento histórico de construção da análise de Pierson sobre os negros na Bahia, há o reforço no discurso oficial acerca da cultura da mestiçagem, que carrega consigo certa ambivalência, isto é, há a interposição entre interesses públicos e privados. Nesse escopo, as noções de nacional-popular e de mestiçagem, culturalmente definida, corroboraram para a defesa de políticas culturais que conformavam o sentido de “identidade brasileira” (Shwarcz, 2012).

A tese da mestiçagem ou da miscigenação é central na compreensão de Pierson (1967 [1942]), preconizando, dessa maneira, a diluição da linha de cor. Consoante uma abordagem histórica, o autor denota os precedentes da miscigenação na própria Europa, antes do período colonial, e os exemplos ocorridos em outras colônias, como as do sudeste da Ásia e as da África. Ainda que o conceito da corporeidade negra não seja abordado diretamente nesse capítulo, Pierson (1967 [1942]) traz um importante contexto para tratar dele – a experiência do negro na sociedade pré-colonial portuguesa, com a qual se relacionava “numa base de igualdade social e mesmo de inferioridade” (Pierson, 1967 [1942]). Em seguida, aborda alguns aspectos analisados na obra sobre a existência e vivência do negro na Bahia, especialmente sobre a relação do negro com outras raças. “Na Bahia, é difícil separar as cores”, alicerçado nessa ideia, Pierson (1967 [1942]) dá credibilidade à diluição das fronteiras raciais, ou entre as categorizações de raça (como pardo, mulato, preto etc.). Pierson afirma que a miscigenação na Bahia era favorecida pelas uniões extraconjugais, especialmente entre homens brancos e mulheres mulatas e negras, bem como o suposto prestígio “ordinariamente atribuído ao filho mais branco” (Pierson, 1967 [1942]).

Vemos, conforme o exemplo destacado pelo próprio autor, que há um esquema de discriminação positiva construído segundo a teoria do branqueamento. Aqueles corpos que tendem a ser “quase brancos” passam a ocupar, nas relações familiares, posições de prestígio e distinção, o que tende a se reproduzir nas redes de sociabilidade para além das famílias. A raça, como marcador social que se constitui como categoria classificatória manifesta em distintas esferas da vida social, operando tanto no mundo real quanto na produção e reprodução das identidades coletivas e nas hierarquias sociais (Shwarcz, 2019), goza de uma eficácia reveladora no e pelo corpo. Exemplificando, o corpo negro é formado, em sua concepção psicológica, a partir de um paradigma “branco”; a corporeidade negra

surge a partir do contraste com a “existência” branca e a construção de uma condição de “negro” na sociedade. A miscigenação leva à assimilação do negro, eventualmente levando à adoção, por negros e mulatos, de características “brancas”: práticas como danças e cantos tradicionais, como no Candomblé e no Carnaval. Os festivais e outras experiências sensoriais são abandonados pelo negro que busca a ascensão social, segundo descreve Pierson (1967 [1942]).

A posição da pessoa negra ainda é discutida conforme menções às mulheres negras em ambientes específicos de trabalho, como cozinhando para alguém ou vendendo produtos feitos por ela mesma, ou até mesmo lavando roupa. Para Boltanski (1974), as disposições físicas são marcadores geradores de características sociais relacionadas ao trabalho e à classe. Desse jeito, pode se dizer que também o corpo negro é, além de si próprio, representação de suas características no que se relaciona ao trabalho. Além dessa visão do trabalho, também há de se analisar as relações de raça dentro do contexto da escravidão; a miscigenação foi facilitada também pela intimidade crescente entre os senhores e as pessoas escravizadas (Almeida; Cook, 2020).

As relações íntimas entre os senhores e as mulheres escravizadas, denotadas no casamento inter-racial, foi abordada por Pierson (1967 [1942]), ao passo que o autor evidenciou relações maritais entre homens brancos, escravocratas e as mulheres escravizadas, mestiças e negras. Os casamentos inter-raciais, segundo Pierson, tendem a seguir uma lógica não somente relacionada à cor, mas também à classe. Segundo o autor, “casamentos entre indivíduos de cor diferente, como casamentos entre indivíduos pertencentes à mesma raça, normalmente se realizam dentro da mesma classe” (Pierson, 1967 [1942], p. 210). É notável nas citações trazidas em parágrafos subsequentes uma percepção da falta de “classe” nos negros por parte da camada superior da sociedade; historicamente, os negros escravizados executavam tarefas braçais, associadas a uma falta de “refinamento”, talvez por estarem distantes de uma visão consciente do corpo, visão a qual é percebida de maneiras diferentes por diferentes classes sociais (Bourdieu, 2011 [1979]).

A distinção racial, segundo Pierson, serviu para fixar as classes; mas, nesse aspecto:

Está progressivamente perdendo terreno, à medida que tem número cada vez maior de indivíduos de cor escura dá [*sic*] provas de possuir, ou de ser capaz de conquistar outras características, índices de “status” superior [...] o preto ou o mulato escuro pode vencer o obstáculo da cor (Pierson, 1967 [1942]).

Para o autor, o indivíduo de cor, em especial o negro, tem também papel de *ator* dentro da sociedade, podendo agir através de vantagens intelectuais e econômicas para superar a percepção racial sofrida. Essa compreensão possibilita a ideia de que o mulato pode ascender socialmente, ao passo que se apropria dos símbolos de *status*.

O mulato é entendido, para Pierson, como um agente distinto do negro na sociedade brasileira. Ao passo que tem associações sociais distintas, tendo alguma facilidade para ascender e “apropriar [...] símbolos de ‘status’, o mulato interrompe as barreiras que

impediriam sua ascensão social” (Pierson, 1967 [1942], p. 226). Adicionalmente, o mulato tem melhor aceitação dentro da sociedade, especialmente por ter em sua compleição traços corporais mais aproximados aos europeus.

Do mulato surge o malandro brasileiro, caricatamente apresentado nas telas dos cinemas pela figura do Zé Carioca, que apresenta o quão exótico e harmonioso é o nosso país (Shwarcz, 2012). Segundo Shwarcz (2012), Donald Pierson segue a mesma leitura construída por Gilberto Freyre em seu clássico livro *Casa-grande e Senzala*, e advoga que a cor, no caso brasileiro, é o elemento empírico-analítico que passa a substituir a raça. Essa tese de Pierson estava sustentada no fato de que, no Brasil, há maior volatilidade de regras. Entretanto, mesmo que o mulato possuísse relativa facilidade de transitar entre distintas camadas sociais, em comparação a negros, ele (mulato) não era livre das percepções que circulavam sobre as pessoas de cor no Brasil e, conseqüentemente, era, em certas circunstâncias, discriminado, ainda que em grau significativamente menor do que um indivíduo negro.

De forma coincidente com a análise freyriana, Pierson (1967 [1942]) igualmente menciona a sexualidade na vivência negra. De acordo com o autor, parte da ascensão dos mulatos na sociedade ocorreu por meio da prática sexual e da atração. O autor nos traz o argumento do “mito da potência sexual dos híbridos” (Pierson, (1967 [1942])), oriundo de uma visão racial sobre o corpo negro, supostamente dotado de maior capacidade física e, portanto, habilidade sexual, o que teria levado mulheres brancas a fugirem com mulatos de convívio próximo e senhores de engenho já de idade avançada a casarem-se com mulatas de graus variados de ascendência negra. Nota-se uma objetificação do corpo negro, mulato, sob a ótica racial da época; nesse quesito, o corpo negro (especialmente o mulato) é objetificado.

Um provérbio da época, cujo teor está imbuído de uma visão racializada e preconceituosa do corpo feminino, apresenta, de modo claro, o olhar da sociedade brasileira sobre o corpo das mulheres negras e mulatas (“quase negras”), a saber: “as brancas são para casar, as negras para trabalhar e as mulatas para fornicar”³ (Shwarcz, 2019, p. 193). Notadamente, o que se evidencia de forma direta é uma visão estereotipada e calcada em preconceito racial, que desemboca na subvalorização do corpo feminino, seja o de mulheres negras, mulatas ou brancas. O corpo das mulheres parece ser um território delimitado pelo senhor, como uma relação patrimonial qualquer.

Pierson (1967 [1942]), complementarmente, evidencia uma lista exaustiva da composição racial da sociedade da Bahia da década de 1930, separada por: ambientes (clubes, escolas, sindicatos etc.), ocupações (isto é, empregos e atividades econômicas), classes econômicas (nesse caso, citando faixas de rendimentos e outros índices como posse de automóveis e assentos em cinemas e estádios) e outras atividades diversas. Porém, o foco especial é a composição racial do carnaval baiano. Pierson prontamente evoca os elementos de origem particularmente negra, como as batucadas e os cordões (aglomerações de pessoas, descritas por Pierson como “invariavelmente negros”), nas quais se utilizam

³ Termo que apresenta conotação sexual. Corresponde à prática sexual.

instrumentos percutidos e indumentárias típicas, ambos de origem africana. Raramente os brancos compunham esses grupos, vindo a fazer parte de grupos de foliões independentes e diligências dos desfiles.

O autor justifica a diferença das composições raciais na sociedade baiana explicando-a pelas circunstâncias do negro recém-liberto da escravidão – dito por ele como começando “de baixo” (Pierson, 1967 [1942]). Afirmar haver um estigma social formado acerca da raça negra por parte não somente da elite branca, mas da sociedade brasileira em geral. Porém, insiste na percepção distante da visão racial, voltando a afirmar que, na Bahia, faz-se presente uma “sociedade baseada mais em classe que em raça”. Tais aspectos forjam a constituição das principais críticas à tese levantada por Pierson em seu livro. Consoante o estudo de Almeida e Cook:

Pierson (1967 [1942]) sugere que, diferentemente dos Estados Unidos, onde há uma clara divergência econômica e racial entre brancos e negros, no Brasil essa interação não ocorre da mesma forma. A maior parte da população brasileira é formada por brancos e negros de classes populares; portanto, a questão racial constitui uma variável independente da classe social (Almeida; Cook, 2020, p. 276, tradução nossa).⁴

Tal perspectiva de Pierson (1967 [1942]), de que, no caso de Salvador, Bahia, não seria uma tentativa de segregar raças, assim como ocorre nos EUA, mas sim uma consequência da importação e fixação dos negros, o que tornava a distinção racial não tão significativa como é para os estadunidenses, de certa forma, é corroborada por outros investigadores da questão racial no Brasil do seu tempo. Contudo, é importante lembrar que ela é parte da construção de um projeto de nação cujos fins justificam os meios, aproveitando-se de uma retórica maquiavélica. Ao lado dessa ideia, particularidades como: a esperança de construção de uma nação branca; o desígnio de uma libertação dos escravizados que, segundo essas estratégias discursivas, operou de forma pacífica; e a inexistência de desdobramentos legais desse processo, juntas, ajudam a engendrar o sentido de nação que se pretendia à época e que produziu as consequências do que se tem no presente. Aqui estariam as bases ou fundamentos do que podemos chamar de racismo estrutural, cuja centralidade se encontra no negacionismo em relação aos determinantes raciais, que estão associados aos sociais, econômicos e, por que não dizer, políticos.

Complementarmente, Pierson (1967 [1942]) detém-se a narrar a distribuição espacial das classes e raças na cidade de Salvador conforme a geografia local. Segundo ele, há definição de uma estrutura hierárquica que se sobressai pela distribuição geográfica da população na cidade. Dessa forma, as casas das classes ditas como “superiores” estão

⁴ Pierson (1967 [1942]) suggests that, differently from the United States, where there is a clear economical and racial divergence between white and black people, in Brazil, this interaction does not happen the same way. Most of the Brazilian population is made up of white and black people of lower classes; therefore, the racial issue constitutes a variable irrespective of social class (Almeida; Cook, 2020, p. 276).

situadas na cidade alta, e lá vivem brancos e “quase” brancos. Utilizamos aqui a expressão “quase” em analogia ao título do livro *Nem preto, nem branco*, muito pelo contrário de Shwarcz (2012), em que a autora trata da conformação da teoria do branqueamento no Brasil e de como esse modelo serviu à manutenção do sistema econômico e político aqui implantado e que estava diretamente relacionado ao determinismo racial. Por seu turno, o determinismo racial engendra novas formas de relações sociais dispostas hierárquica e estratificadamente, inclusive em termos espaciais, como demonstra Pierson (1967 [1942]) em seu estudo. Citamos aqui as palavras da autora:

tingido pela entrada maciça de imigrantes – brancos e vindos de países como Itália e Alemanha –, introduziu-se no Brasil um modelo original, que, em vez de apostar que o cruzamento geraria a falência do país, descobriu nele as possibilidades do branqueamento. Dessa forma, paralelamente ao processo que culminaria com a libertação dos [escravizados], iniciou-se uma política agressiva de incentivo à imigração, ainda nos últimos anos do Império, marcada por uma intenção também evidente de “tornar o país mais claro” (Shwarcz, 2012, p. 39).

Então, a parte alta correspondia às residências dos brancos e mestiços mais claros (“quase brancos”), enquanto os vales correspondiam aos locais em que habitavam os negros e pardos (“quase pretos”), parte mais escura da população. Mas, de uma forma ingênua, Pierson (1967 [1942]) dissocia essa distinção da distribuição geoespacial entre brancos e pretos na Bahia da segregação racial estadunidense, ao passo que percebe grandes distorções entre o modelo de escravização no país daquele advindo das colônias britânicas, notadamente dos Estados Unidos, sua terra natal.

Notadamente, ressalta-se que, nos escritos de Pierson (1967 [1942]), há o reconhecimento de que o tráfico de pessoas negras vindas da África teve um custo muito alto, pois grande número delas morreu ao serem transportadas, outras morreram pelas epidemias, outras suicidaram-se e outras encabeçaram revoltas contra seus senhores. Por outro lado, o autor acredita que o sistema de escravização não era tão severo, citando como exemplo o fato de que os escravizados tinham direito a alguns feriados. Também realça a existência de crueldades com os escravizados, não obstante ressalta que eram episódios esporádicos. Pierson cita o relato da crueldade presenciada por Anselmo da Fonseca, seu amigo e confidente, e as fugas, que eram frequentes, em que os negros eram favorecidos pelas florestas e muitas vezes se reuniam em quilombos. Um registro importante relatado no livro é o primeiro protesto registrado no Brasil contra a instituição da escravatura pelo jesuíta Manuel da Nóbrega, que mandou uma carta ao superior de sua ordem em Lisboa protestando contra a importação de africanos para a nova colônia.

Encontram-se, entre os registros de Pierson (1967 [1942]), o papel dos movimentos abolicionistas. Tais abolicionistas, que precederam 1888, contaram, segundo o autor, com a participação de membros da Igreja católica, personalidades locais, e passaram a conformar sociedades abolicionistas. A alforria, que era a liberdade “dada” aos escravizados em

troca do preço de sua compra, foi precursora nesse processo. O movimento abolicionista, encabeçado por grupos legalistas e por facções mais radicais, foi ganhando força a partir de 1870. Ocupa papel fulcral nesse contexto Luís Gama, ex-escravizado, advogado e poeta, que questionava em seus escritos as teses escravizadoras dos “brancos” brasileiros (Shwarcz, 2012).

Oriunda desse período é a tese da democracia racial. A despeito de o Brasil ser a última nação a abolir a escravidão, negar os movimentos e resistências existentes por parte da população escravizada, bem como a constituição dos quilombos em diferentes partes do território brasileiro, mas com destaque para o Quilombo dos Palmares, o discurso oficial do Estado brasileiro é o da existência de uma democracia racial, assim assinala Shwarcz:

no entanto, a imagem oficial como que apagou esse tipo de manifestação, a despeito da primeira república ser marcada por uma agenda de manifestações sociais, incluindo demanda de grupos negros. O ambiente, porém, seria diferente: em lugar de ideologias raciais oficiais e da criação de categorias de segregação, como o *apartheid* na África do Sul ou a Jim Crow nos Estados Unidos, projetou-se aqui a imagem de uma democracia racial, corolário da representação de uma escravidão benigna (Shwarcz, 2021, p. 41).

Nesses termos, não é à toa que a impressão de Pierson (1967 [1942]), construída no início do século XX, após uma curta estadia de 22 meses na Bahia, fosse essa da controversa democracia racial. Tal fato implicou, inclusive, o reconhecimento por parte do autor de que no Brasil os negros e “quase” pretos possuíam acesso a determinados espaços sociais, distintamente da situação dos negros estadunidenses. O caso Rosa Parks (1913-2005) parece emblemático a esse respeito. Em 1955, Rosa, uma mulher negra, se recusou a ceder seu lugar no ônibus a um homem branco, tendo sido presa após esse fato. Essa ação deflagrou uma série de movimentos que boicotaram os ônibus em Montgomery, EUA, e, posteriormente, viria a marcar o início da luta antissegregacionista, que contou com a participação de Martin Luther King.

A presença de Donald Pierson na produção científica brasileira da segunda metade do século XX

Ao longo do século XX, houve uma considerável evolução das formas de divulgação científica. No início desse século, no Brasil, poucas eram as formas de circulação da informação científica. O livro, seguramente, ocupava papel de destaque no campo de produção do conhecimento das ciências de modo geral, particularmente no caso das ciências sociais. Havia alguns periódicos científicos, mas muitos deles concentravam-se fora do Brasil, exigindo escritos no idioma inglês e o envio dos materiais por meio de correspondências transcontinentais, o que ocasionaria altos custos financeiros e dificuldades em termos de tempo. A revista *American Sociological Journal*, que é um dos

importantes periódicos da área de ciências sociais, editada pela Universidade de Chicago, foi criada em 1895, isto é, em fins do século XIX.

Apesar desse relativo descompasso em relação à produção veiculada em livro e em periódico, percebe-se, nos últimos anos, uma mudança em termos de tradição científica. Vê-se em algumas áreas um avanço no que se refere à produção de artigos científicos. No Brasil, por assim dizer, esse avanço se deu de uma maneira induzida com a política científica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que, ao criar o Portal de Periódicos da Capes em 11 de novembro de 2000, impulsionou a pesquisa por meio de um sistema de buscas de acesso livre.

Destarte, a fim de verificar a existência de registros de produção científica em periódico no período de 1940 a 2019, instigados por uma curiosidade científica, iniciamos consulta ao Portal de Periódicos Capes.⁵ A pesquisa foi realizada, cronologicamente, por etapas, contando-se com descritores ou palavras-chave: “Corpo/Body”, “Negro AND Brasil AND ‘Donald Pierson’”.

A primeira etapa correspondeu aos resultados de consulta realizada entre 1940 a 1990⁶, na qual seis artigos no sistema *open access*, foram identificados. Tratados como documentos, esses materiais foram inicialmente, lidos em partes: título, resumo e objetivo, a fim de verificar suas pertinências com a temática objeto do estudo.

Foram identificados, no período de 1941 a 1962, apenas seis artigos, sendo três deles publicados na *American Journal of Sociology*, que havia sido fundada em 1895 e se trata de um veículo de alta qualificação acadêmica vinculado à Universidade de Chicago.⁷ Igualmente se evidencia que há predominância de autores estrangeiros, que constituíram o grupo que veio para o Brasil realizar colaboração com a ELSP. Desse grupo, Donald Pierson conta com o maior número de publicações, que são datadas de 1942, 1943, 1954. Vale também observar que o primeiro artigo publicado na década de 1940 sobre o tema foi de Arthur Ramos, em uma revista denominada *Journal of Negro Education*, cuja criação se deu no ano de 1932 e se trata de uma publicação da Howard University.

Conforme Mariza Corrêa, antropóloga brasileira, responsável por designar o acervo de Donald Pierson no Brasil para o Arquivo Edgard Leuenroth na Universidade Estadual de Campinas, há laços de amizade entre Donald Pierson e Arthur Ramos, bem como uma relação de cordialidade entre Pierson e Gilberto Freyre, como segue:

⁵ A consulta ao Portal de Periódicos da Capes foi realizada pelos seguintes estudantes: Pedro Isaac Pereira Barretos, Gabriela Lima Pereira e Victor Hugo Celestino. Todos bolsistas vinculados ao Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, por meio de bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF).

⁶ Em função da pandemia decorrente da covid-19, a pesquisa foi prorrogada até o ano de 2022 na FAPDF.

⁷ Vale ressaltar que, apesar de ter sido criado com vinculação à Universidade de Chicago, o *American Journal of Sociology* é um periódico ligado à American Sociological Society. Segundo Vila Nova (1998), após o declínio do poder relacionado à Universidade de Chicago, que ocorre por meio de uma espécie de rebelião em 1935 na American Sociological Society, membros desta associação não vinculados a Chicago demandam o periódico oficial da entidade.

entre pesquisadores estrangeiros e brasileiros, foram criados laços de amizade e cordialidade. Houve, por exemplo, uma amizade entre Arthur Ramos e Donald Pierson (Corrêa, 1988). Além do que aponta Corrêa (1988), na introdução à segunda edição de *Negros in Brazil*, Pierson (1967 [1942]) faz importantes registros de Gilberto Freyre sobre sua compreensão das relações raciais neste país. Vale lembrar que, para Freyre (2013 [1933]), as relações raciais e o preconceito não se deviam a nenhuma questão étnica ou racial (Almeida; Cook, 2020, p. 270 e 271).⁸

Ao buscarmos identificar a área de formação dos autores, destacamos que eles estão situados nos campos da história, antropologia e sociologia, posto que Degler foi historiador; José Honório Rodrigues foi um advogado e historiador; Arthur Ramos era médico com especialização em psiquiatria social e também antropólogo; e, por fim, Donald Pierson, que era sociólogo. Portanto, os escritos sobre corpo negro e racismo no Brasil eram construídos por autores predominantemente estrangeiros e de formação humanista, nos campos da história e das ciências sociais.

A produção científica analisada não faz uma classificação do corpo negro em si, mas expõe e compara as formas de escravização, apontando os locais do país em que mais chegaram os escravizados. O artigo de Ramos (1941) anuncia a relação demarcada nos corpos negros com sua terra de origem. “Peça da África”, “Negro da Costa”, ou simplesmente “preto” ou “negro” (“preto”) eram as formas de designação dos homens e mulheres pretas que aqui chegaram. Essa espécie de classificação foi analisada por Ramos de modo específico. O autor observa que os europeus, que também aqui chegaram, não recebiam essa designação consoante seu local de origem. Eram, simplesmente, italianos ou alemães. A única condição que os compradores exigiam eram vigor e saúde a fim de obter o mais alto lucro possível com os escravizados. Essa foi a única diferença real entre um negro de Congo ou Angola.

De acordo com Shwarcz:

no Brasil, o sistema escravocrata transformou-se num modelo tão enraizado que acabou se convertendo numa linguagem, com graves consequências. Grassou por aqui, do século XVI ao XIX, uma escandalosa injustiça amparada na artimanha da legalidade. Como não havia nada em nossa legislação que vetasse ou regulasse tal sistema, ele se espalhou por todo o país, entrando firme nos “costumes da terra”. Imperou no nosso território uma grande bastardia jurídica, a total falta de direitos de alguns ante a imensa concentração de poderes nas mãos de outros (Shwarcz, 2019, p. 27).

Como indica a autora, no Brasil, o sistema escravista pressupôs o uso de mão de obra cativa, sob constante vigilância, com falta de liberdade e arbítrio, como retrataram

⁸ *Between foreign and Brazilian researchers, bonds of friendship and cordiality were created. There was, for example, a friendship between Arthur Ramos and Donald Pierson (Corrêa, 1988). In addition to what Corrêa (1988) points out, in the Introduction to the Second Edition of 'Negroes in Brazil', Pierson (1967 [1942]) makes important records of Gilberto Freyre about his understanding of race relations in this country. It is worth remembering that for Freyre (2013 [1933]), race relations and prejudice were not due to any ethnic or racial issues (Almeida; Cook, 2020, p. 270-271).*

os autores. Concerne o racismo brasileiro a um modo de operar estruturalmente, como já adiante comentado consoante Almeida (2022). Em linhas gerais, as pesquisas dos investigadores sociais do início do século XX retratam o preconceito racial, comparando distintivamente a presença dos negros nos Estados Unidos e no Brasil, para além do artigo de Rodrigues (1962) que abordou a influência do Brasil na África e da África no Brasil. Outros aspectos como o fato de que pessoas cujos traços corporais (corpos) se assemelhavam mais aos negros, porque eram seus descendentes, obviamente, recebiam tratamento desigual, nomeadamente, em relação ao acesso à educação. Nessa seara, Pierson (1943) aborda a forma como os negros foram escravizados, que tratamento lhes era dado por seus patrões (senhores) e, notoriamente, enfatiza como ocorreu o processo educacional para pessoas descendentes de negros no Brasil. Os descendentes de negros escravizados recebiam um processo educacional inferior àqueles, cujas marcas corporais eram de “menos negros”. No caso desses últimos, a educação era mais divertida e contextualizada.

Como demonstra Shwarcz (2019), apesar de república ter sua etimologia desenhada pela coisa (*res*) pública, o açambarcamento de direitos sociais como saúde, educação, emprego, moradia e lazer é um traço característico brasileiro da *res* privada. Com efeito, ante a inexistência desses direitos, certos grupos sociais estão mais vulneráveis à precarização do que outros. Desse feito, mesmo que o estudo de Pierson tenha sido realizado nas terceira e quarta décadas do século passado, ainda hoje as condições objetivas de negros e “quase” negros atendem ao imperativo categórico da exclusão social e racial. No livro *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário*, Shwarcz (2012) reafirma, partindo de uma crítica ao suposto evolucionismo social de Nina Rodrigues, (médico baiano, adepto do darwinismo racial)⁹ que raça no Brasil nunca foi um termo “neutro”. Para Nina Rodrigues (1957 [1894]), os traços de mestiçagem no Brasil representavam a degenerescência da identidade do brasileiro, ao passo que atestava a própria falência da nação. Souza (2021), em seu livro *Como o racismo criou o Brasil*, ressalta que, na concepção de Nina Rodrigues, “os negros e mestiços eram degenerados com tendência natural ao crime”.

Nos registros apresentados por Pierson (1943), a desigualdade educacional entre negros, “menos negros” e brancos era candente. O ensino no país não possuía uma segregação evidente, mas os favorecidos são os corpos de pessoas brancas, enquanto os corpos de pessoas de descendência negra, marcados pelo cabelo crespo e pele mais escura, são preteridos do processo educacional e, portanto, possuem maior dificuldade de acessá-lo. Pierson (1943) também apresenta dados que denotam as diferenças de acesso ao processo educacional no Brasil, considerando negros, mulatos e mestiços. Os negros no Brasil, segundo o autor,

⁹ Darwinismo racial constitui uma corrente de pensamento que segue as contribuições de Charles Darwin, considerado o pai do evolucionismo biológico, aplicando suas ideias à noção de que existe uma superioridade racial, definida pelos brancos (Shwarcz, 2012). Vale mencionar a existência de uma crítica a Robert Park acerca da relação entre os processos ecológicos e o darwinismo social. No que concerne ao darwinismo social, pode-se inferir a existência de uma visão preponderante de aspectos biológicos sobre os de ordem social. É comum nesse contexto o uso da expressão: *sociological laboratory*, referindo-se à existência de um laboratório (em termos biológicos) para o estudo do comportamento social (Vila Nova, 1998).

encerram seu ciclo no sistema educacional nas escolas primárias, especialmente naquelas de apoio estatal (escola pública). Os mestiços conseguem alcançar séries intermediárias, podendo apresentar um maior índice de mobilidade social. Brancos, por sua vez, conseguem concluir seu processo educacional e, conseqüentemente, ocupam os níveis superiores. O número de brancos diminui, gradualmente, conforme se desce na hierarquia social.

Algumas notas de um pesquisador itinerante

As notas de aulas de Donald Pierson correspondem a um capítulo à parte da constituição de sua sociologia da itinerância. Construídas cuidadosamente, à mão em sua maior parte, essas notas revelam a atenção dada às suas atividades acadêmicas na ELSP. Ao que nos parece, Pierson estava preocupado em forjar uma concepção científica junto aos estudantes da ELSP. Era o professor responsável pela disciplina de metodologia científica, tema que, inclusive, tornou-se objeto de um livro do autor décadas mais tarde.

Nessas notas, Pierson retoma a concepção clássica de ciência, salientando a importância da Grécia, principalmente de Aristóteles, para a construção dos postulados científicos. Nos seus apontamentos, podemos observar a referência ao fato de que os pontos de vista da época, as pressuposições e a filosofia de vida dos cientistas influenciam a forma como se concebe a ciência. Essas formulações, ao lado de outras como “sistema de referência”, em que Pierson afirma que “toda ciência, ao passo que amadurece, desenvolve seu próprio sistema de referência, isto é, uma organização lógica e sistêmica de concepções” (BOX 1/GASL, 2016), corroboram na consideração do autor em trazer para seus alunos brasileiros uma visão de ciência pragmática que, seguramente, tem relação com sua formação na Escola de Chicago e com os aprendizados das aulas com Robert Park (1864-1944), que foi, por sua vez, influenciado por John Dewey (1859-1952), um dos mais importantes nomes do pragmatismo¹ estadunidense.

Em seu anseio para colaborar na adequada formação dos primeiros sociólogos, Pierson ressalta, em suas notas de aula, a necessidade de se estabelecer relação com a empiria. Para ele, as pesquisas de ordem sociológica ganhavam um tom diferenciado quando se tomava a cidade como um grande laboratório.

Espero também poder ajudá-los a definir e realizar projetos de pesquisas [sic] que tenham como objeto a população e a organização social da cidade de São Paulo. Este treino num laboratório de pesquisa [sic] está, parece-me, aberto a todos, por meio das relações cordiais e íntimas que existe [sic] há algum tempo entre esta Escola e a Sub-Divisão de Documentação Social e Estatística [sic] Municipal [sic], do Departamento de Cultura. Este arranjo oferece uma oportunidade de alto valor, não somente para se tornarem os melhores conhecedores de um corpo de conhecimentos sociológicos, como também para obterem uma verdadeira experiência prática, utilizando métodos e técnicas especiais (BOX 1/GASL, 2016).

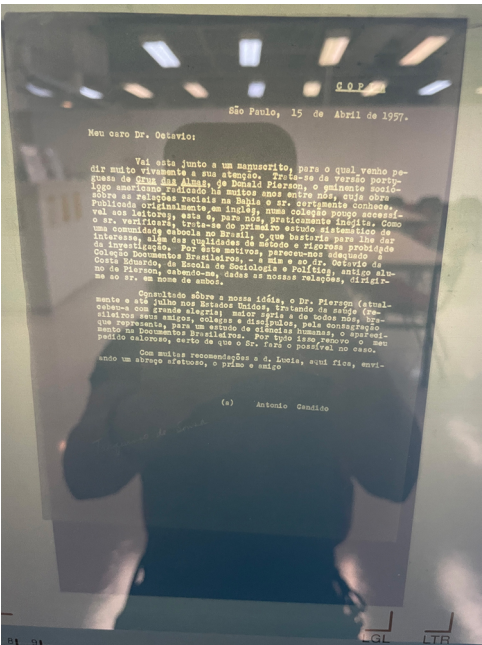
¹ Em síntese, a principal formulação do pragmatismo americano, para alguns pragmaticismo, assenta-se na perspectiva de que o sentido de uma ideia corresponde ao conjunto de seus desdobramentos práticos.

A tradição de considerar a cidade como laboratório, como sabemos, é recorrente nos estudos da Escola de Chicago, principalmente naqueles sob a orientação de Robert Park e Louis Wirth, que, com seus estudos de terreno, consideravam a cidade espaço privilegiado para a apropriação de aspectos que relacionavam tanto a micro quanto a macrosociologia. Os estudos urbanos de Chicago revelavam-se como importantes, pois a intenção inicial era fazer com São Paulo o mesmo que os estudiosos fizeram com Chicago, isto é, tomá-la como um laboratório dinâmico de pesquisa.

A importância da temática urbana no departamento de sociologia de Chicago naquela época dava-se em razão de problemas sociais decorrentes do acelerado processo de industrialização e urbanização crescente. Desse modo, assim como as explicações dos autores fundadores da sociologia se endereçavam para problemas sociais decorrentes de processos revolucionários que culminaram com a constituição do capitalismo como modo de produção e um novo projeto de sociedade, as explicações de Chicago se destinariam às questões de seu tempo, com localização espaço-temporal definida, fruto da expansão urbana e crescimento demográfico da cidade de Chicago no início do século XX. Delinquência, criminalidade, surgimento de gangues, marginalidade, bolsões de pobreza, desemprego, imigração e, com ela, a formação de várias comunidades segregadas (os guetos) eram questões sociais que se tornaram de ordem sociológica para a primeira geração de sociólogos de Chicago. O departamento de sociologia de Chicago recebeu financiamento privado para o desenvolvimento de suas pesquisas, tomando a cidade Z – Chicago – como um lógico laboratório social, o que possibilitou a obtenção de materiais sobre a vida social da cidade. O trabalho de pesquisa social consistiria em obter, organizar e analisar todo o material obtido na cidade (Park; Burgess, 1925).

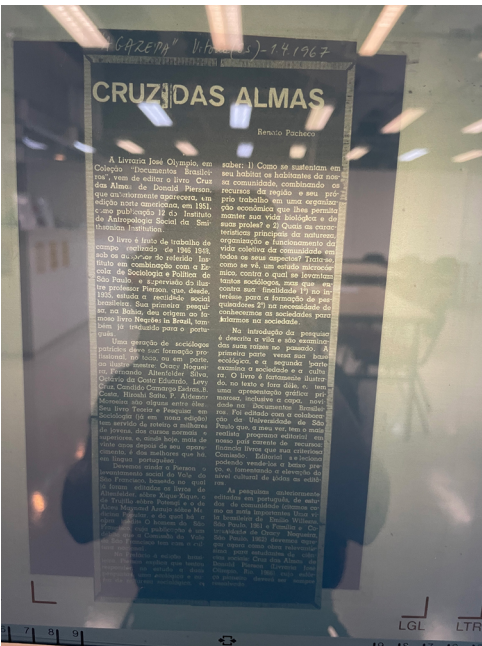
É dessa fase do trabalho de Pierson no Brasil que sobressai o livro *Cruz das Almas: a Brazilian village*, publicado pelo Washington Smithsonian Institution, originalmente em 1949. A respeito desse livro, duas curiosidades podem ser assinaladas. A primeira diz respeito à participação de Helen, esposa de Donald, como auxiliar de pesquisa. Segundo Côrrea (2003), Helen ajudou a datilografar e revisar o livro *Cruz das Almas*. Nesse livro, no entanto, seu nome aparece com o sobrenome de solteira, ou seja, Helen Batchelor. A outra curiosidade a seu respeito é o fato de que há uma correspondência trocada entre Antonio Candido e Otávio da Costa Eduardo, datada de 1957, na qual Candido sugere a publicação do livro em português sob a alegação da eminência do pesquisador estadunidense dedicado a investigar as relações raciais na Bahia e ao fato de se tratar de obra que apresenta um estudo sistemático sobre o caboclo no Brasil. Naquela época, Otávio era o editor da coleção Documentos Brasileiros.

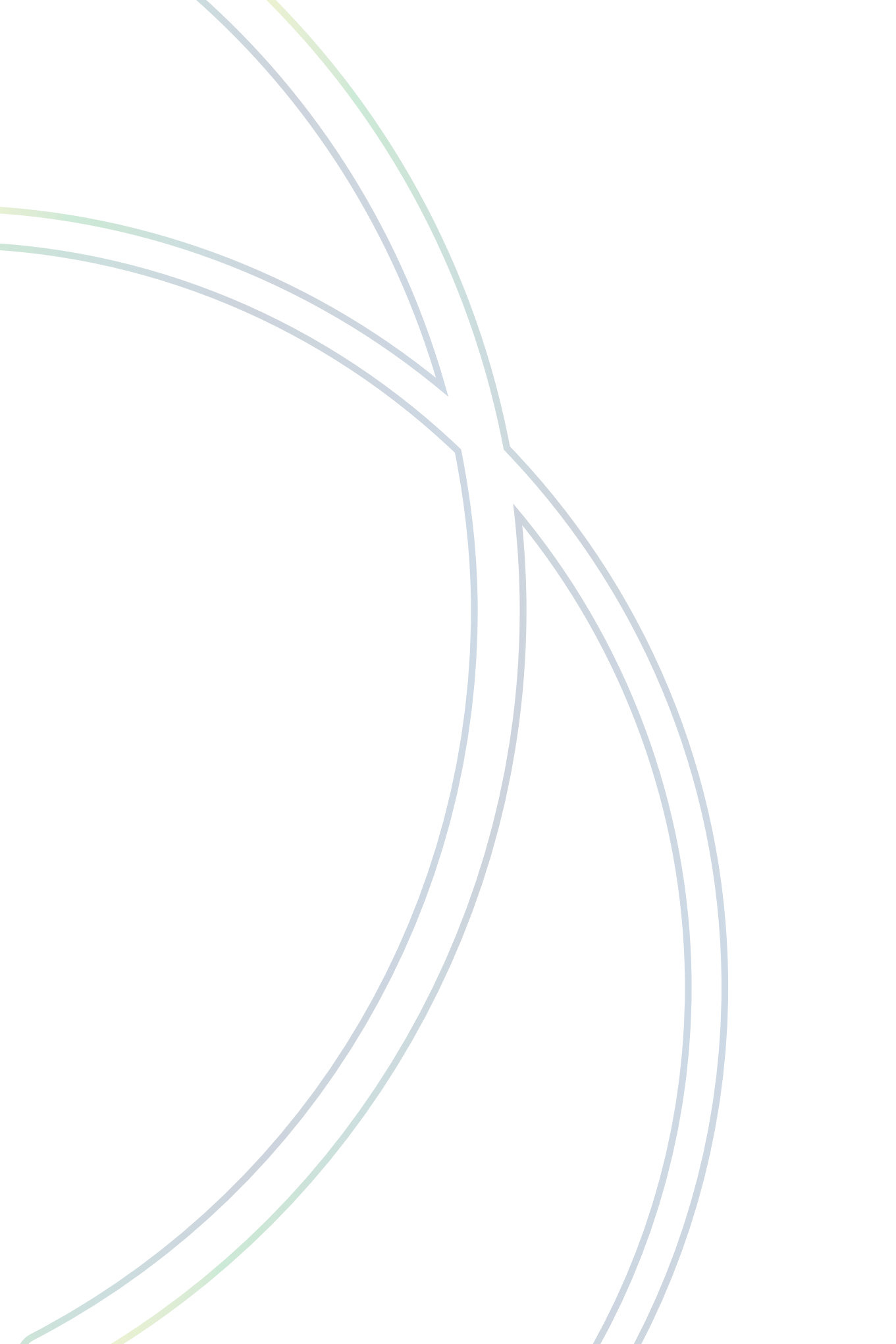
Figura 13: Carta de Antonio Candido para Dr Octavio da Costa Eduardo



Na sequência, identificamos um artigo de jornal, subscrito por Renato Pacheco, publicado no jornal *A Gazeta*, em Vitória, ES, no dia primeiro de abril de 1967, que contém informações sobre a publicação do livro em português.

Figura 14: Editorial publicado no jornal *A Gazeta* acerca da publicação do livro *Cruz das Almas*





Na itinerância, o encontro com o inusitado

Você certamente não pensaria que ele era uma pessoa importante e renomada, porque ele era um homem muito simples
Entrevista (2016).

Iniciamos, ainda em 2014, nos Estados Unidos, uma busca do nome de Donald Pierson na internet. Aliás, defendemos que esse deve ser o início de todo processo de construção metodológica de uma pesquisa que atende a um viés histórico e que, de certa forma, tem uma relação com a vida e obra de um/a autor/a. Foram realizadas várias buscas, muitos achados, porém nenhum deles era diretamente sobre Pierson, para além de informações obtidas por outros/as pesquisadores/as.

Seguimos no ano seguinte, 2015, para a Universidade de Chicago, onde foram feitas consultas na Joseph Regenstein Library. Na biblioteca, há uma extensa coleção sobre Robert Park, seu orientador e mentor intelectual, porém sobre o discípulo há poucos documentos. Voltando a Maryland (terra de Maria), onde residimos durante o período do pós-doutorado, continuamos as buscas pela internet, que eram incansáveis e acompanhadas da beleza da neve e do frio, que nos acompanhavam durante a maior parte do ano naquela região, leste dos Estados Unidos.

Daí nos veio à memória que, ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, sua esposa Helen esteve sempre presente. Os Piersons não tiveram filhos. Conforme a tese de Silva (2012), informações sobre Helen Pierson são escassas. Silva (2012), no entanto, encontrou uma nota em um jornal da época, em que constava o nome da cidade de Leesburg, no estado da Flórida.

Helen Joy Batchelor Pierson, 88, [residente à] 460 Newell Hill Road, Leesburg, morreu no sábado, 5 de março. Sra. Pierson, aposentada, era assistente de pesquisa social e secretária. Nascida em Lindsborg, Kansas, ela se mudou para a Florida Central, em 1978. Ela era membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Leesburg. Deixa: marido, Donald; irmãos, Dean Batchelor, Woodland Hills, Califórnia; Harold R. Batchelor, Mount Baldy, Califórnia. Casa Funerária Beyers, Leesburg. (Silva, 2012, p. 62).

Então, passamos a inserir nos esquemas de buscas dos obituários o nome de Helen Joy Batchelor Pierson. Curiosamente, apareceu o obituário de Helen, que estava subscrito por Donald Grey Pierson. Ainda costumamos a acreditar em tal feito, posto que, das pesquisas realizadas, encontramos essa referência apenas naquela tese de Silva (2012), confirmando-se, desse modo, tratar-se da mesma cidade.

Com esse achado em mãos, podemos dizer que foi uma “artimanha do acaso”, conforme entendimento dessa categoria apresentada por Peirano (1992), ao tratar do itinerário intelectual de um grupo formado por Florestan Fernandes, Antonio Candido, Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira, parte desses ex-alunos de Donald Pierson. Convidamos o acaso aqui como uma explicação socialmente aceita, que corresponde à espontaneidade do momento e ao espírito generoso, ao tempo que evoca uma espécie de bruxaria Azande e a capacidade para, nas palavras de Peirano (1992), “matizar a visão de mundo ocidental clássica presa na tensão de um destino preestabelecido [*sic*] e a vontade individual”.

Tínhamos, então, com esse “acaso”, uma linha de investigação um pouco mais plausível, em que constava também um endereço da cidade de Leesburg, no estado da Flórida. Além dessa informação, havia o registro de Silva (2012), que mais à frente apresenta um conjunto de dados com indicações de onde encontrar informações sobre Pierson nos Estados Unidos, indicando a Universidade da Flórida, no *campus* localizado na cidade de Gainesville, como um local onde havia documentos originais do autor. Como se percebe, todos os caminhos nos levavam à Flórida.

A Flórida, cujo lema é *In God We Trust*, é um dentre os 50 estados dos EUA, localizado na região sudeste do país. Muitos imigrantes de origem latina, sobretudo cubanos, escolhem esse estado para viver, em razão do clima ameno local. Belas praias e parques de diversão, que conformam o turismo, aliados ao cultivo de laranja, representam as principais atividades econômicas do estado. Foi na Flórida que Donald e Helen decidiram viver seus últimos anos.

Sáímos de um dos aeroportos de Washington, D.C., nas proximidades de Maryland, em fevereiro de 2016. Na bagagem, já carregávamos a leitura dos principais materiais bibliográficos sobre Pierson, incluindo a tese de Silva (2012). O voo seguiu de D.C. para Orlando, onde alugamos um carro para facilitar nosso deslocamento naquele estado. Optamos por, primeiramente, ir à Gainesville. Trata-se de uma encantadora cidade, com atmosfera universitária, o que quer dizer para nós que tem gente animada e festiva andando pelas ruas da cidade, sobretudo no período noturno. Pareceu-nos um povo “*friendly*”, que diríamos, cá no Brasil, gentil. O campus de Gainesville da Universidade da Flórida é muito bonito. Vale o registro de que, além de frequentadores humanos, crocodilos são os seres mais encontrados. Na verdade, o *bull gator* (aligátor) é o símbolo da universidade. Trata-se de uma região pantanosa e, no campus, há um grande lago que se situa muito próximo ao George Armistead Smathers Library, local da nossa pesquisa. É comum, ao longo do lago, que compreende árvores de porte médio, a presença de estudantes descansando em redes que são amarradas nas árvores.

Com certeza gostaríamos de viver em Gainsville. Aliás, temos a impressão de que, quando se visita um lugar como aquele, dificilmente não se decide viver lá por um tempo. Talvez seja um traço nômade típico de personalidades librianas. Nesse enredo, compartilhamos com Le Breton (2006) a ideia já apresentada por Merleau-Ponty (1964) de que toda condição humana é corpórea. Dessa feita, o mundo só se dá na forma do sensível.

Os limites do corpo, como aqueles do universo do homem, são aqueles fornecidos pelos sistemas simbólicos dos quais ele é tributário. Como a língua, o corpo é uma medida do mundo, uma rede lançada sobre as inúmeras estimulações que assaltam o indivíduo ao longo de sua vida cotidiana, das quais só retém em suas malhas as que lhe parecem significantes (Le Breton, 2006, p. 25).

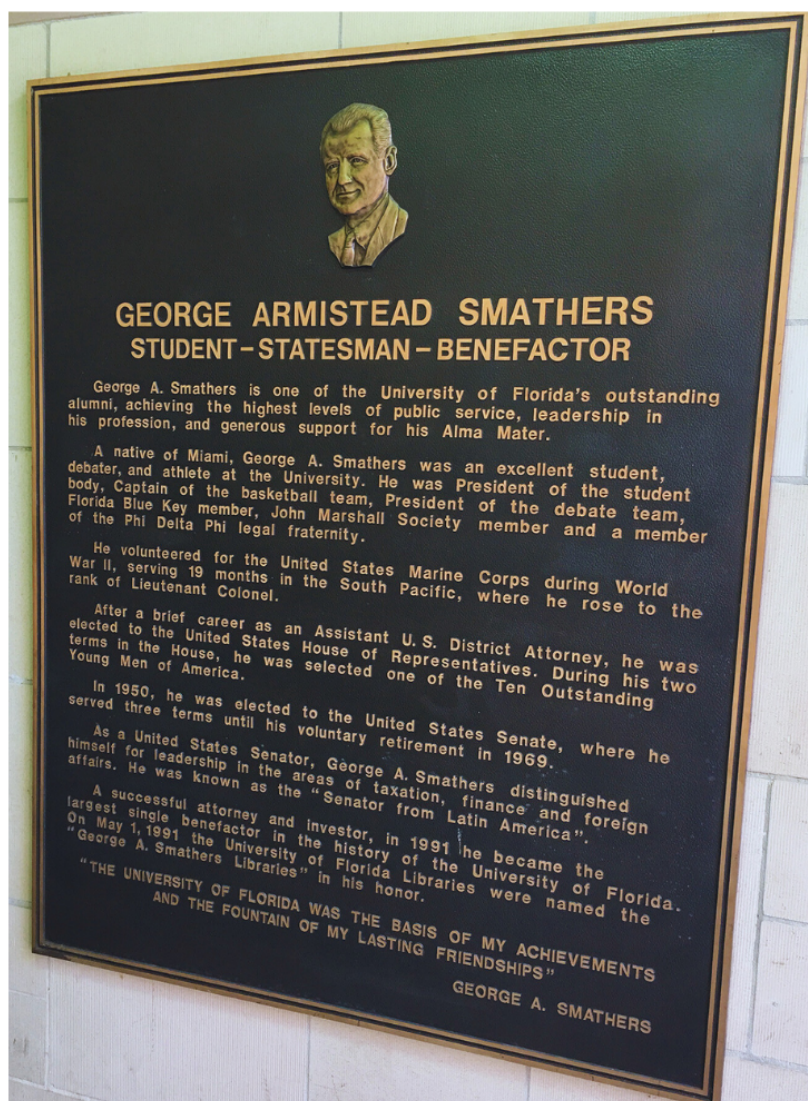
Sem dúvida, retemos em nossa malha, nesse conjunto de sensações que a itinerância permite, o que nos parece significativo. É aquilo que costumamos chamar de “boas lembranças”, que guardamos de um lugar, de uma viagem ou de pessoas queridas, que encontramos em nossos percursos (rotas).

O significado mais amplo das sensações, que perfazem os seres humanos, em suas descobertas dos distintos inusitados que fazem parte de nossas viagens, nossa, mas também de Donald Pierson, é a percepção de que superamos nossa condição biológica, ao passo que somos criaturas do sentido. Com efeito, “ver, escutar, saborear, tocar ou sentir o mundo é permanentemente pensá-lo através do prisma de um órgão sensorial e torna-lo comunicável” (Le Breton, 2006, p. 25).

Adentrar na George Armistead Smathers Library apresentava uma sensação especial para alguém que se arriscava no campo da etnografia historiográfica, termo aqui cunhado com a pretensão de realizar uma espécie de proposição metodológica para pesquisas em que a imersão nos arquivos documentais nos leva a descobertas de campo, ajudando-nos a reproblematicizá-lo. A partir daquele momento, nossa percepção acerca de Donald Pierson iria ser redefinida. Pierson deixaria de ser um autor distante para se tornar alguém próximo. Era essa a nossa percepção. Como salienta Le Breton (2006), a percepção não se confunde com a realidade, ela encarna um sistema semiológico e corresponde ao espaço-tempo em que o indivíduo dispõe de uma escala sensorial. Conforme o autor: “os sentidos não são somente uma interiorização do mundo no homem, eles são uma irrigação de sentidos, isto é, um ordenamento particular organizando uma multidão de dados” (Le Breton, 2006, p. 38).

Tratava-se de uma visita que havia sido precedida de agendamento, com fins de realização de consulta ao acervo relativo a Donald Pierson, relacionado ao Brasil.

Figura 15: Placa em bronze na lateral externa da biblioteca George Armistead



Como se pode observar, a ilustração apresenta uma placa em bronze, onde estão dispostas informações sobre George Armistead Smathers, como um benfeitor da biblioteca. No final, há uma frase, destacada entre aspas em que está escrito: “a Universidade da Flórida foi a base de minhas conquistas e a fonte de minhas últimas amizades” (tradução nossa). Chegando à biblioteca, estava disponível em um pequeno carro todo o material correspondente aos arquivos sobre Donald Pierson que havíamos solicitado. No carro, constavam caixas-arquivo (*boxes*) organizadas por períodos, que cobriam os anos de 1938 a 1965. Nas caixas 9 e 10, encontrava-se o material relativo aos períodos: 1942-1945; 1946-1947; 1948-1949; 1950-1951; 1951-1952. A caixa 12, em que estava escrito Brasil, cobria os anos de 1942 a 1951.

Figura 16: Caixas-arquivo, George Armistead Smathers Library

A figura anterior é um exemplo das caixas-arquivo. Na caixa em questão (*box 1*), está registrado que o material se trata de uma coleção de manuscritos (*Manuscript Collections*). Também há o número 75 (provavelmente correspondente ao ano da doação do material). Após, há a indicação de que se trata de *Donald Pierson Papers*, seguido das letras “ca.” e a indicação dos anos 1938-1965, que correspondem ao período integral dos documentos constantes no arquivo.

A consulta a esses documentos ocorreu em uma sala reservada, a qual podíamos acessar durante todo o dia (horário de funcionamento da biblioteca). Havia uma mesa especialmente destacada para a nossa consulta. Costumávamos chegar ao local por volta das dez horas da manhã, fazíamos uma pausa para o almoço e voltávamos ao local após as 14 horas, permanecendo lá até por volta das 18 horas. Passamos alguns dias lendo e fotografando todo o material. A maioria dos textos estavam escritos em português e eram manuscritos; alguns, apontamentos de aulas ministradas por Pierson na ELSP no Brasil; outros, documentos pessoais endereçados a interlocutores, cartas e alguns livros pertencentes ao autor, mas de outras autorias.

Figura 17: Local de disposição de obras raras, George Armistead Smathers Library

Ao olhar para esse material, com uma licença poética e temporal, conseguimos ter a sensação e a percepção do quanto Donald Pierson era um professor/pesquisador dedicado a suas aulas e a seus/as alunos/as. “A percepção é uma possessão simbólica do mundo, uma decifração que coloca o homem em posição de compreensão em seu confronto. O sentido não está contido nas coisas... ele se instaura na relação do homem com elas” (Le Breton, 2006, p. 29). A propósito, as notas de aula são particularmente essa possessão simbólica, que coloca o Donald – professor – em relação a seus estudantes, mostrando-se como estimulantes, para não dizermos apaixonantes. Vejamos:

Figura 18: Notas de aulas manuscritas de Donald Pierson, George Armistead Smathers Library

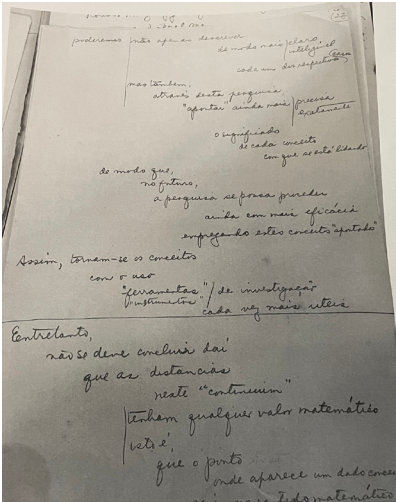
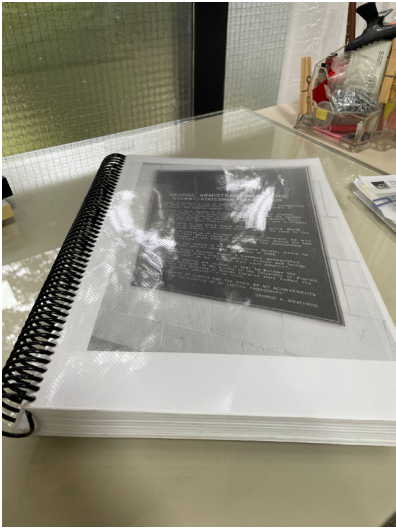


Figura 19: Dossiê sobre Pierson, George Armistead Smathers Library



De Gainesville, onde recolhemos (por meio de fotografia) vários documentos relativos à presença de Donald Pierson no Brasil, conforme a foto anterior, fomos para Leesburg, também no estado da Flórida. A viagem durou pouco mais de uma hora de carro, percorrida pela rodovia I-75S.

Leesburg, que está situada nos arredores de Orlando, pareceu-nos uma cidade pacata, típica do interior estadunidense, bastante organizada e florida. Essa viagem aconteceu no mês de fevereiro, mas na Flórida, em fevereiro, não faz tanto frio quanto no leste dos Estados Unidos, onde vivíamos. Lá chegando, fomos imediatamente em direção ao endereço que possuíamos, levados pelo aplicativo de direção Waze. Conforme salientado anteriormente, o endereço havia sido identificado por meio do obituário de Helen Pierson. Para nossa surpresa, tratava-se de uma casa de idosos.

Figura 20: Charlotte Mayfield Retirement Center em Leesburg, Florida



Figura 21: Charlotte Mayfield Retirement Center em Leesburg, Florida



Apesar de acreditar que o endereço estava correto, chegamos a duvidar que os Piersons haviam vivido numa casa de idosos. Mesmo assim, adentramos o local e perguntamos sobre Helen Pierson. Fomos atendidos por duas pessoas, uma delas a proprietária do local, identificada como diretora da casa. À primeira impressão, ninguém conhecia Helen; quando então falei que se tratava da esposa do Donald Pierson, as duas senhoras, de meia idade, aproximadamente 45 anos, disseram conhecê-lo. Pois bem, 460 Newell Hill Road, Leesburg, Flórida, é a casa em que Donald e Helen passaram seus últimos dias de vida.

A bela expressão *Mayfield*, que denomina a casa de idosos, significa campos de maio, mês em que temos a chegada da primavera no hemisfério norte e as temperaturas tornam o clima dos Estados Unidos mais agradável. Abaixo do nome da residência tem um escrito que diz, em tradução livre, “cuidar é o melhor que fazemos por gerações”, e assim fomos em busca do inusitado.

Fizemos uma entrevista,¹ emocionante e emocionada, na qual a diretora narra fatos da vida de Pierson e de como ele a ajudou quando perdeu seu irmão e irmã e ela entrou em depressão. Segundo ela, as conversas com ele foram muito importantes para sua recuperação. Ela se emocionou inúmeras vezes e me mostrou os aposentos de Pierson (salvo engano, quarto três), que ainda continha o armário que ele utilizava, além de seu local preferido para passar os dias.

O quarto onde Donald Pierson viveu era simples, com um armário em madeira, uma estante, uma cama e uma escrivaninha. Ele provavelmente sofreu algum tipo de reforma, considerando o intervalo temporal de 20 anos, visto que faleceu em 1995 e estávamos no ano de 2016.

Figura 22: Quarto de Donald Pierson no Charlotte Mayfield Retirement Center



¹ A entrevista teve duração de 15 minutos, foi feita em inglês e foi traduzida por Priscila Almeida Suassuna.

Figura 23: Quarto de Donald Pierson no Charlotte Mayfield Retirement Center



Figura 24: Quarto de Donald Pierson no Charlotte Mayfield Retirement Center



No quarto em que Pierson viveu durante seus últimos anos de vida havia, por exemplo, algumas fotos do atual ocupante, que, juntamente com alguns livros e um computador, certamente o proporcionavam manter sua mente ativa. A cadeira de rodas e um calendário afixado na porta do guarda-roupa são objetos destacados dessa impressão geral que se tem do quarto. Havia uma ampla janela, cama, armário, estante, um arquivo, aparelho de televisão, além de uma pequena mesa de trabalho (escrivadinha). Ocorre uma espécie

de uniformização do tempo, que passa a orientar a pessoa com mais idade de duas formas: a espera para comer e a espera para morrer. Trata-se de uma espera passiva e se opõe a qualquer tensão com o mundo vivido (Le Breton, 2018). Talvez aquele que ocupa o quarto não queira morrer.

Se o envelhecimento frequentemente é vivido de maneira feliz como uma renovação dos prazeres e das atividades, ele é igualmente uma provação enquanto às vezes pode tornar difícil a continuidade do sentimento de si e a qualidade de investimento no mundo (Le Breton, 2018, p. 144).

Circulando pelo interior do ambiente, pudemos sentir um pouco da atmosfera do local. A diretora nos apontou o local preferido por Pierson para passar suas tardes, uma pequena varanda lateral, com vista para o jardim da residência de Charlotte Mayfield, como podemos verificar na fotografia abaixo.

Figura 25: Varanda do Charlotte Mayfield Retirement Center



Conseguimos imaginar Donald sentado numa cadeira de balanço, contando suas histórias e aventuras a uma menina de aproximadamente 15 anos que acabara de perder entes queridos.

Eu acho que eu tinha 15 anos quando ele faleceu, então eu não participava muito dos negócios familiares naquela época. Uma coisa que eu me lembro sobre o sr. Pierson foi que ele enfatizava muito sobre como trabalhos “pequenos” eram tão importantes quanto trabalhos “maiores” [...] Quando eu era adolescente, ouvir algo assim de um homem como ele, que eu admirava e respeitava, foi muito legal. Eu nunca me esqueci disso (Entrevista [...], 2016).

Na sociedade contemporânea, torna-se cada vez mais comum que os últimos anos de vida das pessoas mais velhas sejam passados em casas de repouso ou asilos, como o Charlotte Mayfield Retirement Center. Segundo Le Breton (2018), o aumento da longevidade, combinado com o individualismo moderno, inclusive por parte dos familiares que não aceitam cuidar dos mais velhos, colaboram para o isolamento de pessoas que perderam uma parte de sua autonomia. Nessa esfera, as redes de sociabilidade e de afeto com os familiares e amigos tendem a ser, de certa forma, comprometidas. Há, no entanto, algumas exceções, uma delas é quando a escolha para viver nesses locais se dá por parte da própria pessoa, tendo ela o direito de levar consigo seus bens pessoais de maior valor emocional, como parece ser o caso de Donald e Helen Pierson.

Devemos lembrar que o casal Pierson não tinha familiares que vivessem próximos à Flórida, estado que escolheram para viver seus últimos dias. Além disso, as condições de moradia do local nos pareceram bastante adequadas, considerando que se tratavam de pessoas que já contavam com mais de 90 anos de idade. Área plana, arborizada, com janelas por toda parte, claridade interna e externa, como podemos ver pela imagem que segue:

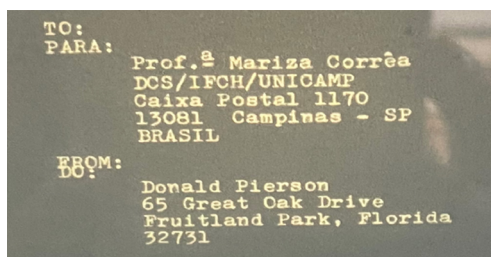
Cada janela da residência corresponde a um dos aposentos, que contam, em geral, com banheiro privativo. Além disso, no centro da casa, há uma espécie de *family room*, que, como o próprio nome traduz, é uma sala da família, geralmente destinada ao convívio coletivo, com TV e diversos tipos de entretenimentos que, nesse caso, serviam às pessoas que lá viviam.

Os contornos da pesquisa foram realmente marcados pelo inusitado, revestidos de uma curiosidade etnográfica. Seguindo com Antonio Candido, que, quando apresenta seu método em tese doutoral, publicada em forma de livro, *Os parceiros do rio bonito*, enfatiza:

o sociólogo, porém, que a pretexto de buscar o geral fareja por toda parte o humano, no que tem de próprio a cada lugar, em cada momento, não pode satisfazer-se neste nível. Desce então ao pormenor, buscando na sua riqueza e singularidade um corretivo à visão pelas médias, daí o apego ao qualitativo (Candido, 2010, p. 24).

Ao que tudo indica, o Charlotte Mayfield Retirement Center foi, no final da vida dos Piersons, o seu último endereço. Isso porque encontramos, no Arquivo Edgard Leuenroth, correspondência datilografada entre Pierson e Mariza Corrêa, que criou o Fundo Donald Pierson no Arquivo Edgard Leuenroth, com a indicação de outro endereço na Flórida, como se observa.

Figura 26: Correspondência de Donald Pierson para Mariza Corrêa



Não sabemos exatamente quanto tempo Donald viveu no Charlotte Mayfield Retirement Center, no entanto acreditamos que deve ter sido por volta de dois anos, isso porque não havia, por parte de nossa entrevistada, lembrança acerca de Helen Pierson. Questionamos à entrevistada quanto tempo Pierson viveu no local e se houve, nesse período, alguma visita. Ela nos falou o seguinte:

Talvez ele tenha recebido alguém daqui de perto, algum amigo mais próximo dele daqui [...] Isso é difícil de lembrar. Eu não acho que ele ficou aqui por muito tempo. Talvez um ano ou dois. E o pior é que eu não tenho mais o arquivo (prontuário?) dele, porque faz muito tempo. Deixe-me pensar. Ele só ficou aqui por um ou dois anos, provavelmente. Ele não tinha muita coisa para fazer. Eu me lembro onde ficava o quarto dele e tudo (Entrevista [...], 2016).

Segundo nos informou nossa entrevistada, Donald Pierson passava a maior parte do tempo sozinho (Entrevista [...], 2016). Independentemente do tempo em que vivem numa casa de idosos, é preciso observar que o deslocamento de uma pessoa mais velha para um retiro ocupa, no imaginário de quem se muda, um significado de que a vida, senão chegou ao fim, está a ponto de chegar.

Com efeito, móveis e objetos que acompanharam aquela pessoa durante toda sua vida agora devem caber em um quarto. Na interpretação de Le Breton (2018), quando isso acontece é como se a pessoa estivesse renunciando a parte da memória individual.

Nossa entrevistada apresenta um registro muito interessante acerca dos objetos pessoais de Donald Pierson.

Ele tinha pedras de diferentes lugares do mundo. Eu me interessava muito sobre a história arqueológica da Pompeia, e ele tinha uma pedra da Pompeia! Ele me ensinou toda a história da Pompeia e ele falou como foi interessante ter ido lá e entender a cultura. Então, nós sentávamos e conversávamos muito sobre coisas desse tipo, porque eu adorava arqueologia, história... Ele se envolvia mais pelo lado antropológico. Então, ele me ajudava a compreender a língua das outras pessoas e explicava como as línguas mudavam de acordo com cada país e, inclusive, regiões. Ele era brilhante. Eu não sei o que mais posso falar dele, exceto que ele era brilhante. (Entrevista [...], 2016).

Podemos interpretar esse trecho da fala de nossa entrevistada com a ajuda, novamente de Le Breton (2018). Conforme esse autor, muitas vezes as pessoas de mais idade, quando se mudam para locais como retiro de idosos, para terem, de alguma forma, sua memória afetiva ativada, elas colecionam pedras. Tal fato pareceu-nos curioso, posto que a fala da entrevistada demonstra que Pierson possuía uma coleção de pedras dos lugares por ele visitados. Conquanto o autor enfatiza que há, por traz desse sentido de despojamento das pessoas idosas, uma espécie de retraimento do território até alcançarem a completa privação ou dependência física de algum cuidador.

Por outro lado, ela foi enfática ao recordar de características muito específicas relacionadas a Donald Pierson, disse ela:

A única razão para eu saber é que eu sempre digo que tem dois residentes que eu... Eu amo todos os residentes, e a minha família trabalha nessa indústria há mais de 50 anos, então, tudo o que eu fiz na minha vida foi cuidar dos mais velhos... E eu sempre digo às pessoas que eu tive dois residentes de quem eu era muito próxima. O primeiro foi um homem chamado Dan Doyle, e ele morreu em 1998. E o outro era Donald Pierson, porque ele era brilhante. Eu chorei muito quando ele morreu (Entrevista [...], 2016).

Sobre o momento da morte de Donald, a entrevistada salientou como foram seus últimos momentos de vida. Em sua memória, há o registro de que ela chegou a ficar a sós com ele por alguns minutos antes de ele partir. Também enfatizou que ele não respondia mais a estímulos ou perguntas.

Eu segurei a mão dele e falei tudo aquilo. Acho que fiquei sentada lá com ele por uns 15 ou 20 minutos. Quando ele partiu, eu não tive certeza, porque eu era nova, mas eu saí do quarto e falei: “por favor, vocês poderiam vir dar uma olhada no sr. Pierson? Eu acho que ele parou de respirar, mas eu não sei”. Então, foram olhar como ele estava e eu pensei: “é... Ele se foi”. Eu chorei. Eles me deram a TV dele, porque eu tinha acabado de me casar e não tinha uma TV, mas eu era muito próxima dele [...] Minha mãe disse: “você quer ficar com a TV dele?”. E eu disse: “eu adoraria!”. E eu tive essa TV, provavelmente, pelos primeiros dez anos do meu casamento. Acabou virando uma coisa velha, mas, mesmo assim, eu mantive a TV, porque eu não conseguia desapegar, porque era dele (Entrevista [...], 2016).

Nossa entrevistada enfatizou não se lembrar da data exata do falecimento, afinal, já se passaram mais de 20 anos do falecimento de Pierson. Porém, ela se recorda dos momentos finais vividos ao lado de Pierson e afirma que ele era um homem “incrível”, porque contava para ela fatos que se remetiam a seus estudos, de uma forma simples, para que ela pudesse entender.

Acho que você [referindo-se a outra funcionária que estava próxima a nós no momento da entrevista] estava comigo em uma conversa em que falamos sobre crescer. Ele sempre estava interessado no que as pessoas queriam ser e fazer na vida, e ele disse algo do tipo: “precisamos de pessoas que trabalham como caixas de supermercado, mas também precisamos de pessoas que querem ser presidentes, e todas essas pessoas são igualmente necessárias”. Você se lembra dessa conversa? (Entrevista [...], 2016).

A conversa entre Pierson e nossa entrevistada demonstra o interesse desse autor em trabalhar com aspectos da psicologia social, o que pode ser reforçado pelo depoimento

dado por ele, em 18 de abril de 1989, ao professor Sebastião Vila Nova (Vila Nova, 1998), e evidenciado pela informação compartilhada por Silva (2012), de que a formação inicial de Pierson foi em psicologia e história.

Por fim, questionamos se ele era feliz. Ela nos respondeu o seguinte.

Sim! Ele era muito feliz. Eu estava com ele no momento em que ele morreu. Ele só ficava deitado na cama, resistindo, e os meus funcionários comentavam: “coitado do sr. Pierson! Ele não está querendo partir”. Sabe? Na época, eu tinha 18 anos de idade e entrei no quarto dele, segurei sua mão [...] e eu disse: “sr. Pierson, Hellen está esperando você. Pode ir. Você está bem. Tudo está bem” (Entrevista [...], 2016).

Como vimos, apesar de nossa entrevistada nos afirmar que Donald Pierson era feliz, parece-nos curioso o fato de ninguém o ter procurado ou ido até o local onde ele viveu seus últimos dias, a fim de buscar seus pertences. Isso produz uma inquietude e uma sensação de “esquecimento” curiosas.

Helen, conforme o registro do obituário, faleceu aproximadamente um ano antes de Donald Pierson, em 5 de março de 1994. Donald, ao que se sabe, faleceu em 12 de junho de 1995 (Silva, 2012).

Sobre a morte do cônjuge, merece consideração as palavras de David Le Breton em seu livro *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Quando o autor trata do envelhecimento e das consequências desse processo nos corpos das pessoas, ele faz o registro acerca do momento em que um dos cônjuges falece. Vejamos:

A esse respeito, a morte do cônjuge é um momento-chave que em algumas pessoas alimenta a convicção de que agora sua existência está acabada, mesmo se outras, ao contrário, reconstroem rapidamente sua vida cotidiana, o uso do seu tempo, a própria sociabilidade. Para o sobrevivente, às vezes se trata de uma barreira dolorosa a ser superada, embora alguns acabem morrendo após alguns dias ou semanas simplesmente por perderem a companhia e o prazer de viver (Le Breton, 2018, p. 145).

Pois bem, talvez Donald Pierson tenha passado por essa sensação de um contínuo enlutamento pessoal após a morte de Helen. Vale lembrar que Donald e Helen tiveram um casamento longo. Sua relação se inicia ainda em Emporia, cidade em que Donald e Helen viveram na época em que o jovem Pierson contava apenas com 22 anos e Helen iniciava seus estudos na *high school* (Vila Nova, 1998). Costuma-se dizer popularmente que “ele(a) se deixou morrer” (Le Breton, 2018). É, pois, um traço marcante do desaparecimento de si. Pouco a pouco, o cônjuge sobrevivente vai desaparecendo progressivamente de si.

Ao terminarmos a entrevista, a diretora nos concedeu os últimos pertences de Pierson: um pequeno vaso grego, com registros iconográficos, na cor marrom, com inscrições corporais (desenhos), e um livro: *O homem no vale de São Francisco*, tomo I, escrito

em português, contendo comentários manuscritos feitos por Donald Pierson de próprio punho. Este foi o último trabalho de Pierson no Brasil. Sua publicação ocorreu na década de 1970, pelo Ministério do Interior. Contou com três tomos.

Figura 27: Capa do livro *O homem no vale do São Francisco*



Figura 28: Vaso e livro que pertenceram a Donald Pierson²



O que dizer sobre essa etnografia historiográfica? O que dizer sobre o acaso que nos leva a uma casa de idosos no sul da Flórida nos Estados Unidos? Pensamos que Le Breton (2006)

² O vaso foi doado ao Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas em julho de 2022. O livro ainda está em nossas mãos, a fim de concluir os estudos que pretendemos.

traduz o furacão de sentimentos e emoções que se constituíram ao longo desta pesquisa e, notadamente, no encontro com nossa entrevistada e o local onde viveu Donald Pierson. A saber:

À flor da pele

O sentido tátil engloba o corpo em sua inteireza, espessura e superfície, ele emana da totalidade da pele, contrariamente aos outros sentidos mais estreitamente localizados. Permanentemente sobre todos os lugares do corpo, mesmo dormindo, sentimos o mundo circunstante. O sensível é em primeiro lugar a tatilidade das coisas, o contato com os outros ou [neste caso] os objetos, o sentimento de estar com os pés no chão (Le Breton, 2006, p. 203).

Desse modo, a etnografia constituída, essencialmente por escavações em documentos e materiais bibliográficos, se materializa em objetos que pertenceram ao nosso autor, que era, como mencionam pesquisadores que enveredaram em suas interpretações sobre ele, nem tão brasileiro para os brasileiros e nem tão norte-americano para os estadunidenses. Donald Pierson pode ser considerado um sociólogo *outsider* no Brasil, assim como nos Estados Unidos.

Chegando ao fim, em primeira pessoa do singular

Fecho aqui um ciclo de pesquisas que se iniciou, de fato, em 2013, no momento da construção do projeto de pesquisa, em que se pretendia ir aos Estados Unidos investigar sobre a Escola de Chicago e sua influência na constituição da sociologia do corpo no Brasil. Como elo, como vimos neste livro, nos deparamos com uma tese de doutorado escrita por Donald Pierson sobre o contato racial em Salvador, Bahia, Brasil, que representava, de algum modo, a consolidação de um projeto, denominado “escola atividade”, concebido por Robert Park no Departamento de Sociologia de Chicago.

A compreensão de escola atividade consistia no interesse de estudos do urbano com distintas abordagens teórico-metodológicas. Nesse escopo, as relações raciais e a imigração eram temas candentes. Nessas sinuosidades das rotas, o corpo aparece materializado no corpo de pessoas negras, pretas, quase pretos/as e brancos/as, quase brancos/as, resultado do contato racial na Bahia, mas também no corpo do próprio Pierson, que, como branco, *outsider*, vem estudar o corpo negro no Brasil.

Podemos afirmar que Donald Pierson trouxe para a sociologia do corpo grande contribuição por meio de seus estudos, notadamente com foco no livro *Negroes in Brazil*, que, como analisamos, traz em vários capítulos elementos para inferência de uma sociologia do corpo.

No final das contas, percebemos que, para além de uma agenda de pesquisa, a composição do mosaico das temáticas que foram investigadas por Donald Pierson em suas itinerâncias corresponderam a um projeto de vida. Falamos então da vida de um autor que viveu por cerca de 20 anos no Brasil, tendo neste país sua principal atuação profissional.

Confesso que, ao etnografar a historiografia de Pierson, fui tomada por sensações ou emoções raras, apesar de contar com relativa experiência com pesquisas etnográficas, visto que já as havia realizado um par de vezes. As sensações foram desde o contato emocionado e feliz com os registros de notas de aula, cuidadosamente desenhados em letras arredondadas e constantes do arquivo da George Armstead Library da Universidade da Flórida; passando pela emoção da surpresa que se mescla com o medo do desconhecido ao conhecer o local onde Pierson e Helen viveram seus últimos dias de vida na Flórida, quando recebi dois presentes e, na verdade, seria a portadora dos presentes para trazê-los ao Brasil; até o momento da consulta documental no Brasil no Arquivo Edgard Leuenroth

da Unicamp, que culminou na doação do vaso (recebido na Flórida), em que a tristeza e a saudade se manifestaram por estar chegando ao fim a pesquisa. Contudo, simultaneamente, restava a sensação de que parte do meu dever como pesquisadora havia sido cumprido.

Durante essa pesquisa, o choro, como uma expressão obrigatória de sentimentos, foi marcante em diversas situações emocionadas (alegria, felicidade, surpresa, medo, tristeza, saudade). Ele representou a grande expressão ou explosão de emoções que atravessou o trabalho de pesquisa. Com ele, reaprendi que não é possível separar o/a pesquisador/a de seu “objeto de estudo”, e que é mais do que necessário estar “apaixonado/a” por esse “objeto”. Isso porque, como para Donald Pierson a itinerância constitui-se como seu projeto de vida, para mim, como pesquisadora, a paixão pelo pesquisar, pela descoberta, pelo encontro do “acaso” é a grande motivação da vida acadêmica.

A partir dos achados desta pesquisa, dos atravessamentos e das rotas sinuosas, apresento, como contribuição metodológica para os estudos do corpo e que envolvem a pesquisa biográfica de autores/as, a etnografia historiográfica. Trata-se, por assim dizer, de uma espécie de proposição metodológica para pesquisas em que a imersão nos arquivos documentais (fontes históricas e bibliográficas) nos leva a descobertas de campo, ajudando-nos a reproblematicizá-lo.

Entendo que a etnografia combinada com a historiografia, ou vice-versa, pode possibilitar, no contexto de uma sociologia da itinerância, a realização de uma pesquisa implicada. Implicada na e com a pesquisa científica, com o outro e com respeito ao outro, ao passo que somos motivados a descobrir mais, ao passo que somos afetados por um conjunto de sensações, sensações essas presentes nos documentos históricos e em seus possíveis desdobramentos em contato com o campo. Voltar ao local em que Donald Pierson viveu, encontrar alguém que o conheceu e que se disponibilizou – livremente – a falar, redefiniu o rumo da nossa investigação.

Com efeito, foram assim que os achados da pesquisa nos possibilitaram encontrar outra face de Donald Pierson, colaborando em sua redefinição de *white trash e outsider*, para encontrar um autor humanista, preocupado e atento às questões sociais e raciais em seu país e no Brasil, que ajudou a construir as primeiras linhas da sociologia do corpo no Brasil, com foco nos estudos do corpo negro e do contato racial.

Como disse no início deste livro, atrevi-me a enveredar na pesquisa historiográfica como uma etnógrafa. Esse “atrevimento”, no entanto, me rendeu a possibilidade de enxergar a metodologia científica de outra forma. É, pois, na composição ou cruzamento de métodos e técnicas que a pesquisa se constrói e, como dizia minha orientadora de doutorado, Lourdes Bandeira, em suas aulas de metodologia científica: “a natureza do objeto revela a natureza do método”, ensinamento do qual jamais me olvidei.

Penso que cabe a nós, pesquisadores/as, mergulharmos sem medo em nossos desafios de pesquisa. Seguir adiante. Isso não quer dizer que o medo não foi uma sensação presente. Ao chegar em frente à casa de idosos em Leesburg, na Flórida, pensei em voltar. Imaginei

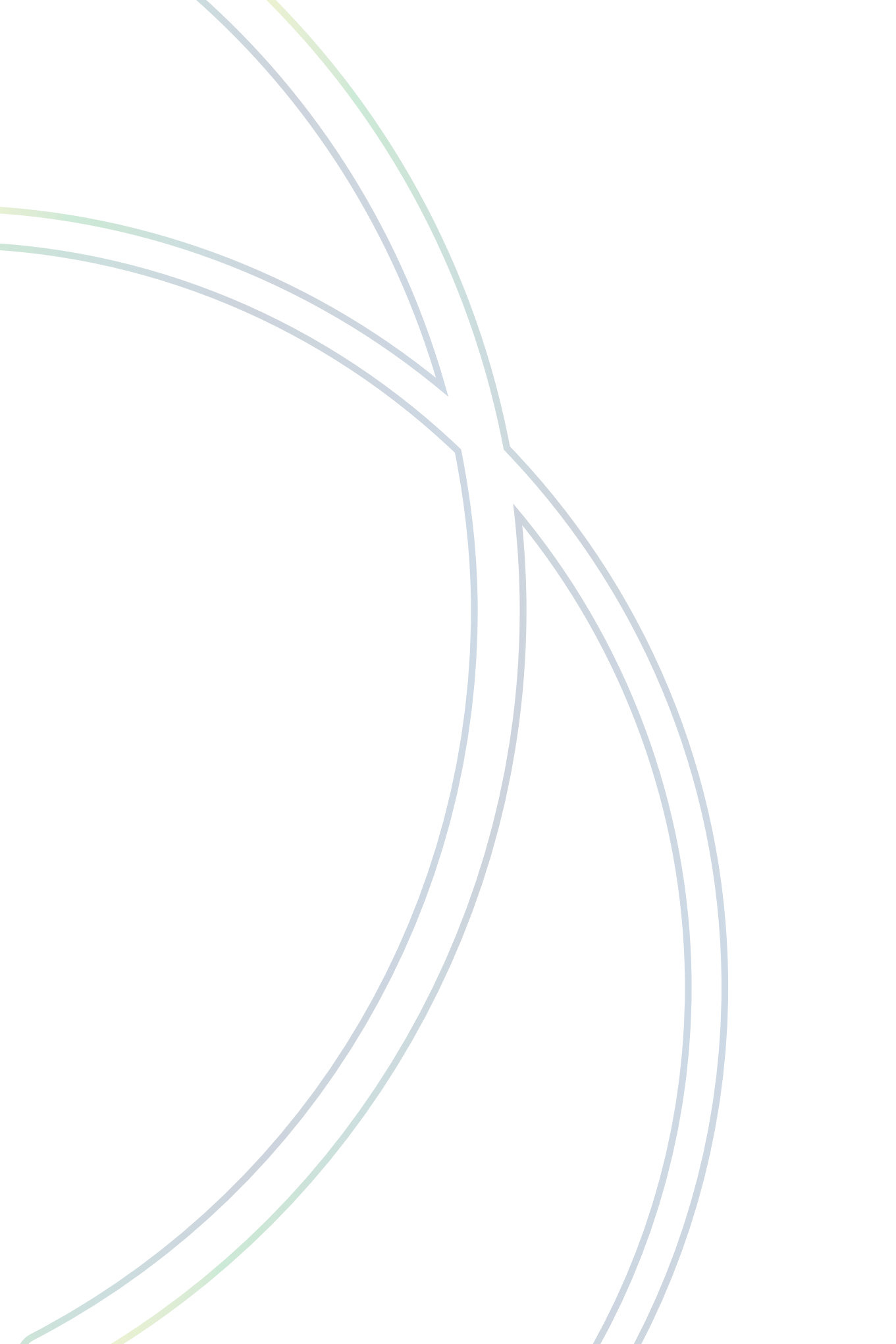
tratar-se de endereço errado, algum equívoco. Mas a curiosidade científica falou mais alto do que o medo. É preciso ousar!

Rotas que se atravessaram e construíram laços de amizade por meio da itinerância, deambulando pela vida. Assim foi a vida de Donald Grey Pierson. Um sociólogo, apaixonado por seu ofício de lecionar e pesquisar e que, para tanto, teve que viver a vida de um andarilho, como uma ave passeriforme encontrada nos cerrados brasileiros onde vivo.

Um sociólogo esquecido em seus últimos anos de vida. Alguém que viveu seus dias finais sem receber a visita de parentes ou amigos e cujos últimos pertences permaneceram no Charlotte Mayfield Retirement Center. Todos esses elementos geram grande inquietude. Penso que só agora as minhas pesquisas sobre corpo ganharão força e produzirão uma relação sentido-significado que possa inspirar meus estudantes e orientandos e, de algum modo, contribuir para os campos de investigação em que atuo – Educação Física e Ciências Sociais.

Um livro e um vaso são os pertences de Donald Pierson que carrego comigo. No entanto, mais do que objetos, trago-os comigo como uma missão de continuar fazendo pesquisa, desenvolvendo conhecimento socialmente comprometido, e atenta para as ambiguidades que nossa sociedade apresenta, as quais também se refletem na forma como a produção do conhecimento é realizada e distribuída/socializada.

Por fim, fica aqui a sensação de que não quero chegar ao fim, apesar de saber que ele é necessário. Permanece o convite: vamos colecionar “pedras”?

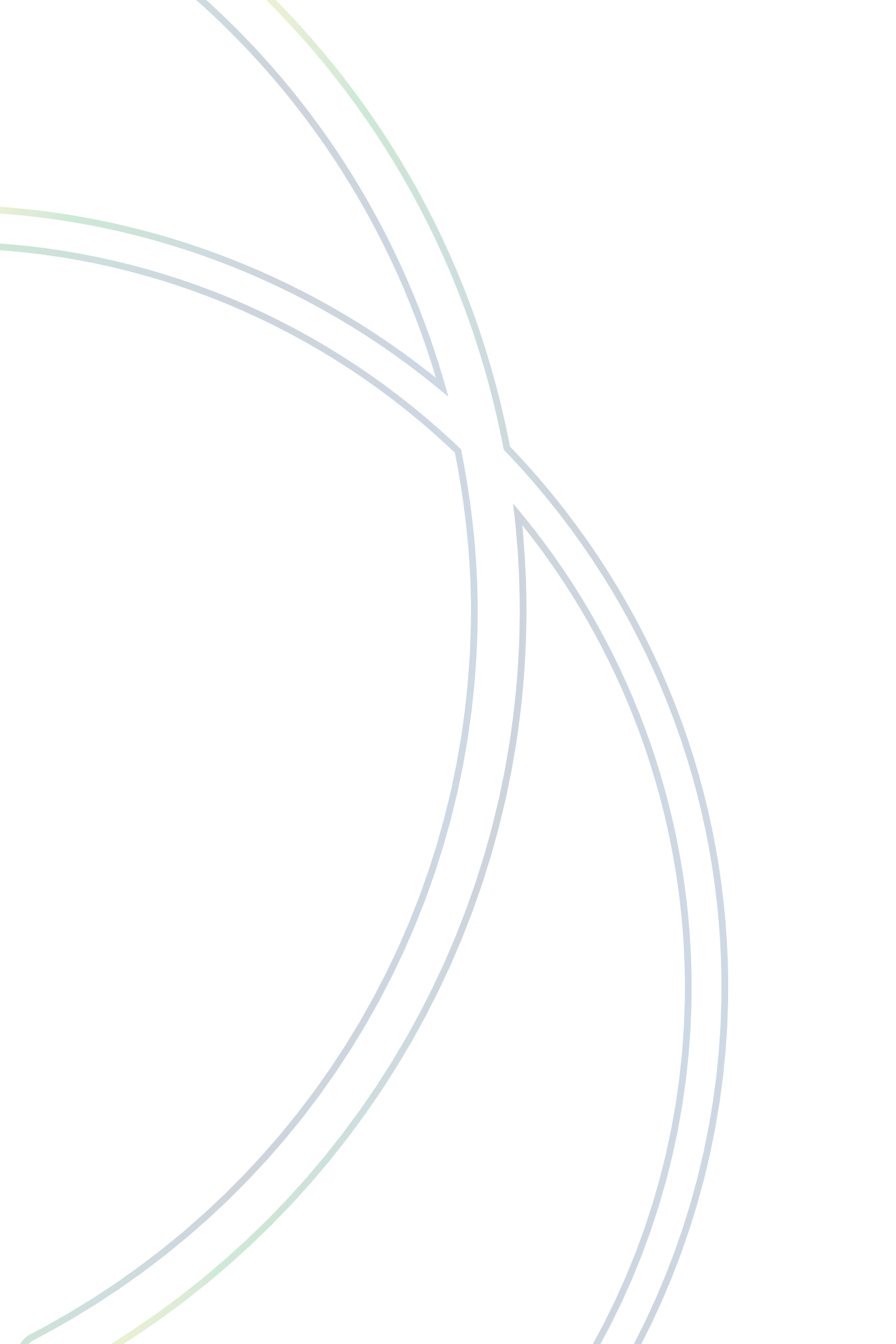


Referências

- ABOUT. The University of Chicago. Department of Sociology, [2016]. Disponível em: <http://sociology.uchicago.edu/about>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- ALMEIDA, D. A.; COOK, C. The Black Body in Donald Pierson's Thesis: Negroes in Brazil. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n. 2, p. 269-283, 2020.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2022.
- ARAÚJO, O. E. Enquistamentos Étnicos. *Revista do Arquivo Municipal*, v. 65, n. 6, p. 227-246, 1940.
- BECKER, H. Conferência: A escola de Chicago. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BOLTANSKI, L. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1974.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011 [1979].
- CANDIDO, A. *Os parceiros do rio bonito*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- CORRÊA, M. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 3, n. 6, p. 79-98, 1988.
- DEGLER, C. Escravidão e a gênese do preconceito racial americano. *Estudos Comparativos em Sociedade e História*, v. 2, n. 1, p. 49-66, 1959.
- DONALD Pierson Papers. Special and Area Studies Collections, George A. Smathers Libraries, University of Florida, Florida, 1938-1965.
- EFRON, D. *Gesture, race and culture*. Paris: Mouton, 1972.
- ENTREVISTA sobre Donald Pierson. [Entrevista cedida pela diretora do Charlotte Mayfield Retirement Center a] Dulce Maria Filgueira de Almeida. Flórida, 2016. Tradução de Priscila Almeida Suassuna.
- FREYRE, G. *Casa grande e Senzala*. São Paulo: Global, 2013 [1933].
- HART, C. *Legacy of the Chicago School: A collection of Essays in Honor of the Chicago School of Sociology During the First Half of the 20th Century*. Cheshire: Midrash Publications, 2010.
- HOBSBAWM, E. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 [1997].
- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LE BRETON, D. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: Quadrige, 1990.

- LE BRETON, D. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LE BRETON, D. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MARTINS, C. B. O legado do departamento de sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do interacionismo simbólico. *Revista Sociedade e Estado*, v. 28, p. 217-239, 2013.
- MENDOZA, E. S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). *Sociologias*, v. 7, n. 14, p. 440-470, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.
- OLIVEIRA, L. L. Donald Pierson e a sociologia no Brasil. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 23, p. 35-48, 1987.
- OLIVEIRA, N. S.; MAIO, M. C. Ciências Sociais e saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1950-1960). *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, v. 22, n. 2, p. 733-753, 2012.
- PAIS, J. M. *Lufa-lufa quotidiana: Ensaio sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PARK, R. E. *On social control and collective behavior*. Chicago: Chicago University Press, 1967.
- PARK, R. E. The city as a social laboratory. In: SMITH, T.V.; WHYTE, L. (org.). *Chicago: an experiment in social science research*. Chicago: The University of Chicago Press, 1929.
- PARK, R. E. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. *American Journal of Sociology*, v. 20, n. 5, p. 577-612, 1915; 1992.
- PARK, R. E; BURGESS, E. (org.). *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1970 [1921].
- PARK, R. E; MCKENZIE, R. *The City: Suggestions for the Investigation of Human Nature in the Urban Environment*. Chicago: University of Chicago Press, 1925.
- PEIRANO, M. Artimanhas do acaso. *Anuário Antropológico*, v. 14, n. 1, p. 9-21, 1990.
- PIERSON, D. *Cruz das Almas: a Brazilian village*. Washington: Washington Smithsonian Institution, 1951 [1949].
- PIERSON, D. *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*. Chicago: University of Chicago Press, 1967 [1942].
- PIERSON, D. *O homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Suvale, 1972.
- PIERSON, D. *Teoria e pesquisa em Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1977 [1965].
- PIERSON, D. The educational process and the Brazilian negro. *American Journal of Sociology*, v. 48, n. 6, p. 692-700, 1943.

- PIERSON, D. The family in Brazil. *Marriage and Family Living*, v. 16, n. 4, p. 308-314, 1954.
- POL, A. M. Com quase 20 anos, política de cotas revela resultados positivos na UnB. *Correio Braziliense*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/05/5004171-com-quase-20-anos-politica-de-cotas-revela-resultados-positivos-na-unb.html>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- RAMOS, A. The negro in Brazil. *Journal of Negro Education*, New York, v. 10, n. 3, p. 515-523, 1941.
- RAUSHENBUSH, W. *Robert E. Park: biography of a sociologist*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1979.
- RODRIGUES, J. H. The influence of Africa on Africa and of Brazil on Africa. *The Journal of African History*, Cambridge Press University, v. 3, n. 1, p. 49-67, 1962.
- RODRIGUES, N. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Bahia: Progresso, 1957 [1894].
- RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. Brasília: Editora UnB, 1988 [1932].
- SHWARCZ, L. *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, I. O. P. *De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das ciências sociais (1930-1950)*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES, E. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SOUZA, J. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.
- VALLADARES, L. A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH*, v. 23, n. 58, p. 35-49, 2010.
- VALLADARES, L. (org.) *A escola de Chicago: Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- VILA NOVA, S. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia Brasileira: Entre humanistas e messiânicos*. Lisboa: Vega, 1998.



Apêndice

Entrevista¹

Entrevistada: [...] eu adoraria contar essa história e passar isso pra frente. Ele era uma pessoa maravilhosa.

Entrevistada 2: Eles querem gravar, mãe.

Entrevistadora: Podemos gravar o que você está falando?

Entrevistada: Sim, podem ir em frente!

Entrevistadora: Posso me sentar aqui?

Entrevistada: Pode. Ele entendia os seres humanos melhor do que qualquer pessoa que eu já conheci. Ele me ajudou a passar por... Eu sofri um acidente de carro em 1992, e minha irmã e minha prima morreram nesse acidente. Ele me ajudou muito a passar por tudo isso. Eu vou chorar... Ele me ajudou tanto a passar pela depressão, pela tristeza, pelo processo de perder membros da minha família. Ele entendia não só como o ser humano funcionava e atuava, mas ele entendia sua mente. Ele era capaz de se comunicar absurdamente bem com outros seres humanos. E ele ainda era muito inteligente. As coisas que ele me ensinou! Ele saía e colecionava pequenas pedras. Eu queria ainda ter alguma pedra dessas aqui, mas não sei o que aconteceu com elas. Ele tinha pedras de diferentes lugares do mundo. Eu me interessava muito sobre a história arqueológica da Pompeia, e ele tinha uma pedra da Pompeia! Ele me ensinou toda a história da Pompeia e ele falou como foi interessante ter ido lá e entender a cultura. Então, nós sentávamos e conversávamos muito sobre coisas desse tipo, porque eu adorava arqueologia, história... Ele se envolvia mais pelo lado antropológico. Então, ele me ajudava a compreender a língua das outras pessoas e explicava como as línguas mudavam de acordo com cada país e, inclusive, regiões. Ele era brilhante. Eu não sei o que mais posso falar dele, exceto que ele era brilhante. Você tem alguma coisa a dizer sobre Donald?

¹ Entrevista realizada em Leesburg, na Flórida, com a diretora do Charlotte Mayfield Retirement Center, casa para idosos onde Donald Gray Pierson e Helen Joy Batchelor Pierson (1906-1994) viveram seus últimos dias de vida. A entrevista teve duração de 15 minutos, foi feita em inglês e foi traduzida por Priscila Almeida Suassuna.

Entrevistada 2: Eu acho que eu tinha 15 anos quando ele faleceu, então eu não participava muito dos negócios familiares naquela época. Uma coisa que eu me lembro sobre o sr. Pierson foi que ele enfatizava muito sobre como trabalhos “pequenos” eram tão importantes quanto trabalhos “maiores”. Acho que você estava comigo em uma conversa em que falamos sobre crescer. Ele sempre estava interessado no que as pessoas queriam ser e fazer na vida, e ele disse algo do tipo: “precisamos de pessoas que trabalham como caixas de supermercado, mas também precisamos de pessoas que querem ser presidentes, e todas essas pessoas são igualmente necessárias”. Você se lembra dessa conversa? Eu carreguei isso comigo a minha vida toda.

Entrevistada: Sim, vagamente. Ele via relevância em todos os tipos de trabalho: a pessoa que trabalha como caixa de supermercado é tão importante quanto a pessoa que quer ser presidente. O trabalho dela/dele [caixa de supermercado] é tão válido e importante quanto qualquer outro para fazer a sociedade funcionar bem.

Entrevistada 2: Quando eu era adolescente, ouvir algo assim de um homem como ele, que eu admirava e respeitava, foi muito legal. Eu nunca me esqueci disso.

Entrevistada: Ele respeitava todos os trabalhos do mundo e via valor em todo ser humano e no seu trabalho. Ele enfatizava muito isso. Ele conhecia tanto sobre antropologia, história... E muitas dessas pessoas tendem a perder a fé no seu criador, mas ele sempre acreditou. Ele falava comigo sobre – eu não sei o que ele tinha escrito nos livros dele ou o que ele dizia lá, mas ele falava muito sobre – como o mundo tinha sido perfeitamente criado e, por isso, o mundo precisava ter sido arquitetado por um arquiteto perfeito. Ele disse: “uma vez que você viaja o mundo, não há outra explicação que não seja um Deus para fazer a criação que você testemunha pelo mundo”. Você certamente não pensaria que ele era uma pessoa importante e renomada, porque ele era um homem muito simples. Ele amava a mim, assim como ele amava todo mundo que ele já conheceu. E ele fazia todos saberem disso.

Entrevistadora: Quando ele esteve aqui, ele encontrou alguém, recebeu alguma visita ou algum membro da família?

Entrevistada: Se ele teve visitantes? Hum... Você me remeteu há muito tempo atrás. Vamos ver. Eu não lembro se ele teve visitantes. Paul, você poderia pedir para Michelle vir ao escritório, por favor? Obrigada. Vamos ver.

Entrevistadora: Ele era feliz?

Entrevistada: Talvez ele tenha recebido alguém daqui de perto, algum amigo mais próximo dele daqui. Se ele era feliz? Sim! Ele era muito feliz. Eu estava com ele no momento em que ele morreu. Ele só ficava deitado na cama, resistindo, e os meus funcionários comentavam:

“coitado do sr. Pierson! Ele não está querendo partir”. Sabe? Na época, eu tinha 18 anos de idade e entrei no quarto dele, segurei sua mão... Paul, você sabe o nome da mulher dele?

Entrevistadora: Hellen.

Entrevistada: Hellen. Isso mesmo! Eu segurei a mão dele e eu disse: “sr. Pierson, Hellen está esperando você. Pode ir. Você está bem. Tudo está bem”. Isso porque ele não respondia mais a nada naquele momento. Eu segurei a mão dele e falei tudo aquilo. Acho que fiquei sentada lá com ele por uns 15 ou 20 minutos. Quando ele partiu, eu não tive certeza, porque eu era nova, mas eu saí do quarto e falei: “por favor, vocês poderiam vir dar uma olhada no sr. Pierson? Eu acho que ele parou de respirar, mas eu não sei”. Então, foram olhar como ele estava e eu pensei: “é... Ele se foi”. Eu chorei. Eles me deram a TV dele, porque eu tinha acabado de me casar e não tinha uma TV, mas eu era muito próxima dele e ele não tinha nenhuma família, nem nada, mas ele tinha uma TV no quarto dele. Minha mãe disse: “você quer ficar com a TV dele?”. E eu disse: “eu adoraria!”. E eu tive essa TV, provavelmente, pelos primeiros dez anos do meu casamento. Acabou virando uma coisa velha, mas, mesmo assim, eu mantive a TV, porque eu não conseguia desapegar, porque era dele. Você poderia perguntar à Michelle para mim se ela se lembra?

Entrevistadora: Não. Não precisa. Está tudo bem.

Entrevistada: Então, eu me lembro do dia em que ele morreu. Eu estava aqui e eu me lembro de segurar a sua mão e tudo; eu me lembro de ter ficado com a TV dele. Certas coisas que ele disse a mim... Eu não vou me lembrar exatamente do jeito que ele falou, mas era algo do tipo: “o jeito que a mente de alguém é inventada é quem essa pessoa é, apesar da sociedade em que ela cresceu”. Isso porque ele testemunhou uma sociedade seguindo outra e fazendo a mesma coisa culturalmente, mas ele testemunhou pessoas cujo cérebro se conectava de uma forma diferente ou algo assim. E essas pessoas conseguiam pensar fora da caixa, ser um líder naquela sociedade e fazer a diferença na cultura ou algo assim. Então, ele sempre pensou que o nosso cérebro fosse conectado para ser de um jeito. E ele dizia: “eu não tinha entendido isso até ter ficado mais velho, mas quanto mais eu estudo as pessoas do Sul, mais eu entendo que certos cérebros – e eu não sei se estou falando exatamente como ele dizia, mas – foram conectados de uma forma diferente para tomar um passo diferente na vida, e essas são as pessoas que mudam a sociedade, a cultura e que inventam as coisas, essas pessoas são os artistas e coisas do tipo. Eles estão fora da monotonia da cultura”, ele dizia. Eu queria conseguir lembrar de tudo que a gente conversava, mas faz tantos anos. Ele era incrível.

Entrevistadora: Por quanto tempo ele morou aqui?

Entrevistada: Isso é difícil de lembrar. Eu não acho que ele ficou aqui por muito tempo. Talvez um ano ou dois. E o pior é que eu não tenho mais o arquivo (prontuário?) dele, porque faz muito tempo. Deixe-me pensar. Ele só ficou aqui por um ou dois anos, provavelmente. Ele não tinha muita coisa para fazer. Eu me lembro onde ficava o quarto dele e tudo.

Entrevistadora: Hellen viveu aqui também?

Entrevistada: Eu não me lembro se ela esteve aqui ou não. Eu me lembro do nome dela, mas não sei se ela esteve aqui com ele. Faz tanto tempo.

Entrevistadora: Talvez ela tenha morado aqui antes.

Entrevistada: Você se lembra se Hellen morou aqui, a esposa dele?

Entrevistada 2: Não. Eu acho que não.

Entrevistada: Eu realmente não me lembro dela. Eu me lembro de ter visto fotos dela.

Entrevistadora: Encontrar o endereço no obituário...

Entrevistadora: Na verdade, eu encontrei esse endereço no obituário dela.

Entrevistada: No obituário dela? Não no dele?

Entrevistadora: Isso. No obituário dela. Eu não tenho certeza do porquê.

Entrevistada: Talvez ela tenha estado aqui por um curto período. Eu realmente não me lembro. Faz muito tempo.

Entrevistadora: Dois anos antes dele?

Entrevistadora: Não. Um ano antes dele.

Entrevistadora: Você se lembra de quando ela morreu?

Entrevistada: Eu queria conseguir lembrar. Faz tanto tempo e tanta gente passa por aqui. A única razão para eu saber é que eu sempre digo que tem dois residentes que eu... Eu amo todos os residentes, e a minha família trabalha nessa indústria há mais de 50 anos, então, tudo o que eu fiz na minha vida foi cuidar dos mais velhos... E eu sempre digo às pessoas que eu tive dois residentes de quem eu era muito próxima. O primeiro foi um homem chamado

Dan Doyle, e ele morreu em 1998. E o outro era Donald Pierson, porque ele era brilhante. Eu chorei muito quando ele morreu. Por quanto tempo você vai ficar aqui na Flórida?

Entrevistadora: Só hoje mesmo. Tenho um voo em alguns minutos.

Entrevistadora: Ela tem um e-mail.

Entrevistada: Você tem um e-mail? Era isso que eu ia dizer! Se, por acaso, eu... Se, por acaso, eu encontrar as fotos... Você tem o livro vermelho? É esse que você tem?

Entrevistadora: Você pode colocar seu e-mail aqui?

Entrevistada: Sim. O livro que você tem é um com a capa vermelha? É esse o livro que você tem?

Entrevistadora: Eu não sei.

Entrevistada: O livro se chama *Sociology*...

Entrevistadora: Ah! Esses livros são daqui. Eu não tenho.

Entrevistada: Você não tem aquele livro?

Entrevistadora: Não. Só tenho esse.

Entrevistada: Então, você pode ficar com aquele livro ali.

Entrevistadora: Muito obrigada.

Entrevistada: De nada. Você tem um que tem a capa vermelha. Tem um nome longo e eu não falo português.

Entrevistadora: Você tá falando do livro *Negroes in Brazil*?

Entrevistada: Eu acho que é em português do Brasil. É esse o que você tem?

Entrevistadora: Eu tenho esse aqui.

Entrevistada: Ok. É que eu tenho um livro que é *Sociology... something... in Brazil*, ou algo assim. É desse que você está falando?

Entrevistadora: Eu acho que sim.

Entrevistada: Ok. Eu ia dizer que, se eu tivesse outro livro, eu mandaria esse outro para você também. Na verdade, eu vou te dar um cartão antes de vocês irem.

Entrevistadora: Muito obrigada.

Entrevistada: E o seu nome é...?

Entrevistadora: Entrevistadora Filgueira.

Entrevistada: E você é...?

Entrevistadora: Entrevistador.

Entrevistada: Eu só tô tentando saber como se fala, como se pronuncia o nome de vocês.

Entrevistadora: Esse é o meu endereço pessoal.

Entrevistada: É pra eu usar esse aqui?

Entrevistadora: Eu tenho um cartão também.

Entrevistada: O que eu posso fazer é: eu posso tentar localizar fotos, algo que ele escreveu ou se eu encontrar qualquer coisa dele aqui, eu posso escanear e enviar para você por e-mail. Eu gostaria de ter mais informações para passar para vocês, mas é que faz tanto tempo.

Entrevistadora: Muito obrigada. Imagina! Foi perfeito.

Entrevistada: Ele era maravilhoso. Eu o amava. Eu me sinto honrada de você estar fazendo um trabalho sobre ele. Ele passou quanto tempo no Brasil? 18 anos?

Entrevistadora: Sim! Aproximadamente 18 a 20 anos no Brasil.

Entrevistada: Sei que ele passou bastante tempo em outros países também, mas ele amava o Brasil. Ele sentia que era o povo dele. Acho que ele adorou o trabalho que ele fez lá. Ele sempre falava muito bem do país e das pessoas.

Entrevistadora: Muito obrigada!

Entrevistada: De nada! Foi tão bom te conhecer. Eu queria ter mais...

Entrevistadora: O seu cartão?

Entrevistada: Sim! Vou entregar para vocês. Está aqui perto da porta.

Entrevistadora: Posso tirar uma foto daqui de fora?

Entrevistada: Tirar uma foto minha?

Entrevistadora: Não. Uma foto do lado de fora.

Entrevistada: Você não precisa de uma foto minha. Do lado de fora? Sim, claro. Fiquem à vontade. Vocês querem que eu mostre a vocês onde o quarto antigo dele ficava?

Entrevistadora: Sim! Claro!

Entrevistada: Um outro homem mora lá agora, mas vamos lá.

Entrevistadora: É o quarto dele.

Entrevistada: Oi! Eu vou só mostrar o seu quarto, porque um velho cientista que morou no Brasil, o nome dele era Donald Pierson, ele foi um antropólogo e um sociólogo, e ele morava nesse quarto. Ela está fazendo uma pesquisa sobre ele e ela queria ver...

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

SOCIOLOGIA DO CORPO

Donald Pierson e a sociologia da itinerância

O livro assume como premissa que a constituição da sociologia do corpo no Brasil se perfaz por meio dos estudos do corpo negro, advogando que a questão racial ocupa lugar de centralidade. Consubstancia-se numa análise da influência de Donald Pierson (1900-1995) na constituição da sociologia do corpo no Brasil com base na sociologia da itinerância. Considerado um sociólogo outsider, Pierson foi invisibilizado no Brasil e nos Estados Unidos, onde nasceu. Pobre, branco, com valores do mundo rural e protestante, Pierson assume para si um papel de desbravar estudos em terras brasileiras. Neste país, além de produzir sua tese “Negroes in Brazil. A study of racial contact” (1934-1937), um estudo realizado em Salvador/BA, Pierson foi professor e chegou a coordenar o primeiro curso de pós-graduação em Sociologia da Escola Livre de Sociologia e Política (1939-1959). No transcurso da pesquisa, que se originou este livro, e, que está relacionado às rotas sinuosas da trajetória intelectual, profissional e pessoal de Pierson, que se entrecruzam com as da autora, expressões marcadas por sentimentos eclodem, contribuindo para a redefinição da pesquisa. O livro lança mão da etnografia historiográfica como uma proposição metodológica para os estudos do corpo/corporeidade humana, definindo-a como um delineamento metodológico que envolve a pesquisa biográfica, imersão em arquivos documentais (fontes históricas e bibliográficas) e desdobra-se em trabalho de campo.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia